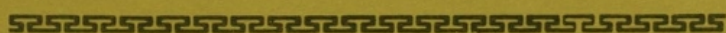
Babylon Mystery Religion

ANCIENT AND MODERN

Over 175,000 in Print

ISBN 0-916938-00-X

Single Copies
$3.95

(quantity prices on request)

Available from your local bookstore
or from the author:

RALPH WOODROW
P. O. BOX 124
Riverside, California 92502

Also Available in Spanish
Babilonia, Misterio Religioso

Contents

THE POPE CELEBRATING MASS AT THE HIGH ALTAR OF ST. PETER'S CHURCH IN ROME. Do Popes and priests really have power to change bread and wine into the flesh and blood of Christ during the mysterious Mass ritual? See Chapter Seventeen.

CAPÍTULO UM

Babilônia-Fonte da falsa religião

A RELIGIÃO DE MISTÉRIOS da Babilônia foi simbolicamente descrita no último livro da Bíblia como uma mulher "vestida de púrpura e escarlate, e ornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão uma taça de ouro cheia de abominações e imundícias de sua prostituição; e na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO, A GRANDE Babilônia, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA" (Apocalipse 17:1-6).

Quando a Bíblia usa linguagem simbólica, uma "mulher" pode simbolizar uma igreja. A verdadeira igreja, por exemplo, é comparada a uma noiva, uma virgem casta, uma mulher sem mancha ou defeito (Efésios 5:27; Apoc. 19:7, 8). Mas em contraste marcante com a verdadeira igreja, a mulher do nosso texto é mencionada como uma mulher impura, uma mulher impura, uma prostituta. Se for correto aplicar esse simbolismo a um sistema de igreja, é claro que apenas uma igreja contaminada e caída pode ser considerada! Em grandes letras maiúsculas, a Bíblia a chama de "MISTÉRIO BABILÔNIA".

Quando João escreveu o livro do Apocalipse, a Babilônia – como cidade – já havia sido destruída e deixada em ruínas, como os profetas do Antigo Testamento haviam predito (Isaías 13:19-22; Jer. 51-52).

Mas embora a cidade de Babilônia tenha sido destruída, os conceitos e costumes religiosos que se originaram na Babilônia continuaram e foram bem representados em muitas nações do mundo. Exatamente qual era a religião da antiga Babilônia? Como tudo começou? Que significado tem nos tempos modernos? Como tudo isso se relaciona com o que João escreveu no livro de Apocalipse?

Voltando as páginas do tempo para o período logo após o dilúvio, os homens começaram a migrar do leste, "e aconteceu que, partindo do leste, encontraram uma planície na terra de Sinar; e habitaram ali" (Gn 11:2). Foi nesta terra de Sinar que a cidade de Babilônia foi construída e esta terra ficou conhecida como Babilônia ou mais tarde como Mesopotâmia.

Aqui os rios Eufrates e Tigre acumularam ricos depósitos de terra que podiam produzir colheitas em abundância. Mas havia certos problemas que as pessoas enfrentavam. Por um lado, a terra estava infestada de animais selvagens que eram uma ameaça constante à segurança e paz dos habitantes (cf. Êxodo 23:29,30). Obviamente, qualquer um que pudesse fornecer proteção contra essas feras com sucesso seria muito aclamado pelo povo.

Foi nesse ponto que um homem grande e forte, chamado Nimrod, apareceu em cena. Ele se tornou famoso como um poderoso caçador contra os animais selvagens. A Bíblia nos diz: "E Cuxe gerou a Ninrode; ele começou a ser um poderoso na terra. Ele foi um poderoso caçador diante do Senhor; por isso é dito: Como Ninrode, o poderoso caçador diante do Senhor" (Gn.10). :8,9).

Aparentemente, o sucesso de Nimrod como um poderoso caçador fez com que ele se tornasse famoso entre aqueles povos primitivos. Ele se tornou "um poderoso" na terra - um líder famoso nos assuntos mundanos. Ganhando esse prestígio, ele concebeu um meio melhor de proteção. Em vez de lutar constantemente contra as feras, por que não organizar as pessoas em cidades e cercá-las com muros de proteção? Então, por que não organizar essas cidades em um reino? Evidentemente, este era o pensamento de Ninrode, pois a Bíblia nos diz que ele organizou tal reino. "E o princípio do seu REINO foi Babel, Ereque, Acade e Cale, na terra de Sinar" (Gn 10:10). O reino de Ninrode é o primeiro mencionado na Bíblia.

Quaisquer avanços que possam ter sido feitos por Ninrode teriam sido muito bons, mas Ninrode era um governante ímpio.

O nome Nimrod vem de marad e significa "ele é liderado por rebeldes". A expressão de que ele era um poderoso "diante do Senhor" pode ter um significado hostil - a palavra "antes" às vezes é usada como significando "contra" o Senhor.1 A Enciclopédia Judaica diz que Ninrode foi "aquele que fez todo o povo rebelde contra Deus."

O notável historiador Josefo escreveu: "Agora foi Ninrode quem os excitou a tal afronta e desprezo a Deus... Ele também gradualmente transformou o governo em tirania, não vendo outra maneira de desviar os homens do temor de Deus... multidões estavam muito dispostas a seguir a determinação de Ninrode ... e eles construíram uma torre, não poupando esforços, nem sendo em qualquer grau negligentes sobre o trabalho: e, por causa da multidão de mãos empregadas nele, cresceu muito alto... O lugar onde eles construíram a torre é agora chamado Babilônia."

Baseando suas conclusões em informações que chegaram até nós na história, lenda e mitologia, Alexander Hislop escreveu em detalhes como a religião babilônica se desenvolveu em torno das tradições relativas a Ninrode, sua esposa Semiramis e seu filho Tamuz. Quando Nimrod morreu, de acordo com as histórias antigas, seu corpo foi cortado em pedaços, queimado e enviado para várias áreas. Práticas semelhantes são mencionadas até mesmo na Bíblia (Juízes 19:29; 1 Sam. 11:7).

Tammuz

Após sua morte, que foi muito lamentada pelo povo da Babilônia, sua esposa Semiramis afirmou que ele era agora o deus-sol. Mais tarde, quando ela deu à luz um filho, ela alegou que seu filho, Tammuz pelo nome, era seu herói Nimrod renascido. (O corte ao lado mostra a forma como Tamuz passou a ser representado na arte clássica.) A mãe de Tamuz provavelmente tinha ouvido a profecia da vinda do Messias para nascer de uma mulher, pois esta verdade era conhecida desde os primeiros tempos (Gn 3.3). :15).

Ela alegou que seu filho foi concebido sobrenaturalmente e que ele era a semente prometida, o "salvador". Na religião que se desenvolveu, no entanto, não apenas a criança era adorada, mas a mãe também!

Grande parte do culto babilônico era realizado por meio de símbolos misteriosos — era uma religião de "mistério". O bezerro de ouro, por exemplo, era um símbolo de Tamuz, filho do deus-sol. Como se acreditava que Nimrod era o deus-sol ou Baal, o fogo era considerado sua representação terrena. Assim, como veremos, velas e fogueiras rituais foram acesas em sua homenagem. Em outras formas, Nimrod era simbolizado por imagens do sol, peixes, árvores, pilares e animais.

Séculos mais tarde, Paulo deu uma descrição que se encaixa perfeitamente no curso que o povo da Babilônia seguiu: “Quando conheceram a Deus, não o glorificaram como Deus... Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em IMAGEM semelhante a homem corruptível, e a aves, e quadrúpedes, e répteis... mentir, e adoraram e serviram mais à CRIATURA do que ao CRIADOR... por isso Deus os entregou a paixões vis." (Romanos 1:21-26).

Esse sistema de idolatria se espalhou da Babilônia para as nações, pois foi desse local que os homens se espalharam pela face da terra (Gn 11:9). Ao saírem da Babilônia, eles levaram sua adoração à mãe e ao filho, e os vários símbolos misteriosos com eles. Heródoto, o viajante do mundo e historiador da antiguidade, testemunhou a religião dos mistérios e seus ritos em vários países e menciona como Babilônia era a fonte primordial da qual todos os sistemas de idolatria fluíram. Bunsen diz que o sistema religioso do Egito foi derivado da Ásia e "do império primitivo em Babel". Em sua notável obra Nineveh and its Remains, Layard declara que temos o testemunho unificado da história sagrada e profana de que a idolatria se originou na região de Babilônia — o mais antigo dos sistemas religiosos. Todos esses historiadores foram citados por Hislop.

Quando Roma se tornou um império mundial, é um fato conhecido que ela assimilou em seu sistema os deuses e religiões dos vários países pagãos sobre os quais ela governava. Como a Babilônia foi a fonte do paganismo desses países, podemos ver como a religião primitiva da Roma pagã era apenas o culto babilônico que se desenvolveu em várias formas e sob diferentes nomes nos países para onde foi.

Tendo isso em mente, notamos que foi nessa época — quando Roma governava o mundo — que o verdadeiro salvador, Jesus Cristo, nasceu, viveu entre os homens, morreu e ressuscitou. Ele subiu ao céu, enviou de volta o Espírito Santo, e a igreja do Novo Testamento foi estabelecida na terra. Que dias gloriosos! Basta ler o livro de Atos para ver o quanto Deus abençoou seu povo naqueles dias. Multidões foram acrescentadas à igreja – a verdadeira igreja. Grandes sinais e maravilhas foram realizados quando Deus confirmou sua palavra com sinais que se seguiram. O verdadeiro cristianismo, ungido pelo Espírito Santo, varreu o mundo como um fogo de pradaria. Rodeou as montanhas e atravessou os oceanos. Fez os reis tremerem e os tiranos temerem. Foi dito daqueles primeiros cristãos que eles viraram o mundo de cabeça para baixo!—tão poderoso era sua mensagem e espírito.

Antes que muitos anos se passassem, porém, os homens começaram a se estabelecer como "senhores" sobre o povo de Deus no lugar do Espírito Santo. Em vez de conquistar por meios espirituais e pela verdade - como nos primeiros dias - os homens começaram a substituir suas idéias e seus métodos. Tentativas de fundir o paganismo ao cristianismo estavam sendo feitas mesmo nos dias em que nosso Novo Testamento estava sendo escrito, pois Paulo mencionou que o "mistério da iniqüidade" já estava em ação, advertiu que haveria uma "apostasia" e alguns iria "afastar-se da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demônios" - as doutrinas falsificadas dos pagãos (2 Tessalonicenses 2:3, 7; 1 Timóteo 4:2).

No momento em que Judas escreveu o livro que leva seu nome, foi necessário que ele exortasse o povo a "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos", pois alguns homens haviam se infiltrado e estavam tentando substituir coisas que não faziam parte da fé original (Judas 1:3, 4).

O cristianismo ficou cara a cara com o paganismo babilônico em suas várias formas que se estabeleceram no Império Romano.

Christians martyred.

Os primeiros cristãos se recusaram a ter qualquer coisa a ver com seus costumes e crenças. Muita perseguição resultou. Muitos cristãos foram acusados falsamente, jogados aos leões, queimados na fogueira e de outras maneiras torturados e martirizados.

Então grandes mudanças começaram a ser feitas. O imperador de Roma professou a conversão ao cristianismo. Ordens imperiais foram emitidas por todo o império para que as perseguições cessassem. Os bispos receberam altas honras. A igreja começou a receber reconhecimento e poder mundanos. Mas por tudo isso, um grande preço teve que ser pago! Muitos compromissos foram feitos com o paganismo. Em vez de a igreja estar separada do mundo, tornou-se parte deste sistema mundial. O imperador mostrando favor, exigiu um lugar de liderança na igreja; pois no paganismo, acreditava-se que os imperadores eram deuses. Dali em diante, misturas indiscriminadas de paganismo com cristianismo foram feitas, especialmente em Roma. Acreditamos que as páginas que seguem provam que foi essa mistura que produziu aquele sistema que hoje é conhecido como Igreja Católica Romana. Não duvidamos que existam muitos católicos bons, sinceros e devotos. Não é nossa intenção tratar levianamente ou ridicularizar qualquer pessoa cujas crenças possamos discordar aqui. Em vez disso, esperamos que este livro inspire as pessoas – independentemente de sua afiliação à igreja – a abandonar as doutrinas e conceitos babilônicos e buscar um retorno à fé que uma vez foi entregue aos santos.

CAPÍTULO DOIS

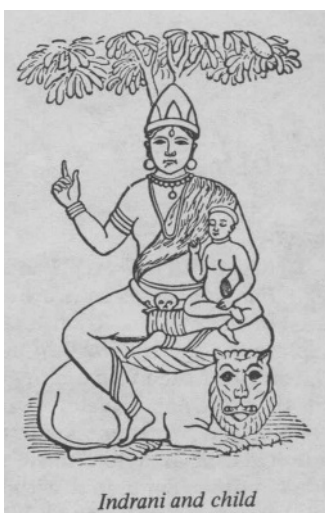
Culto mãe e filho

UM DOS MAIS notáveis exemplos de como o paganismo babilônico continuou até nossos dias pode ser visto na maneira como a igreja romana inventou o culto a Maria para substituir o antigo culto da deusa mãe.

A história da mãe e do filho era amplamente conhecida na antiga Babilônia e se desenvolveu em um culto estabelecido. Numerosos monumentos da Babilônia mostram a deusa mãe Semiramis com seu filho Tamuz em seus braços) Quando o povo da Babilônia foi espalhado por várias partes da terra, eles levaram a adoração da mãe divina e seu filho com eles. Isso explica por que muitas nações adoravam mãe e filho – de uma forma ou de outra – séculos antes do verdadeiro salvador, Jesus Cristo, nascer neste mundo! Nos vários países onde esse culto se espalhou, a mãe e o filho eram chamados por nomes diferentes, pois, lembramos, a linguagem era confusa em Babel.

Os chineses tinham uma deusa mãe chamada Shingmoo ou a "Mãe Sagrada". Ela é retratada com uma criança nos braços e raios de glória ao redor de sua cabeça.

Os antigos alemães adoravam a virgem Hertha com criança nos braços. Os escandinavos a chamavam de Disa, que também foi fotografada com uma criança. Os etruscos a chamavam de Nutria, e entre os druidas a Virgo-Patitura era adorada como a "Mãe de Deus". Na Índia, ela era conhecida como Indrani, que também foi representada com uma criança nos braços, como mostra a ilustração ao lado.

Indrani and child

A deusa mãe era conhecida como Aphodite ou Ceres para os gregos; Nana, aos sumérios; e como Vênus ou Fortuna para seus devotos nos velhos tempos de Roma, e seu filho como Júpiter. A ilustração abaixo mostra a mãe e a criança como Devaki e Crishna. Por eras, Isi, a "Grande Deusa" e seu filho Iswara, foram adorados na Índia, onde templos foram erguidos para sua adoração.

Devaki and Crishna

Na Ásia, a mãe era conhecida como Cibele e a criança como Deoius. "Mas, independentemente de seu nome ou lugar", diz um escritor, "ela era a esposa de Baal, a virgem rainha do céu, que deu frutos embora nunca concebesse".

Quando os filhos de Israel caíram em apostasia, eles também foram contaminados com a adoração da deusa mãe. Como lemos em Juízes 2:13: "Deixaram o Senhor e serviram a Baal e Astarote". Astarote ou Astarote era o nome pelo qual a deusa era conhecida pelos filhos de Israel. É lamentável pensar que aqueles que conheceram o verdadeiro Deus se afastariam dele e adorariam a mãe pagã. No entanto, isso é exatamente o que eles fizeram repetidamente (Juízes 10:6; 1 Sam 7:3, 4; 12:10; 1 Reis 11:5; 2 Reis 23:13). Um dos títulos pelos quais a deusa era conhecida entre eles era "rainha dos céus" (Jeremias 44:17-19). O profeta Jeremias os repreendeu por adorá-la, mas eles se rebelaram contra sua advertência.

Em Éfeso, a grande mãe era conhecida como Diana. O templo dedicado a ela naquela cidade era uma das sete maravilhas do mundo antigo! Não apenas em Éfeso, mas em toda a Ásia e no mundo a deusa era adorada (Atos 19:27).

No Egito, a mãe era conhecida como Ísis e seu filho como Hórus. É muito comum que os monumentos religiosos do Egito mostrem o infante Hórus sentado no colo de sua mãe.

Isis and Horus

Esta falsa adoração, tendo se espalhado da Babilônia para as várias nações, em diferentes nomes e formas, finalmente se estabeleceu em Roma e em todo o Império Romano. Diz um notável escritor sobre este período: "A adoração da Grande Mãe... era... muito popular sob o Império Romano. Inscrições provam que os dois (a mãe e a criança) receberam honras divinas... não só na Itália e especialmente em Roma, mas também nas províncias, particularmente na África, Espanha, Portugal, França, Alemanha e Bulgária."

Foi durante esse período, quando a adoração da mãe divina era muito proeminente, que o salvador, Jesus Cristo, fundou a verdadeira igreja do Novo Testamento. Que igreja gloriosa era naqueles primeiros dias! Por volta dos séculos III e IV, no entanto, o que era conhecido como "igreja" havia se afastado de muitas maneiras da fé original, caindo na apostasia sobre a qual os apóstolos haviam advertido. Quando esta "apostasia" veio, muito paganismo foi misturado com o cristianismo. Pagãos não convertidos foram levados para a igreja professa e, em vários casos, foram autorizados a continuar muitos de seus ritos e costumes pagãos - geralmente com algumas reservas ou mudanças para fazer suas crenças parecerem mais semelhantes à doutrina cristã.

Um dos melhores exemplos de tal herança do paganismo pode ser visto na maneira como a igreja professa permitiu que o culto da grande mãe continuasse - apenas de uma forma ligeiramente diferente e com um novo nome! Você vê, muitos pagãos foram atraídos para o cristianismo, mas tão forte era sua adoração pela deusa mãe, eles não queriam abandoná-la. Líderes comprometidos da igreja viram que se pudessem encontrar alguma semelhança no cristianismo com a adoração da deusa mãe, eles poderiam aumentar muito seu número. Mas quem poderia substituir a grande mãe do paganismo? Claro, Maria, a mãe de Jesus, era a pessoa mais lógica para eles escolherem. Por que, então, eles não podiam permitir que as pessoas continuassem suas orações e devoção a uma deusa mãe, apenas a chamando pelo nome de Maria em vez dos nomes anteriores pelos quais ela era conhecida? Aparentemente, esse foi o raciocínio empregado, pois foi exatamente isso que aconteceu! Pouco a pouco, o culto que estava associado à mãe pagã foi transferido para Maria.

Mas a adoração a Maria não fazia parte da fé cristã original. É evidente que Maria, a mãe de Jesus, era uma mulher excelente, dedicada e piedosa—especialmente escolhida para carregar o corpo de nosso salvador—mas nenhum dos apóstolos ou o próprio Jesus jamais insinuou a ideia de adoração a Maria. Como afirma a Enciclopédia Britânica, durante os primeiros séculos da igreja, nenhuma ênfase foi colocada em Maria?

Este ponto também é admitido pela The Catholic Encyclopedia: "A devoção a Nossa Senhora em sua análise final deve ser considerada como uma aplicação prática da doutrina da Comunhão dos Santos. Visto que esta doutrina não está contida, pelo menos explicitamente, na formas anteriores do Credo dos Apóstolos, talvez não haja motivo para surpresa se não encontrarmos quaisquer vestígios

claros do culto da Santíssima Virgem nos primeiros séculos cristãos", sendo o culto de Maria um desenvolvimento posterior.

Não foi até a época de Constantino - no início do século IV - que alguém começou a olhar para Maria como uma deusa. Mesmo neste período, tal adoração foi desaprovada pela igreja, como é evidente pelas palavras de Epifânio (d. 403) que denunciou alguns de Trace, Arábia e outros lugares, por adorar Maria como uma deusa e oferecer bolos em seu santuário. Ela deveria ser honrada, disse ele, "mas que ninguém adore Maria". No entanto, em apenas mais alguns anos, o culto a Maria não foi apenas tolerado pelo que é conhecido hoje como a Igreja Católica, tornou-se uma doutrina oficial no Concílio de Éfeso em 431!

Diana of Ephesus

Em Éfeso? Foi nesta cidade que Diana foi adorada como a deusa da virgindade e da maternidade desde os tempos primitivos! Dizia-se que ela representava os poderes geradores da natureza e por isso foi retratada com muitos seios. Uma coroa em forma de torre, símbolo da torre de Babel, adornava sua cabeça.

Quando as crenças são mantidas por um povo por séculos, elas não são facilmente abandonadas. Assim, os líderes da igreja em Éfeso - quando a apostasia veio - também raciocinaram que se as pessoas pudessem manter suas idéias sobre uma deusa mãe, se isso pudesse ser misturado ao cristianismo e o nome Maria substituído, eles poderiam ganhar mais convertidos. Mas este não era o método de Deus. Quando Paulo veio a Éfeso nos primeiros dias, nenhum compromisso foi feito com o paganismo. As pessoas foram verdadeiramente convertidas e destruíram seus ídolos da deusa (Atos 19:24-27). Quão trágico que a igreja em Éfeso em séculos posteriores tenha comprometido e adotado uma forma de adoração à deusa mãe, o Concílio de Éfeso finalmente tornando-a uma doutrina oficial! A influência pagã nesta decisão parece aparente.

Outra indicação de que o culto a Maria se desenvolveu a partir do antigo culto da deusa-mãe pode ser visto nos títulos que lhe são atribuídos. Maria é muitas vezes chamada de "A Madona". Segundo Hislop, essa expressão é a tradução de um dos títulos pelos quais a deusa babilônica era conhecida.

Na forma deificada, Ninrode veio a ser conhecido como Baal. O título de sua esposa, a divindade feminina, seria o equivalente a Baalti. Em inglês, esta palavra significa "Minha Senhora"; em latim, "Mea Domina", e em italiano, é corrompido na conhecida "Madonna"!

Entre os fenícios, a deusa mãe era conhecida como "A Senhora do Mar", e até mesmo esse título é aplicado a Maria - embora não haja conexão entre Maria e o mar!

As escrituras deixam claro que há um mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus (1 Tm 2:5). No entanto, o catolicismo romano ensina que Maria também é uma "mediadora". Orações para ela formam uma parte muito importante do culto católico. Não há base bíblica para essa ideia, mas esse conceito não era estranho às ideias ligadas à deusa mãe. Ela teve como um de seus nomes "Mylitta", que é "A Mediadora" ou mediadora.

Maria é frequentemente chamada de "rainha do céu". Mas Maria, a mãe de Jesus, não é a rainha do céu. "A rainha do céu" era um título da deusa mãe que era adorada séculos antes de Maria nascer. Claro nos dias de Jeremias, as pessoas estavam adorando "a rainha do céu" e praticando ritos que eram sagrados para ela. Como lemos em Jeremias 7:18-20: "Os filhos apanham lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a massa, para fazer bolos para a rainha dos céus".

Um dos títulos pelos quais Ísis era conhecida era a "mãe de Deus". Mais tarde, este mesmo título foi aplicado a Maria pelos teólogos de Alexandria. Maria foi, é claro, a mãe de Jesus, mas apenas no sentido de sua natureza humana, sua humanidade. O significado original de "mãe de Deus" foi além disso; atribuiu uma posição glorificada à MÃE e, da mesma forma, os católicos romanos foram ensinados a pensar em Maria!

Tão firmemente escrita na mente pagã estava a imagem da deusa mãe com o filho em seus braços, quando os dias da apostasia chegaram, de acordo com um escritor, "o antigo retrato de Ísis e o filho Hórus foi finalmente aceito não apenas em opinião popular, mas por sanção episcopal formal, como o retrato da Virgem e seu filho". As representações de Ísis e seu filho eram muitas vezes encerradas em uma moldura de flores. Essa prática também foi aplicada a Maria, como bem sabem os que estudaram a arte medieval.

Astarte

Astarte, a deusa fenícia da fertilidade, estava associada à lua crescente, como visto em uma antiga medalha.

A deusa egípcia da fertilidade, Ísis, foi representada como estando na lua crescente com estrelas ao redor de sua cabeça. Nas igrejas católicas romanas por toda a Europa podem ser vistas fotos de Maria exatamente da mesma forma! A ilustração abaixo (conforme visto nos livretos de catecismo católico) retrata Maria com doze estrelas circulando sua cabeça e a lua crescente sob seus pés!

De várias maneiras, os líderes da apostasia tentaram fazer Maria parecer semelhante à deusa do paganismo e exaltá-la a um plano divino. Assim como os pagãos tinham estátuas da deusa, as estátuas eram feitas de "Maria". Diz-se que, em alguns casos, as mesmas estátuas que eram adoradas como Ísis (com seu filho) foram simplesmente renomeadas como Maria e o menino Jesus. "Quando o cristianismo triunfou", diz um escritor, "essas pinturas e figuras tornaram-se as da madona e da criança sem nenhuma quebra de continuidade: nenhum arqueólogo, de fato, pode agora dizer se alguns desses objetos representam um ou outro".

Muitas dessas figuras renomeadas foram coroadas e adornadas com joias – exatamente da mesma forma que as imagens das virgens hindus e egípcias. Mas Maria, a mãe de Jesus, não era rica (Lucas 2:24; Levítico 12:8). De onde, então, vieram essas jóias e coroas que são vistas nessas estátuas supostamente dela?

Por compromissos - alguns muito óbvios, outros mais ocultos - a adoração da mãe antiga continuou dentro da "igreja" da apostasia, misturada, com o nome de Maria substituindo os nomes mais antigos.

CAPÍTULO TRÊS

Adoração de Maria

TALVEZ A prova mais notável de que a adoração a Maria se desenvolveu a partir da antiga adoração da deusa-mãe pagã possa ser vista pelo fato de que na religião pagã, a mãe era adorada tanto (ou mais) quanto seu filho! Isso fornece uma pista excelente para nos ajudar a resolver o mistério da Babilônia hoje! O verdadeiro cristianismo ensina que o Senhor Jesus – e somente ELE – é o caminho, a verdade e a vida; que somente ELE pode perdoar o pecado; que somente ELE, de todas as criaturas da terra, viveu uma vida que nunca foi manchada pelo pecado; e ELE deve ser adorado — nunca sua mãe. Mas o catolicismo romano – mostrando a influência que o paganismo teve em seu desenvolvimento – de muitas maneiras também exalta a MÃE.

Pode-se viajar por todo o mundo e, seja em uma enorme catedral ou em uma capela de aldeia, a estátua de Maria ocupará uma posição de destaque. Ao recitar o Rosário, a "Ave Maria" é repetida nove vezes mais que o "Pai Nosso". Os católicos são ensinados que a razão de orar a Maria é que ela pode levar a petição a seu filho, Jesus; e como ela é sua mãe, ele atenderá ao pedido por causa dela. A inferência é que Maria é mais compassiva, compreensiva e misericordiosa do que seu filho Jesus. Certamente isso é contrário às escrituras! No entanto, essa ideia tem sido frequentemente repetida nos escritos católicos.

Um notável escritor católico romano, Alphonsus Liguori, escreveu longamente contando quão mais eficazes são as orações que são dirigidas a Maria do que a Cristo. Liguori, aliás, foi canonizado como "santo" pelo Papa Gregório XIV em 1839 e foi declarado "médico" da Igreja Católica pelo Papa Pio IX. Em uma parte de seus escritos, ele descreveu uma cena imaginária na qual um homem pecador viu duas escadas penduradas no céu. Mary estava no topo de uma; Jesus em cima do outro. Quando o pecador tentou subir a única escada, ele viu o rosto irado de Cristo e caiu derrotado. Mas quando ele subiu a escada de Maria, ele subiu facilmente e foi abertamente recebido por Maria que o trouxe para o céu e o apresentou a Cristo! Então estava tudo bem. A história deveria mostrar como é muito mais fácil e eficaz ir a Cristo através de Maria.

O mesmo escritor disse que o pecador que se aventura a vir diretamente a Cristo pode vir com medo de sua ira. Mas se ele orar à Virgem, ela só terá que "mostrar" àquele filho "os seios que lhe deram de mamar" e sua ira será imediatamente aplacada!

"Jacopone da Todi diante da Santíssima Virgem", uma xilogravura (1490)

Tal raciocínio está em conflito direto com um exemplo bíblico. "Bem-aventurado o ventre que te deu à luz", disse uma mulher a Jesus, "e os seios que mamaste!" Mas Jesus respondeu: "Ainda bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam" (Lc. 11:27, 28).

Tais ideias sobre os seios, por outro lado, não eram estranhas aos adoradores da deusa-mãe pagã. Imagens dela foram desenterradas que muitas vezes mostram seus seios extremamente desproporcionais ao seu corpo. No caso de Diana, para simbolizar sua fertilidade, ela é retratada com até cem seios!

Outras tentativas de exaltar Maria a uma posição glorificada dentro do catolicismo podem ser vistas na doutrina da "imaculada concepção". Esta doutrina foi pronunciada e definida por Pio IX em 1854 - que a Bem-Aventurada Virgem Maria "no primeiro instante de sua concepção... foi preservada isenta de toda mancha do pecado original". esforço para tornar Maria mais parecida com a deusa do paganismo, pois nos antigos mitos, acreditava-se que a deusa também tinha uma concepção sobrenatural! As histórias variavam, mas todas falavam de acontecimentos sobrenaturais relacionados à sua entrada no mundo, que ela era superior aos mortais comuns, que ela era divina. Pouco a pouco, para que os ensinamentos sobre Maria não parecessem inferiores aos da deusa mãe, foi necessário ensinar que a entrada de Maria neste mundo envolveu também um elemento sobrenatural!

A doutrina de que Maria nasceu sem a mancha do pecado original é bíblica? Responderemos a isso com as palavras da própria Enciclopédia Católica: "Nenhuma prova direta, categórica e rigorosa do dogma pode ser apresentada das Escrituras". Assinala-se, antes, que essas idéias foram um desenvolvimento gradual dentro da igreja.

Bem aqui deve ser explicado que esta é uma diferença básica, talvez a básica, entre a abordagem católica romana ao cristianismo e a visão protestante geral. A Igreja Católica Romana, como reconhece, há muito cresceu e se desenvolveu em torno de uma infinidade de tradições e idéias transmitidas pelos pais da igreja ao longo dos séculos, até crenças trazidas do paganismo se pudessem ser "cristianizadas" e também as escrituras. Conceitos de todas essas fontes foram misturados e desenvolvidos, finalmente para se tornarem dogmas em vários concílios da igreja. Por outro lado, a visão que a Reforma Protestante procurou reviver foi um retorno às escrituras reais como uma base mais sólida para a doutrina, com pouca ou nenhuma ênfase nas ideias que se desenvolveram nos séculos posteriores.

Indo direto às escrituras, não apenas falta qualquer prova para a ideia da imaculada concepção de Maria, há evidências do contrário. Enquanto ela era um vaso escolhido do Senhor, era uma mulher piedosa e virtuosa — uma virgem — ela era tão humana quanto qualquer outro membro da família de Adão. "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23), sendo a única exceção o próprio Jesus Cristo. Como todos os outros, Maria precisava de um salvador e admitiu isso claramente quando disse: "E o meu espírito se alegrou em Deus meu SALVADOR" (Lc. 1:47).

Se Mary precisava de um salvador, ela mesma não era uma salvadora. Se ela precisava de um salvador, então precisava ser salva, perdoada e redimida — assim como os outros. O fato é que a divindade de nosso Senhor não dependia de sua mãe ser algum tipo de pessoa exaltada e divina. Em vez disso, ele era divino porque era o filho unigênito de Deus. Sua divindade veio de seu Pai celestial.

A ideia de que Maria era superior a outros seres humanos não era ensinamento de Jesus. Certa vez alguém mencionou sua mãe e seus irmãos. Jesus perguntou: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" Então, estendendo a mão para seus discípulos, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos! Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e MÃE"

(Mt. 12). :46-50). Claramente, quem faz a vontade de Deus está, em um sentido definido, no mesmo nível de Maria.

Todos os dias os católicos de todo o mundo recitam a Ave Maria, o Rosário, o Ângelus, as Ladainhas da Santíssima Virgem e outros. Multiplicando o número dessas orações, vezes o número de católicos que as recitam todos os dias, alguém calculou que Maria teria que ouvir 46.296 petições por segundo! Obviamente, ninguém, a não ser o próprio Deus, poderia fazer isso. No entanto, os católicos acreditam que Maria ouve todas essas orações; e assim, necessariamente, eles tiveram que exaltá-la ao nível divino — bíblico ou não!

Tentando justificar a maneira como Maria foi exaltada, alguns citaram as palavras de Gabriel a Maria: "Bendita és tu entre as mulheres" (Lc. 1:28). Mas Maria sendo "bendita entre as mulheres" não pode torná-la uma pessoa divina, pois muitos séculos antes disso, uma bênção semelhante foi pronunciada sobre Jael, de quem foi dito: "Bem-aventurada acima das mulheres será Jael, a esposa de Heber, o queneu... ." (Juízes 5:24).

Antes de Pentecostes, Maria se reuniu com os outros discípulos esperando a promessa do Espírito Santo. Lemos que os apóstolos “todos perseveravam unânimes em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e seus irmãos” (Atos 1:14).

Típica das idéias católicas a respeito de Maria, a ilustração (como se vê no Catecismo Oficial de Baltimore 5) tenta dar a Maria uma posição central. Mas, como todos os estudantes da Bíblia sabem, os discípulos não estavam olhando para Maria naquela ocasião. Eles estavam olhando para o seu CRISTO ressuscitado e ascendido para derramar sobre eles o dom do Espírito Santo. Notamos também no desenho que o Espírito Santo (como uma pomba) é visto pairando sobre ela! No entanto, no que diz respeito ao relato bíblico, o único sobre quem o Espírito como uma pomba desceu foi o próprio Jesus — não sua mãe! Por outro lado, a deusa virgem pagã sob o nome de Juno era frequentemente representada com uma pomba na cabeça, assim como Astarte, Cibele e Ísis!

Outras tentativas de glorificar Maria podem ser vistas na doutrina católica romana da virgindade perpétua. Este é o ensinamento de que Maria permaneceu virgem durante toda a sua vida. Mas, como explica a Enciclopédia Britânica, a doutrina da virgindade perpétua de Maria não foi ensinada até cerca de trezentos anos após a ascensão de Cristo. Não foi até o Concílio de Calcedônia em 451 que esta fabulosa qualidade ganhou o reconhecimento oficial de Roma.

De acordo com as escrituras, o nascimento de Jesus foi o resultado de uma concepção sobrenatural (Mt 1:23), sem um pai terreno. Mas, depois que Jesus nasceu, Maria deu à luz outros filhos — a descendência natural de sua união com José, seu marido. Jesus era o filho "primogênito" de Maria

(Mt 1:25); não diz que ele era seu único filho. Jesus sendo seu filho primogênito certamente poderia inferir que mais tarde ela teve um segundo filho, possivelmente um terceiro filho, etc. Que tal fosse o caso parece evidente, pois os nomes de quatro irmãos são mencionados: e Judas (Mt 13: 55). As irmãs também são mencionadas. O povo de Nazaré disse: "...e suas irmãs, não estão todas conosco?" (versículo 56). A palavra "irmãs" é plural, é claro, então sabemos que Jesus tinha pelo menos duas irmãs e provavelmente mais, pois este versículo fala de "todas" suas irmãs. Normalmente, se estamos nos referindo a apenas duas pessoas, diríamos "ambos", não "todos". A implicação é que pelo menos três irmãs são referidas. Se calcularmos três irmãs e quatro irmãos, meio-irmãos e meias-irmãs de Jesus, isso faria de Maria a mãe de oito filhos.

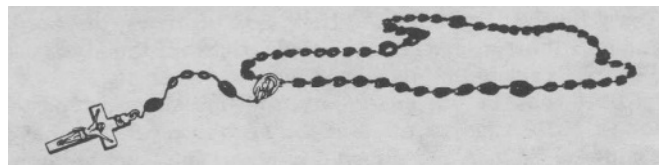
As escrituras dizem: "José... não a conheceu até que ela deu à luz seu filho primogênito: e ele chamou o seu nome JESUS" (Mt 1:25). José "não a conheceu" até que Jesus nasceu, mas depois disso, Maria e José se uniram como marido e mulher e filhos nasceram para eles. A ideia de que José manteve Maria virgem por toda a sua vida é claramente antibíblica.

Durante os tempos da apostasia, como que para identificar Maria mais intimamente com a deusa mãe, alguns ensinavam que o corpo de Maria nunca viu corrupção, que ela ascendeu corporalmente ao céu e agora é a "rainha do céu". Não foi até o presente século, no entanto, que a doutrina da "assunção" de Maria foi oficialmente proclamada como uma doutrina da Igreja Católica Romana. Foi em 1951 que o Papa Pio XII proclamou que o corpo de Maria não viu corrupção, mas foi levado para o céu.

Assumption of Mary.

As palavras de São Bernardo resumem a posição católica romana: "No terceiro dia após a morte de Maria, quando os apóstolos se reuniram em torno de seu túmulo, encontraram-no vazio. O corpo sagrado havia sido levado para o Paraíso Celestial... sepultura não tinha poder sobre aquele que era imaculado... Mas não bastava que Maria fosse recebida no Céu. Ela não deveria ser uma cidadã comum... ela tinha uma dignidade além do alcance até mesmo do mais alto dos arcanjos. Maria deveria ser coroada, Rainha do Céu pelo Pai eterno: ela deveria ter um trono à direita de seu Filho... do perigo, protegendo-nos da tentação, derramando bênçãos sobre nós."

Todas essas idéias sobre Maria estão ligadas à crença de que ela ascendeu corporalmente ao céu. Mas a Bíblia não diz absolutamente nada sobre a assunção de Maria. Ao contrário, João 3:13 diz: "Ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu" — o próprio Jesus Cristo. ELE é aquele que está à direita de Deus, ELE é aquele que é nosso mediador, ELE é aquele que derrama bênçãos sobre nós — não sua mãe!

Intimamente ligado à ideia de rezar a Maria está um instrumento chamado rosário. Consiste em uma corrente com quinze conjuntos de pequenas contas, cada conjunto marcado por uma conta grande. As extremidades desta corrente são unidas por uma medalha com a marca de Maria. Deste pende uma pequena corrente na extremidade da qual está um crucifixo. As contas do rosário são para contar orações — orações que são repetidas várias vezes. Embora este instrumento seja amplamente utilizado dentro da Igreja Católica Romana, claramente não é de origem cristã. É conhecido em muitos países.

A Enciclopédia Católica diz: "Em quase todos os países, então, encontramos algo na natureza de contadores de oração ou contas de rosário". Ele cita vários exemplos, incluindo uma escultura da antiga Nínive, mencionada por Layard, de duas mulheres aladas rezando diante de uma árvore sagrada, cada uma segurando um rosário. Durante séculos, entre os maometanos, um cordão de contas consistindo de 33, 66 ou 99 contas tem sido usado para contar os nomes de Alá. Marco Polo, no século XIII, surpreendeu-se ao encontrar o Rei de Malabar usando um rosário de pedras preciosas para contar suas orações. São Francisco Xavier e seus companheiros ficaram igualmente surpresos ao ver que os rosários eram universalmente familiares aos budistas do Japão.

Entre os fenícios, um círculo de contas semelhante a um rosário foi usado na adoração de Astarte, a deusa mãe, por volta de 800 a.C. Este rosário é visto em algumas moedas fenícias antigas. Os brâmanes desde os tempos antigos usavam rosários com dezenas e centenas de contas. Os adoradores de Vishnu dão a seus filhos rosários de 108 contas. Um rosário semelhante é usado por milhões de budistas na Índia e no Tibete. O adorador de Shiva usa um rosário no qual repete, se possível, todos os 1.008 nomes de seu deus.

As contas para a contagem das orações eram conhecidas na Grécia asiática. Tal era o propósito, segundo Hislop, do colar visto na estátua de Diana. Ele também destaca que em Roma, certos colares usados pelas mulheres eram para contar ou lembrar orações, o monile, que significa "lembrança".

A oração mais repetida e principal do rosário é a "Ave Maria", que é a seguinte: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto da vossa ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da morte, amém”. A Enciclopédia Católica diz: "Há pouco ou nenhum vestígio da Ave Maria como uma fórmula devocional aceita antes de cerca de 1050."

O rosário completo envolve a repetição da Ave Maria 53 vezes, o Pai Nosso 6 vezes, 5 Mistérios, 5 Meditações sobre os Mistérios, 5 Glórias e o Credo Apostólico.

Observe que a oração a Maria, a Ave Maria, é repetida quase NOVE vezes mais que o Pai Nosso! Uma oração composta por homens e dirigida a Maria é nove vezes mais importante ou eficaz do que a oração ensinada por Jesus e dirigida a Deus?

Aqueles que adoravam a deusa Diana repetiam uma frase religiosa várias vezes - "...todos a uma só voz no espaço de duas horas clamaram: Grande é a Diana dos efésios" (Atos 19:34). Jesus falou da oração repetitiva como sendo uma prática dos pagãos. "Quando orares", disse ele, "não useis de vãs repetições, como fazem os gentios, porque pensam que pelo muito falar serão ouvidos. Não sejais, pois, semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe o que tendes necessidade antes que lhe pergunteis" (Mt 6:7-13). Nesta passagem, Jesus disse claramente aos seus seguidores para NÃO orarem uma e outra vez. É significativo notar que foi logo após dar esse aviso, no versículo seguinte, que ele disse: "Assim, pois, orai: Pai nosso que estás nos céus..." e deu aos discípulos o que nos referimos como "Oração do Senhor". Jesus deu esta oração como um oposto ao tipo de oração pagã. No entanto, os católicos romanos são ensinados a rezar esta oração repetidamente. Se esta oração não fosse repetida várias vezes, muito menos uma pequena oração feita pelo homem a Maria! Parece-nos que memorizar orações, depois repeti-las várias vezes enquanto contamos as contas do rosário, poderia facilmente se tornar mais um "teste de memória" do que uma expressão espontânea de oração do coração.

CAPÍTULO QUATRO

Santos, Dias dos Santos e Símbolos

ALÉM DAS orações e devoções dirigidas a Maria, os católicos romanos também honram e oram a vários "santos". Esses santos, de acordo com a posição católica, são mártires ou outras pessoas notáveis da Igreja que morreram e que os papas declararam santos.

Em muitas mentes, a palavra "santo" refere-se apenas a uma pessoa que alcançou algum grau especial de santidade, apenas um seguidor de Cristo muito singular. Mas, de acordo com a Bíblia, TODOS os verdadeiros cristãos são santos — mesmo aqueles que infelizmente carecem de maturidade espiritual ou conhecimento. Assim, os escritos de Paulo aos cristãos em Éfeso, Filipos, Corinto ou Roma foram dirigidos "aos santos" (Efésios 1:1, etc.). Os santos, deve-se notar, eram pessoas vivas, não aquelas que haviam morrido.

Se queremos que um "santo" ore por nós, deve ser uma pessoa viva. Mas se tentarmos comungar com pessoas que morreram, o que mais é isso senão uma forma de espiritismo? Repetidamente a Bíblia condena todas as tentativas de comunhão com os mortos (veja Isaías 8:19, 20).

No entanto, muitos recitam o "Credo dos Apóstolos", que diz: "Cremos... na comunhão dos santos", supondo que isso inclui a idéia de orações pelos mortos. Sobre este ponto, a Enciclopédia Católica diz: "O ensino católico sobre as orações pelos mortos está inseparavelmente ligado à doutrina... da comunhão dos santos, que é um artigo do Credo dos Apóstolos." Orações "aos santos e mártires coletivamente, ou a algum deles em particular" são recomendadas) A redação atual do Concílio de Trento é que "os santos que reinam com Cristo oferecem suas próprias orações a Deus pelos homens.

É bom e útil invocá-los suplicantemente e recorrer às suas orações, ajuda e ajuda para obter os benefícios de Deus".

Quais são as objeções a essas crenças? Vamos deixar que a Enciclopédia Católica responda por si mesma. "As principais objeções levantadas contra a intercessão e invocação dos santos são que essas doutrinas se opõem à fé e confiança que devemos ter somente em Deus... e que elas não podem ser provadas pelas Escrituras..."

Com esta afirmação concordamos. Em nenhum lugar as escrituras indicam que os vivos podem ser abençoados ou beneficiados por orações para ou através daqueles que já morreram. Em vez disso, em muitos aspectos, as doutrinas católicas a respeito dos "santos" são muito semelhantes às antigas idéias pagãs que eram mantidas em relação aos "deuses".

Olhando novamente para a "mãe" da religião falsa — Babilônia — descobrimos que o povo orava e honrava uma pluralidade de deuses. De fato, o sistema babilônico se desenvolveu até ter cerca de 5.000 deuses e deusas.

Da mesma forma que os católicos acreditam a respeito de seus "santos", os babilônios acreditavam que seus "deuses" haviam sido heróis vivos na terra, mas agora estavam em planos mais elevados "Todos os meses e todos os dias do mês estavam sob a proteção de uma divindade particular".

Havia um deus para esse problema, um deus para cada uma das diferentes ocupações, um deus para isso e um deus para aquilo.

Da Babilônia — como a adoração da grande mãe — tais conceitos sobre os "deuses" se espalharam pelas nações. Até os budistas na China tinham seu "culto de várias divindades, como a deusa dos marinheiros, o deus da guerra, os deuses de bairros ou ocupações especiais".

Os sírios acreditavam que os poderes de certos deuses eram limitados a certas áreas, como um incidente na Bíblia registra: "Seus deuses são deuses das colinas; portanto, eles eram mais fortes do que nós; mas lutemos contra eles na planície, e certamente seremos mais fortes do que eles" (1 Reis 20:23).

Quando Roma conquistou o mundo, essas mesmas idéias estavam muito em evidência, como mostrará o seguinte esboço. Brighit era a deusa dos ferreiros e da poesia. Juno Regina era a deusa da feminilidade e do casamento.

Minerva era a deusa da sabedoria, artesanato e músicos. Vênus era a deusa do amor sexual e do nascimento. Vesta era a deusa dos padeiros e dos fogos sagrados.

Ops era a deusa da riqueza. Ceres era a deusa do milho, do trigo e da vegetação em crescimento. (Nossa palavra "cereal", apropriadamente, vem do nome dela.)

Hércules era o deus da alegria e do vinho. Mercúrio era o deus dos oradores e, nas velhas fábulas, um grande orador, o que explica por que o povo de Listra pensava em Paulo como o deus Mercúrio (Atos 14:11, 12). Os deuses Castor e Pólux eram os protetores de Roma e dos viajantes no mar (cf. Atos 28:11).

Cronus era o guardião dos juramentos. Janus era o deus das portas e portões. "Havia deuses que presidiam a cada momento da vida de um homem, deuses da casa e do jardim, da comida e da bebida, da saúde e da doença."

Com a ideia de deuses e deusas associados a vários eventos da vida agora estabelecidos na Roma pagã, foi apenas mais um passo para que esses mesmos conceitos fossem finalmente fundidos na igreja de Roma. Como os convertidos do paganismo relutavam em se separar de seus "deuses" — a menos que pudessem encontrar alguma contrapartida satisfatória no cristianismo — os deuses e deusas foram renomeados e chamados de "santos". A velha ideia de deuses associados a certas ocupações e dias continuou na crença católica romana em santos e dias santos, como mostra a tabela a seguir.

Actors	St. Genesius	August 25
Architects	St. Thomas	December 21
Astonomers	St. Cominic	August 4
Athletes	St. Sebastain	January 20
Bakers	St. Elizabeth	November 19
Bankers	St. Matthew	September 21
Beggars	St. Alexius	July 17
Book Sellers	St. John of God	March 8
Bricklayers	St. Steven	December 26
Builders	St. Vincent Ferrer	April 5
Butchers	St. Hadrian	September 28
Cab drivers	St. Fiarce	August 30
Candle•makers	St. Bernard	August 20
Comedians	St. Vitus	June 15

Cooks	St. Martha	July 29
Dentists	St. Appollonia	February 9
Doctors	St. Luke	October 18
Editors	St. John Bosco	January 31
Fishermen	St. Andrew	November 30
Florists	St. Dorothy	February 6
Hat makers	St. James	May 11
Housekeepers	St. Anne	July 26
Hunters	St. Hubert	November 3
Laborers	St. James the Greater	July 25
Lawyers	St. Ives	May 19
Librarians	St. Jerome	September 30
Merchants	St. Francis of Assisi	October 4
Miners	St. Barbara	December 4
Musicians	St. Cecilia	November 22
Notaries	St. Mark the Evangelist	April 25
Nurses	St. Cathrine	April 30
Painter	St. Luke	October 18
Pharmacists	St. Gemma Galgani	April 11
Plasterers	St. Bartholomew	August 24
Printers	St. John of God	March 8
Sailors	St. Brendan	May 16
Scientists	St. Albert	November 15
Singers	St. Gregory	March 12
Steel workers	St. Eliguis	December 1
Students	St. Thomas Aquinas	March 7
Surgeons	S.S. Cosmas & Damian	September 27
Tailors	St. Boniface of Credtion	June 5
Tax Collectors	St. Matthew	September 21

A Igreja Católica Romana também tem santos para o seguinte:

The Roman Catholic Church also has saints for the following :

Barren women	St. Anthony	Old maids	St. Andrew
Beer drinkers	St. Nicholas	Poor	St. Lawrence
Children	St. Dominic	Pregnant women	St. Gerard
Domestic animals	St. Anthony	Television	St. Clare
Emigrants	St. Francis	Temptation	St. Syriacus
Family troubles	St. Eustachius	To apprehend thieves	St. Gervase
Fire	St. Lawrence	To have children	St. Felicitas
Floods	St. Columban	To obtain a husband	St. Joseph
Lightning storms	St. Barbara	To obtain a wife	St. Anne
Lovers	St. Raphael	To find lost articles	St. Anthony

Catholics are taught to pray to certain "saints" for help with the following afflictions:

Arthritis	St. James	Epilepsy, nerves	St. Vitus
Bite of dogs	St. Hubert	Fever	St. George
Bite of snakes	St. Hilary	Foot diseases	St. Victor
Blindness	St. Raphael	Gall stones	St. Liberius
Cancer	St. Peregrine	Gout	St. Andrew
Cramps	St. Murice	Headaches	St. Denis
Deafness	St. Cadoc	Heart trouble	St. John of God
Disease of breast	St. Agatha	Insanity	St. Dympna
Disease of eyes	St. Lucy	Skin disease	St. Roch
Disease of throat	St. Blase	Sterility	St. Giles

St. Hubert nasceu por volta de 656 e apareceu em nossa lista como o santo padroeiro dos caçadores e curandeiro da hidrofobia. Antes de sua conversão, quase todo o seu tempo era gasto caçando. Em uma manhã de Sexta-feira Santa, segundo a lenda, ele perseguiu um grande veado que de repente se virou e viu um crucifixo entre seus chifres e ouviu uma voz dizer-lhe para se voltar para Deus.

Mas por que orar aos santos quando os cristãos têm acesso a Deus? Os católicos são ensinados que, por meio da oração aos santos, eles podem obter ajuda que Deus de outra forma não poderia dar! Eles são instruídos a adorar a Deus e depois "orar, primeiro a Santa Maria, e aos santos apóstolos, e aos santos mártires, e a todos os santos de Deus... hora de aflição, com a esperança de que Deus concederia ao patrono o que ele poderia recusar ao suplicante. , ocupações e as várias necessidades da vida humana.

St. Hubert, patron of hunters, with St. Elizabeth.

São Hubert, patrono dos caçadores. com Santa Isabel.

Muitas das antigas lendas associadas aos deuses pagãos foram transferidas para os santos. A Enciclopédia Católica ainda diz que essas "lendas repetem as concepções encontradas nos contos religiosos pré-cristãos...A lenda não é cristã, apenas cristianizada...Em muitos casos tem obviamente a mesma origem do mito...Antiguidade traçada voltar as fontes, cujos elementos naturais não compreendia, aos heróis, como também muitas lendas dos santos...

Essa transferência foi promovida pelos numerosos casos em que os santos cristãos se tornaram sucessores de divindades locais, e o culto cristão suplantou o antigo culto local. Isso explica o grande número de semelhanças entre deuses e santos."

Como o paganismo e o cristianismo foram misturados, às vezes um santo recebeu um nome de som semelhante ao do deus ou deusa pagã que substituiu. A deusa Vitória dos Baixos-Alpes foi renomeada como Santa Vitória, Cheron como São Cerano, Artemis como São Artemidos, Dionísio como São Dionísio, etc.

A deusa Brighit (considerada a filha do deus-sol e que era representada com uma criança nos braços) foi suavemente renomeada como "Santa Brígida". Nos dias pagãos, seu principal templo em Kildare era servido por Virgens Vestais que cuidavam dos fogos sagrados. Mais tarde, seu templo tornou-se um convento e suas vestais, freiras. Eles continuaram a cuidar do fogo ritual, só que agora era chamado de "fogo de Santa Brígida".

O templo antigo mais bem preservado que ainda resta em Roma é o Panteão, que antigamente era dedicado (segundo a inscrição sobre o pórtico) a "Jove e todos os deuses". Esta foi reconsagrada pelo Papa Bonifácio IV para "A Virgem Maria e todos os santos". Tais práticas não eram incomuns. "Igrejas ou ruínas de igrejas têm sido frequentemente encontradas nos locais onde originalmente se erguiam santuários ou templos pagãos... deidade anteriormente consagrada naquele lugar. Assim, em Atenas, o santuário do curandeiro Asklepios... quando se tornou uma igreja, foi feito sagrado para os dois santos que os atenienses cristãos invocavam como curadores milagrosos, Kosmas e Damian."

Uma caverna mostrada em Belém como o lugar em que Jesus nasceu, era, de acordo com Jerônimo, na verdade um santuário de pedra em que o deus babilônico Tamuz era adorado. As escrituras nunca afirmam que Jesus nasceu em uma caverna.

Em todo o Império Romano, o paganismo morreu de uma forma, apenas para viver novamente dentro da Igreja Católica Romana. Não apenas a devoção aos antigos deuses continuou (em uma nova forma), mas também o uso de estátuas desses deuses.

Em alguns casos, diz-se, as mesmas estátuas que eram adoradas como deuses pagãos foram renomeadas como santos cristãos. Ao longo dos séculos, mais e mais estátuas foram feitas, até hoje há igrejas na Europa que contêm até duas, três e quatro mil estátuas) 3 Em grandes catedrais impressionantes, em pequenas capelas, em santuários à beira do caminho, nos painéis de automóveis - em todos esses lugares os ídolos do catolicismo podem ser encontrados em abundância.

O uso de tais ídolos dentro da Igreja Católica Romana fornece outra pista para resolver o mistério da Babilônia moderna; pois, como Heródoto mencionou, Babilônia era a fonte da qual todos os sistemas de idolatria fluíram para as nações. Ligar a palavra "ídolos" a estátuas de Maria e dos santos pode soar muito duro para alguns. Mas isso pode ser totalmente incorreto?

Admite-se nos escritos católicos que em vários momentos e entre várias pessoas, as imagens dos santos foram cultuadas de maneira supersticiosa. Tais abusos, no entanto, são geralmente colocados no passado. Explica-se que nesta era iluminada, nenhuma pessoa educada realmente adora o objeto

em si, mas sim o que o objeto representa. Geralmente isso é verdade. Mas isso também não é verdade para as tribos pagãs que usam ídolos (inconfundivelmente ídolos) na adoração de deuses-demônios? A maioria deles não acredita que o ídolo em si seja um deus, mas apenas um representante do deus-demônio que eles adoram.

Vários artigos dentro da Enciclopédia Católica procuram explicar que o uso de imagens é apropriado com base em serem representativos de Cristo ou dos santos. "A honra que lhes é dada refere-se aos objetos que representam, de modo que através das imagens que beijamos, e diante das quais descobrimos nossas cabeças e nos ajoelhamos, adoremos a Cristo e veneremos os santos de quem são semelhantes."1 4 Nem todos os cristãos estão convencidos, no entanto, de que esta "explicação" é motivo forte o suficiente para ignorar versículos como Êxodo 20:4, 5: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há nos céus em cima, nem embaixo na terra, nem embaixo da terra: não te encurvarás a eles".

No Antigo Testamento, quando os israelitas conquistavam uma cidade ou país pagão, eles não deveriam adotar os ídolos dessas pessoas em sua religião. Tais deveriam ser destruídos, mesmo que pudessem ser cobertos com prata e ouro!

"As imagens esculpidas de seus deuses queimarás a fogo; não desejarás a prata nem o ouro que estão sobre elas, nem as tomarás para ti, para que não te enlaces nelas; porque é abominação ao Senhor" (Dt. 7:25). Eles deveriam "destruir todas as suas imagens" de deuses pagãos também (Números 33:52).

Até que ponto essas instruções deveriam ser cumpridas sob o Novo Testamento tem sido muitas vezes debatido ao longo dos séculos. A Enciclopédia Católica fornece um esboço histórico disso, mostrando como as pessoas lutaram e até morreram por causa dessa mesma questão, especialmente no século oito.

Embora defendendo o uso de estátuas e imagens, diz que "parece ter havido uma aversão às imagens sagradas, uma suspeita de que seu uso era, ou poderia se tornar, idólatra, entre certos cristãos por muitos séculos", e menciona vários bispos católicos que eram desta mesma opinião.

As pessoas brigarem e matarem umas às outras por causa dessa questão – independentemente de que lado estivessem – era inequivocamente contrário aos ensinamentos de Cristo.

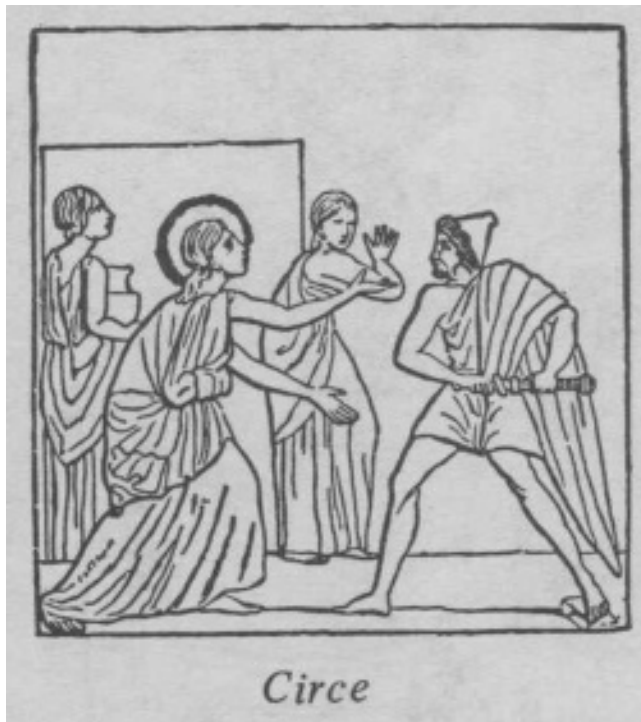
Os pagãos colocavam um círculo ou auréola ao redor das cabeças daqueles que eram "deuses" em seus quadros. Esta prática continuou na arte da igreja romana. A ilustração que acompanha é a maneira como Santo Agostinho é mostrado nos livros católicos - com um disco circular em volta da cabeça. Todos os santos católicos são retratados dessa mesma maneira. Mas para ver que essa prática foi emprestada do paganismo, precisamos apenas observar o desenho de Buda (ilustração na página 38) que também apresenta o símbolo circular ao redor de sua cabeça! Os artistas e escultores da antiga Babilônia usavam o disco ou aréola em torno de qualquer ser que desejassem representar como um deus ou deusa.

St. Augustine pictured with halo

Santo Agostinho retratado com auréola

Os romanos retratavam Circe, a deusa pagã do sol, com um círculo ao redor de sua cabeça. A partir de seu uso na Roma pagã, o mesmo simbolismo passou para a Roma papal e continua até hoje, como evidenciado em milhares de pinturas de Maria e dos santos. Imagens, supostamente de Cristo, foram pintadas com "vigas douradas" ao redor de sua cabeça. Foi exatamente assim que o deus-sol dos pagãos foi representado por séculos.

Buddha with halo

Circe

A igreja dos primeiros quatro séculos não usava imagens de Cristo. As escrituras não nos dão nenhuma descrição das características físicas de Jesus, por meio das quais uma pintura precisa dele pudesse ser feita. Parece evidente, então, que as imagens de Cristo, como as de Maria e dos santos, vieram da imaginação de artistas. Basta fazer um breve estudo da arte religiosa para descobrir que em diferentes séculos e entre diferentes nacionalidades, muitas imagens de Cristo - algumas muito diferentes - podem ser encontradas. Obviamente, tudo isso não pode ser o que ele parecia. Além disso, tendo agora ascendido ao céu, não o conhecemos mais "segundo a carne" (2 Cor. 5:16), tendo sido "glorificado" (João 7:39), e com um "corpo glorioso" (Filipenses 3). :21), nem o melhor artista do mundo conseguiu retratar o Rei na sua beleza. Qualquer foto, mesmo no seu melhor, nunca poderia mostrar o quão maravilhoso ele realmente é!

CAPÍTULO CINCO

Obeliscos, templos e torres

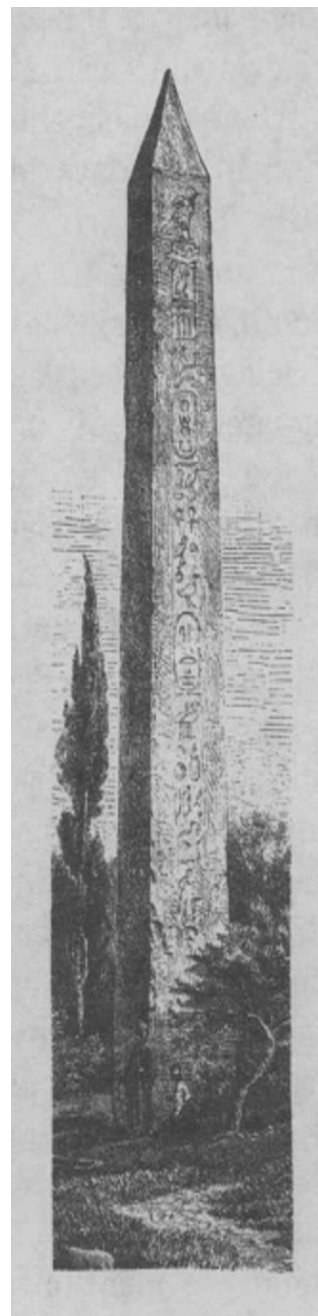
ENTRE AS NAÇÕES ANTIGAS, não apenas eram feitas estátuas de deuses e deusas em forma humana, mas muitos objetos que tinham um significado oculto ou misterioso faziam parte do culto pagão. Um exemplo notável disso é visto no uso dos antigos obeliscos.

Diodoro falou de um obelisco de 130 pés de altura que foi erguido pela rainha Semiramis na Babilônia. A Bíblia menciona uma imagem do tipo obelisco de aproximadamente nove pés de largura e nove pés de altura. "O povo... prostrou-se e adorou a imagem de ouro que Nabucodonosor havia erguido" na Babilônia (Daniel 3:1-7). Mas foi no Egito (um antigo reduto da religião dos mistérios) que o uso do obelisco foi mais conhecido. Muitos dos obeliscos ainda estão no Egito, embora alguns tenham sido removidos para outras nações. Um está no Central Park em Nova York, outro em Londres e outros foram transportados para ROMA.

Originalmente, o obelisco estava associado à adoração do sol, um símbolo de "Baal" (que era um título de Ninrode). Os antigos - tendo rejeitado o conhecimento do verdadeiro criador - vendo que o sol dava vida às plantas e ao homem, consideravam o sol como um deus, o grande doador da vida. Para eles, o obelisco também tinha um significado sexual. Percebendo que através da união sexual se produzia a vida, o falo (órgão masculino de reprodução) era considerado (junto com o sol) um símbolo da vida. Essas eram as crenças representadas pelo obelisco.

A palavra "imagens" na Bíblia é traduzida de várias palavras hebraicas diferentes. Uma dessas palavras, matzebah, significa "imagens em pé" ou obeliscos (1 Reis 14:23; 2 Reis 18:4; 23:14; Jer. 43:13; Miquéias 5:13). Outra palavra é hammanim que significa "imagens do sol", imagens dedicadas ao sol ou obeliscos (Isaías 17:8; 27:9).

Para que os obeliscos realizassem o simbolismo pretendido, eles foram colocados na vertical - eretos. Assim eles apontaram para cima - em direção ao sol. Como símbolo do falo, a posição ereta também tinha um significado óbvio. Tendo isso em mente, é interessante notar que quando o julgamento divino foi pronunciado contra essa falsa adoração, foi dito que essas imagens (obeliscos) "não se levantariam", mas seriam derrubadas (Isaías 27:9).

Quando os israelitas misturaram o culto pagão em sua religião nos dias de Ezequiel, eles erigiram uma "imagem de ciúmes na entrada" do templo (Ezequiel 8:5). Esta imagem era provavelmente um obelisco, o símbolo do falo, pois (como diz Scofield) eles eram "entregues a cultos fálicos". Tempo. Um ficava na entrada do templo de Turn e outro na frente do templo de Hathor, a "morada dos Chifres" (Tammuz).

Curiosamente, há também um obelisco na entrada da Basílica de São Pedro em Roma, como mostra a fotografia na página seguinte. Não é uma mera cópia de um obelisco egípcio, é o mesmo obelisco que existia no Egito nos tempos antigos! Quando a religião dos mistérios chegou a Roma nos dias pagãos, não apenas os obeliscos foram feitos e erguidos em Roma, mas os obeliscos do Egito - com grandes custos - foram transportados para lá e erguidos pelos imperadores. Calígula, em 37-41 d.C., fez com que o obelisco agora no Vaticano fosse trazido de Heliópolis, Egito, para seu circo na colina do Vaticano, onde agora fica a Basílica de São Pedro. da adoração do sol egípcia nos tempos antigos. No Antigo Testamento, esses obeliscos que estavam ali são mencionados como as "imagens de Bete-Semes" (Jer. 43:13)!

O mesmo obelisco que ficava no antigo templo que era o centro do paganismo egípcio, agora está diante da igreja mãe do romanismo! Isso parece mais do que uma mera coincidência.

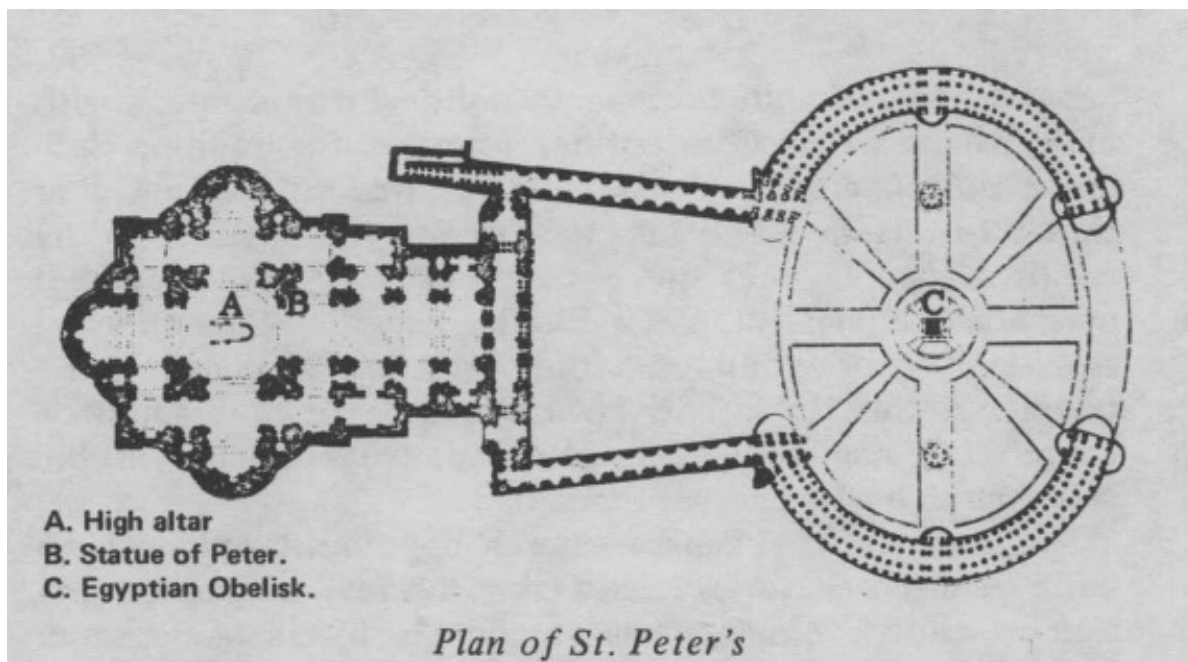
O obelisco de granito vermelho do Vaticano tem 83 pés de altura (132 pés de altura com sua fundação) e pesa 320 toneladas. Em 1586, para centralizá-lo em frente à igreja da praça de São Pedro, foi transferido para sua localização atual por ordem do Papa Sisto V. É claro que mover este pesado obelisco - especialmente naqueles dias - era uma tarefa muito difícil . Muitos motores se recusaram a tentar a façanha, especialmente porque o papa havia anexado a pena de morte se o obelisco fosse derrubado e quebrado!

Finalmente, um homem chamado Domenico Fontana aceitou a responsabilidade. Com 45 guinchos, 160 cavalos e uma tripulação de 800 operários, começou a tarefa de mudança. A data era 10 de setembro de 1586. Multidões lotavam a extensa praça. Enquanto o obelisco estava sendo movido, a multidão, sob pena de morte, foi obrigada a permanecer em silêncio. Finalmente, após quase falhar, o obelisco foi erguido - ao som de centenas de sinos tocando, o rugido de canhões e os aplausos da multidão. O ídolo egípcio foi dedicado à "cruz" (a cruz no topo do obelisco deve conter um pedaço da cruz original), a missa foi celebrada e o papa pronunciou uma bênção sobre os trabalhadores e seus cavalos.

Obelisk in front of St. Peter's.

O desenho da página seguinte mostra o padrão da Basílica de São Pedro e o pátio circular à sua frente. No centro deste pátio fica o obelisco. Este pátio é delimitado por 248 colunas de estilo dórico que custam aproximadamente um milhão de dólares. O estilo dessas colunas foi emprestado do estilo dos templos pagãos.

Como o obelisco, as colunas pagãs eram muitas vezes consideradas formas "misteriosas" do falo. No vestíbulo do templo pagão da deusa em Hierápolis, uma inscrição referente às colunas diz: "Eu, Dionísio, dediquei estes falos a Hera, minha madrasta".

Plan of St. Peter's

Mesmo que os líderes católicos romanos tenham emprestado outras ideias do paganismo, não é surpresa que a construção de templos elaborados e caros também tenha se tornado um costume. Os líderes de mentalidade mundana pensaram que deveriam construir um templo de maior esplendor do que os da antiga religião romana.

Sabemos que Deus dirigiu seu povo sob o governo de Salomão para construir um templo – no Antigo Testamento – e escolheu colocar sua presença lá. Mas no Novo Testamento fica claro que o Espírito Santo não habita mais em templos feitos por mãos de homens (Atos 17:24). Agora, Deus habita em seu povo - sua verdadeira igreja - pelo Espírito! Diz Paulo: "Vós sois o templo de Deus... o Espírito de Deus habita em vós" (1 Coríntios 3:16). Compreendendo esta grande verdade, a igreja primitiva – cheia do Espírito – nunca saiu para construir templos de pedra e aço. Eles saíram para pregar o evangelho.

Seu tempo não foi gasto em movimentações financeiras e promessas opressivas para construir um prédio mais chique do que um templo na rua! De acordo com o Halley's Bible Handbook, não temos registro de um edifício de igreja (como tal) sendo construído antes de 222-235 d.C.!

Isso não quer dizer que é errado ter prédios de igrejas. Provavelmente, a razão pela qual os edifícios da igreja não foram construídos antes foi porque, devido às perseguições, os primeiros cristãos não foram autorizados a possuir títulos de propriedade. Mas se eles tivessem recebido esse privilégio, temos certeza de que tais edifícios teriam sido construídos simplesmente - não para exibição externa. Eles não teriam tentado competir com o estilo caro dos templos pagãos de esplendor - como o templo de Diana em Éfeso ou o Panteão de Roma.

Mas quando a igreja chegou ao poder político e à riqueza sob o reinado de Constantino, um padrão para a construção de edifícios de igreja elaborados e caros foi estabelecido e continua até hoje. Esta ideia tornou-se tão implantada na mente das pessoas, que a palavra "igreja" (para a maioria das pessoas) significa um edifício. Mas em seu uso bíblico, a palavra se refere a uma assembléia ou grupo de pessoas que são - elas mesmas - o templo do Espírito Santo! Por mais estranho que possa parecer, um prédio de igreja pode ser totalmente destruído, e ainda assim a igreja real (as pessoas) permanecem.

A maioria dos edifícios caros da igreja que foram construídos ao longo dos séculos apresentam uma torre. Cada geração de construtores de igrejas copiou a geração anterior, provavelmente nunca questionando a origem da ideia. Algumas torres custaram fortunas para serem construídas. Eles não acrescentaram nenhum valor espiritual. Jesus, é claro, nunca construiu tais estruturas quando esteve na terra, nem deu instruções para que fossem construídas após sua partida. Como, então, começou essa tradição de torre na arquitetura da igreja?

Se o leitor nos permitir uma certa liberdade neste ponto, sugeriremos uma teoria que aponta para Babilônia. Claro que todos nos lembramos da torre de Babel. O povo disse: "Façamos tijolos... edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume alcance o céu" (Gn 11:3,4). A expressão "até o céu" é sem dúvida uma figura de linguagem para grande altura, como também foi o caso quando foram mencionadas cidades com muros que iam "até o céu" (Dt 1:28). Não devemos supor que aqueles construtores de Babel pretendiam edificar no céu do trono de Deus. Em vez disso, há evidências suficientes para mostrar que a torre (comumente chamada de "zigurate") estava ligada à sua religião - com a adoração do sol.

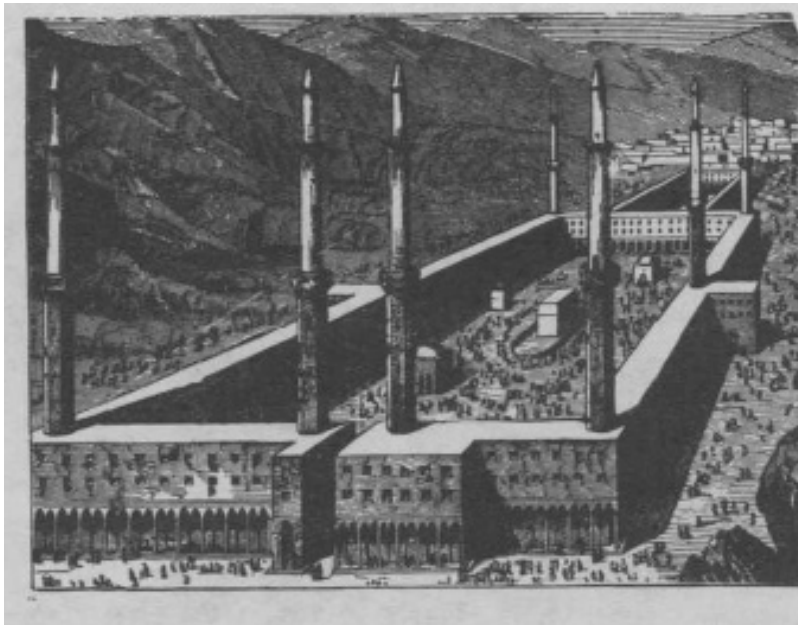
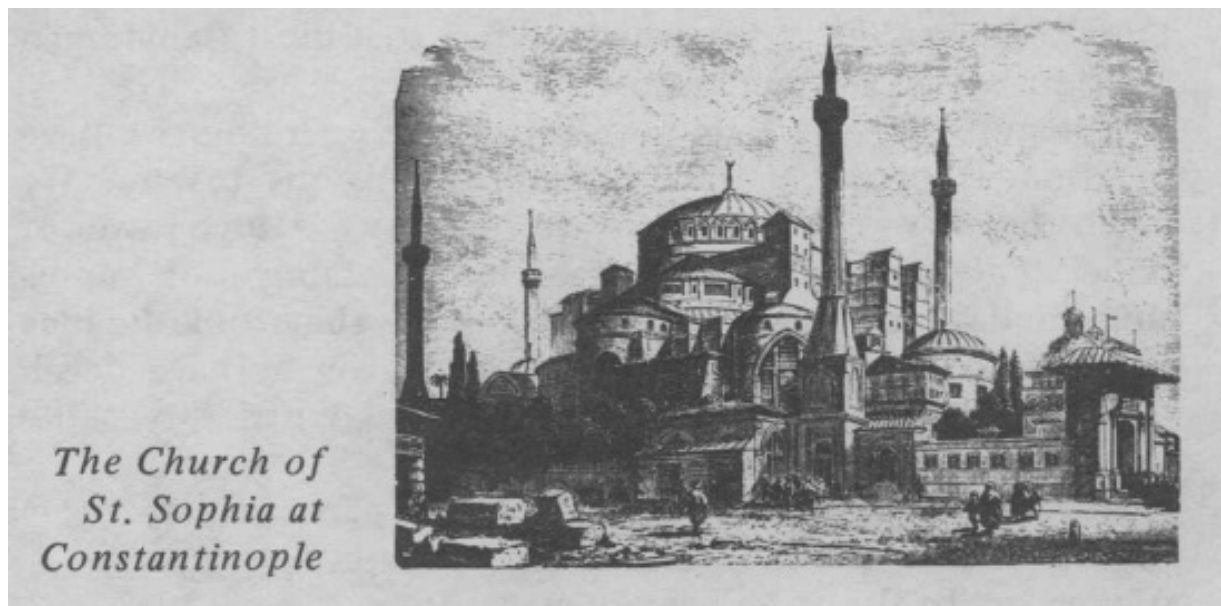
"De todos os grandiosos monumentos da Babilônia, o imponente 'Ziggurat' certamente deve ter sido uma das construções mais espetaculares de seu tempo, erguendo-se majestosamente acima de sua enorme muralha de mil torres... reservado para os peregrinos, bem como para os sacerdotes que cuidavam do 'Ziggurat'. Koldewey chamou essa coleção de edifícios de 'Vaticano da Babilônia'."

Tem sido sugerido que um dos significados do nome da deusa Astarte (Semiramis), escrito como "Asht-tart", significa "a mulher que fez torres". era conhecida como a deusa da torre, a primeira (diz Ovídio) que ergueu torres nas cidades e foi representada com uma coroa em forma de torre na cabeça, assim como Diana (ver página 17). No simbolismo da igreja católica, uma torre é emblemática da virgem Maria! Tudo isso de alguma forma se conecta?

Algumas torres antigas, como todos sabemos, foram construídas para fins militares, para torres de vigia. Mas muitas das torres que foram construídas no Império Babilônico eram exclusivamente torres religiosas, ligadas a um templo! Naqueles tempos, um estranho que entrasse em uma cidade babilônica não teria dificuldade em localizar seu templo, nos dizem, pois bem acima das casas de telhados planos, sua torre podia ser vista. A Enciclopédia Católica diz: "É um fato impressionante que a maioria das cidades babilônicas possuía uma... torre-templo".

É possível que Babilônia (como com outras coisas que mencionamos) possa ser a fonte de torres religiosas? Recordamos que foi enquanto construíam a enorme torre de Babel que começou a dispersão. Certamente não é impossível que, à medida que os homens migrassem para várias terras, levassem consigo a ideia de uma "torre". Embora essas torres tenham se desenvolvido em diferentes formas em diferentes países, ainda assim as torres de uma forma ou de outra permanecem!

As torres têm sido uma parte estabelecida da religião dos chineses. O "pagode" (ligado à palavra "deusa") em Nankin é mostrado em nossa ilustração.

Na religião hindu, "espalhados sobre os grandes recintos dos templos estão grandes pagodes ou torres... elevando-se bem acima da região circundante, em todos os lugares onde pudessem ser vistos pelo povo, e assim sua devoção à adoração idólatra foi aumentada. os pagodes têm várias centenas de metros de altura e estão cobertos de esculturas que representam cenas da vida dos deuses do templo ou de santos eminentes."

The numerous towers at Mecca.

The Church of St. Sophia at Constantinople

Entre os maometanos também, embora de forma um pouco diferente, podem ser vistas as torres de sua religião. A primeira ilustração na página seguinte mostra as numerosas torres, chamadas minaretes, em Meca. Torres deste estilo também foram usadas na famosa Igreja de Santa Sofia em Constantinopla (ilustração acima).

O uso de torres também é feito na cristandade — católica e protestante. A torre da grande Catedral de Colônia eleva-se 515 pés acima da rua, enquanto a da Catedral de Ulm, na Alemanha, tem 528 pés de altura. Mesmo pequenas capelas costumam ter uma torre de algum tipo. É uma tradição que raramente é questionada.

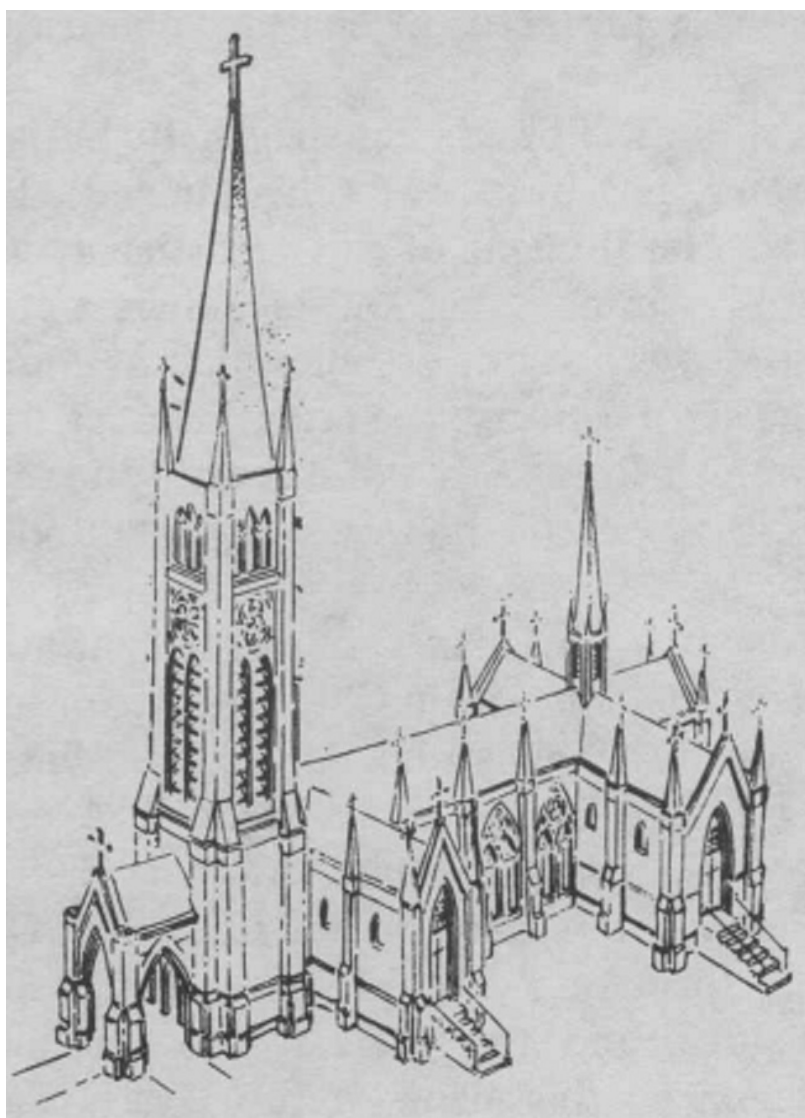
No topo de muitas torres de igrejas, muitas vezes uma torre aponta para o céu! Vários escritores ligam, e talvez não sem alguma justificação, os campanários e pináculos com o antigo obelisco. "Há evidências", diz alguém, "para mostrar que as torres de nossas igrejas devem sua existência às colunas ou obeliscos fora dos templos de épocas anteriores".

Outro diz: "Ainda existem hoje espécimes notáveis de símbolos fálicos originais... campanários nas igrejas... e obeliscos... todos mostram a influência de nossos ancestrais adoradores do falo."

CAPÍTULO SEIS

A cruz é um símbolo cristão?

A CRUZ É reconhecida como um dos símbolos mais importantes da Igreja Católica Romana. Ele é exibido no topo de telhados e torres. É visto em altares, móveis e roupas eclesiásticas. A planta baixa da maioria das igrejas católicas é disposta em forma de cruz. Todos os lares, hospitais e escolas católicos têm a cruz adornando as paredes. Em todos os lugares a cruz é honrada e adorada externamente – de centenas de maneiras!

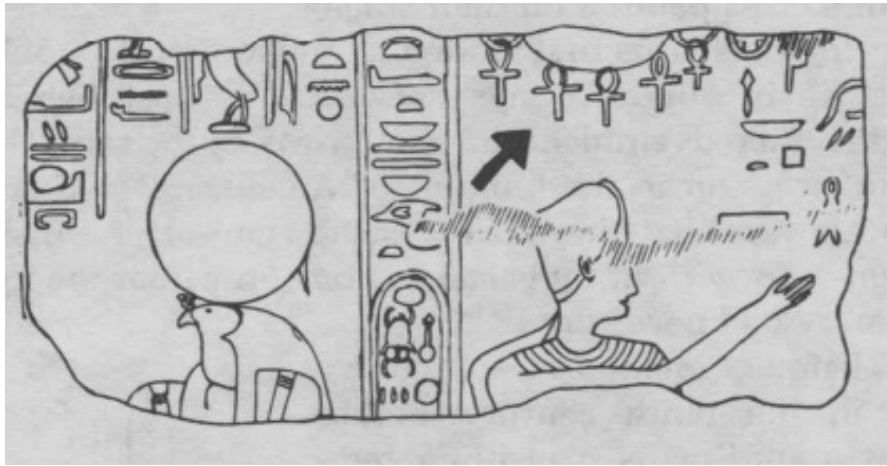
Quando uma criança é aspergida, o sacerdote faz o sinal da cruz em sua testa dizendo: "Receba o sinal da cruz na sua testa". Durante a confirmação, o candidato é assinado com a cruz. Na Quarta-feira de Cinzas, as cinzas são usadas para fazer uma cruz na testa. Quando os católicos entram no prédio da igreja, eles mergulham o dedo indicador da mão direita em "água benta", tocam a testa, o peito, o ombro esquerdo e direito - traçando assim a figura da cruz. O mesmo sinal é feito antes das refeições. Durante a Missa, o padre faz o sinal da cruz 16 vezes e abençoa o altar com o sinal da cruz 30 vezes.

As igrejas protestantes, em sua maioria, não acreditam em fazer o sinal da cruz com os dedos. Nem eles se curvam diante das cruzes ou as usam como objetos de adoração. Eles reconheceram que essas coisas são antibíblicas e supersticiosas. Mas o uso da cruz tem sido comumente mantido em campanários, em púlpitos e de várias outras maneiras como forma de decoração.

Os primeiros cristãos não consideravam a cruz como um símbolo virtuoso, mas sim como "a árvore amaldiçoada", um dispositivo de morte e "vergonha" (Heb. 12:2). Eles não confiavam em uma velha e áspera cruz. Em vez disso, sua fé estava no que foi realizado na cruz; e através desta fé, eles conheceram o perdão total e completo do pecado! Foi nesse sentido que os apóstolos pregaram sobre a cruz e se gloriaram nela (1 Coríntios 1:17, 18). Eles nunca falaram da cruz como um pedaço de madeira que alguém poderia pendurar em uma pequena corrente no pescoço ou carregar na mão como um protetor ou amuleto. Tais usos da cruz vieram mais tarde.

Não foi até que o cristianismo começou a ser paganizado (ou, como alguns preferem, o paganismo foi cristianizado), que a imagem da cruz passou a ser pensada como um símbolo cristão. Foi em 431 que as cruzes nas igrejas e câmaras foram introduzidas, enquanto o uso de cruzes em campanários não veio até cerca de 586.1 No século VI, a imagem do crucifixo foi sancionada pela igreja de Roma. Não foi até o segundo Concílio em Éfeso que as casas particulares foram obrigadas a possuir uma cruz.

Se a cruz é um símbolo cristão, não se pode dizer corretamente que sua origem tenha sido dentro do cristianismo, pois de uma forma ou de outra era um símbolo sagrado muito antes da era cristã e entre muitos não-cristãos. De acordo com An Expository Dictionary of New Testament Words, a cruz originou-se entre os babilônios da antiga Caldéia. "A forma eclesiástica de uma cruz de duas traves... teve sua origem na antiga Caldéia, e foi usada como o símbolo do deus Tamuz (sendo na forma do Mystic Tau, a inicial de seu nome) naquele país e em terras adjacentes, incluindo o Egito... A fim de aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, os pagãos foram recebidos nas igrejas à parte da regeneração pela fé, e foram autorizados em grande parte a manter seus sinais e símbolos pagãos. na sua forma mais frequente, com a cruz abaixada, foi adotada para representar a cruz de Cristo"!

Em qualquer livro sobre o Egito que mostre os antigos monumentos e paredes de templos antigos, pode-se ver o uso da cruz Tau. A ilustração ao lado mostra o deus egípcio Amon segurando uma cruz Tau.

AMON.

Esta ilustração, tirada de um edifício em Amenófis IV em Tebas, Egito, mostra um rei orando. Observe o círculo redondo do sol com uma forma misteriosa do deus-sol abaixo dele. Diz um notável historiador em referência ao Egito: "Aqui inalterado por milhares de anos, encontramos entre seus hieróglifos mais sagrados a cruz em várias formas... tem a forma da letra T, muitas vezes com um círculo ou ovóide acima dela. No entanto, esse símbolo místico não era peculiar a este país, mas era reverenciado... entre os caldeus, fenícios, mexicanos e todos os povos antigos em ambos os hemisférios.

À medida que o símbolo da cruz se espalhou por várias nações, seu uso se desenvolveu de diferentes maneiras. Entre os chineses, "a cruz é... reconhecida como um dos dispositivos mais antigos... é retratada nas paredes de seus pagodes, é pintada nas lanternas usadas para iluminar os recessos mais sagrados de seus templos. "

A cruz tem sido um símbolo sagrado na Índia há séculos entre os não-cristãos. Tem sido usado para marcar os jarros de água benta retirados do Ganges, também como um emblema de santos jainistas desencarnados. Na parte central da Índia, foram descobertas duas cruas cruzes de pedra que datam de séculos antes da era cristã — uma com mais de três metros de altura e outra com mais de dois metros e meio de altura. Os budistas e muitas outras seitas da Índia marcavam seus seguidores na cabeça com o sinal da cruz.

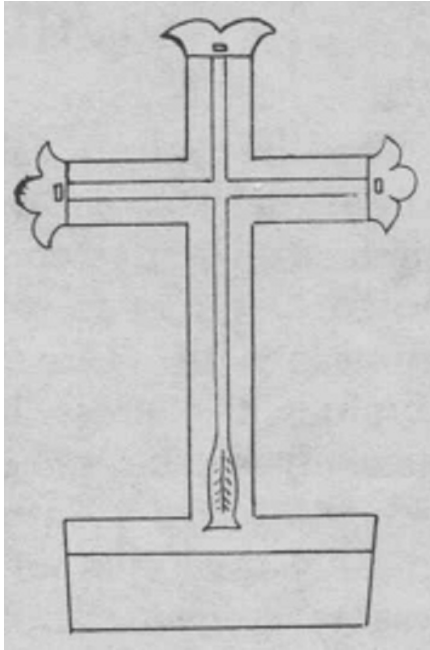
No continente africano, em Susa, os nativos mergulham uma cruz no rio Gitche. As mulheres cabilas, embora maometanos, tatuam um cruzamento entre os olhos. Em Wanyamwizi as paredes são decoradas com cruzes. Os Yaricks, que estabeleceram uma linha de reinos do Níger ao Nilo, tinham uma imagem de uma cruz pintada em seus escudos.

Quando os espanhóis desembarcaram pela primeira vez no México, "não puderam suprimir sua admiração", diz Prescott, "enquanto contemplavam a cruz, o emblema sagrado de sua própria fé, erguida como objeto de adoração nos templos de Anahuac. Os espanhóis foram não sabia que a cruz era o símbolo de adoração da mais alta antiguidade... por nações pagãs sobre as quais a luz do cristianismo nunca brilhou".

Em Palenque, México, fundado por Votan no século IX antes da Era Cristã, há um templo pagão conhecido como "O Templo da Cruz". Lá inscrita em uma laje do altar está uma cruz central de seis e meio por onze pés de tamanho. A Enciclopédia Católica inclui uma fotografia desta cruz, abaixo da qual estão as palavras "Cruz Pré-Cristã de Palenque".

Antigamente, os mexicanos adoravam uma cruz como tota (nosso pai). Essa prática de abordar um pedaço de madeira com o título "pai" também é mencionada na Bíblia. Quando os israelitas

misturaram idolatria com sua religião, eles disseram a um tronco: "Tu és meu pai" (Jr 2:27). Mas é contrário às escrituras chamar um pedaço de madeira (ou um sacerdote) pelo título de "pai".

Eras atrás na Itália, antes que as pessoas soubessem qualquer coisa sobre as artes da civilização, eles acreditavam na cruz como um símbolo religioso. Foi considerado como um protetor e foi colocado sobre os túmulos. Em 46 a.C., as moedas romanas mostram Júpiter segurando um longo cetro que termina em uma cruz) As virgens vestais da Roma pagã usavam a cruz suspensa em seus colares, como as freiras da igreja católica romana fazem agora.

Os gregos representavam cruzes na faixa de cabeça de seu deus correspondendo a Tamuz dos babilônios. Porcelli menciona que Isis foi mostrada com uma cruz na testa. Seus sacerdotes carregavam cruzes processionais em sua adoração a ela. O templo de Serápis em Alexandria foi encimado por uma cruz. O templo da Esfinge quando foi desenterrado foi encontrado em forma de cruciforme. Insígnias em forma de cruz foram carregadas pelos persas durante suas batalhas com Alexandre, o Grande (335 a.C.).

A cruz foi usada como símbolo religioso pelos aborígenes da América do Sul nos tempos antigos. As crianças recém-nascidas eram colocadas sob sua proteção contra os maus espíritos. Os patagônicos tatuavam suas testas com cruzes. Cerâmica antiga no Peru foi encontrada marcada com a cruz como símbolo religioso. Os monumentos mostram que os reis assírios usavam cruzes suspensas em seus colares, assim como alguns estrangeiros que lutavam contra os egípcios.

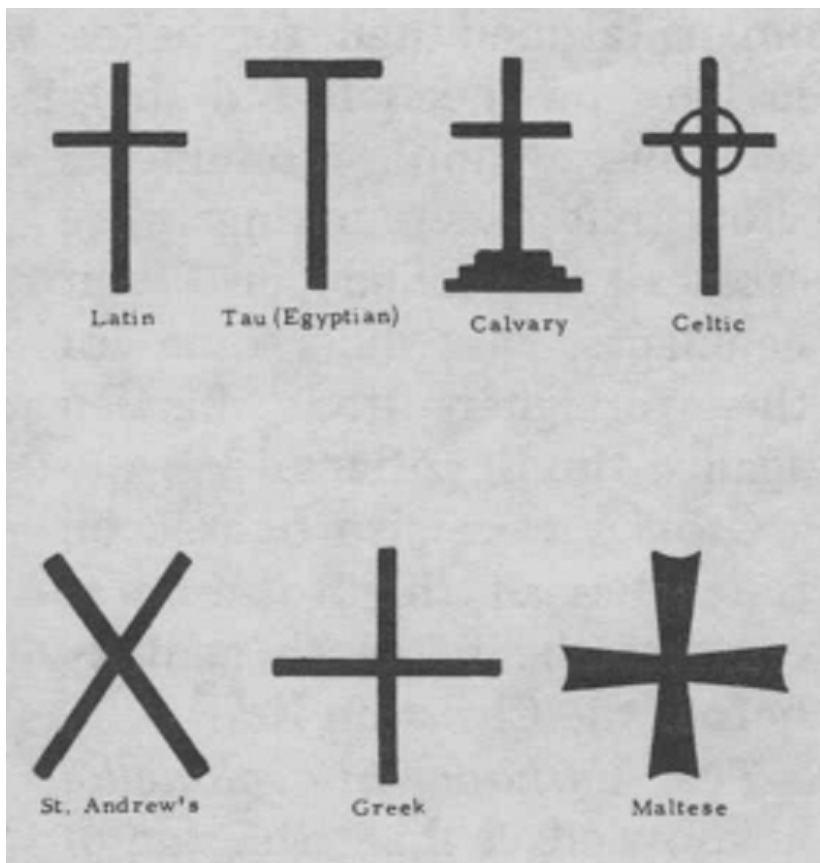
Cruzes também foram figuradas nas vestes do Rot-n-no já no século XV antes da Era Cristã.

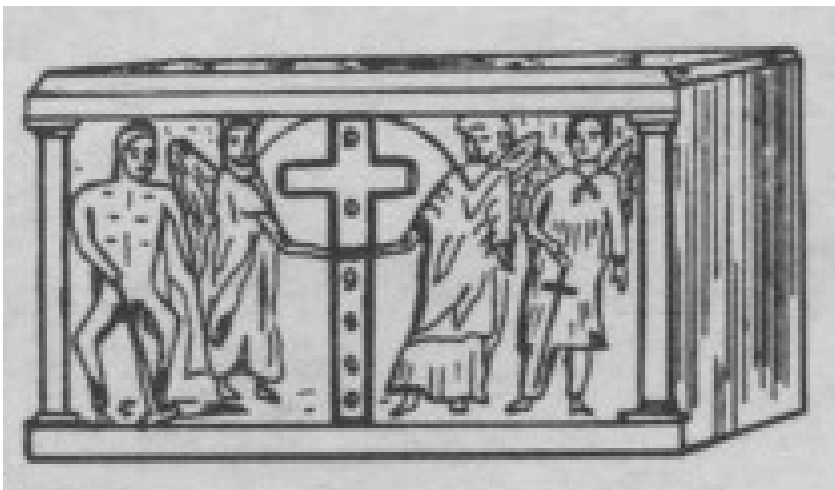
A Enciclopédia Católica reconhece que "o sinal da cruz, representado em sua forma mais simples pelo cruzamento de duas linhas em ângulos retos, é muito anterior, tanto no Oriente como no Ocidente, à introdução do cristianismo. período da civilização humana”.

"Mas desde que Jesus morreu na cruz", alguns perguntam, "isso não o torna um símbolo cristão?" É verdade que na maioria das mentes a cruz passou a ser associada a Cristo. Mas aqueles que conhecem sua história e as formas supersticiosas como tem sido usado – especialmente nos séculos passados – podem ver o outro lado da moeda. Embora pareça grosseiro, alguém perguntou: "Suponha que Jesus tivesse sido morto com uma espingarda; isso seria algum motivo para ter uma espingarda pendurada em nossos pescoços ou em cima do telhado da igreja?" Tudo se resume a isto: o importante não é o quê, mas quem—quem foi que morreu, não qual foi o instrumento da morte. Santo Ambrósio fez uma observação válida quando disse: "Adoremos Cristo, nosso Rei, que foi pendurado no madeiro, e não no madeiro".

A crucificação como método de morte "era usada nos tempos antigos como punição por crimes flagrantes no Egito, Assíria, Pérsia, Palestina, Cartago, Grécia e Roma... a rainha Semiramis"

Cristo morreu em uma cruz – qualquer que fosse – e, no entanto, muitos tipos de cruzes são usados na religião católica. Alguns tipos diferentes são mostrados aqui. Uma página na Enciclopédia Católica mostra quarenta. Se o uso católico romano da cruz começou simplesmente com a cruz de Cristo – e não foi influenciado pelo paganismo – por que tantos tipos diferentes de cruzes são usados?

Diz um escritor notável: Das várias variedades da cruz ainda em voga, como emblemas nacionais e eclesiásticos, distinguidos pelas denominações familiares de São Jorge, Santo André, o maltês, o grego, cuja a mais remota antiguidade"!

A cruz conhecida como a cruz TAU foi amplamente utilizada no Egito. "Em tempos posteriores, os cristãos egípcios (coptas), atraídos por sua forma, e talvez por seu simbolismo, adotaram-no como o emblema da cruz."18 O que é conhecido como cruz grega também foi encontrado em monumentos egípcios. Esta forma da cruz foi usada na Frígia, onde adornou o túmulo de Midas. Entre as ruínas de Nínive, um rei é mostrado usando uma cruz de Malta no peito. A forma da cruz que hoje é conhecida como cruz latina foi usada pelos etruscos, como visto em uma antiga tumba pagã com anjos alados de cada lado.

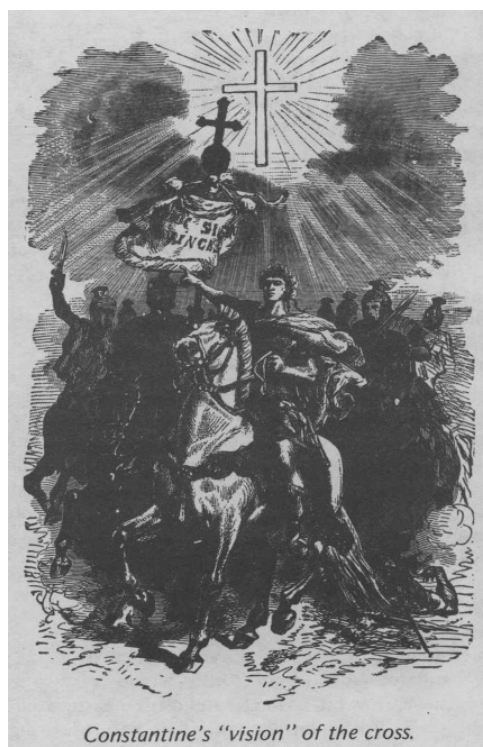
Entre os Cumas da América do Sul, o que tem sido chamado de ST. A cruz de ANDREW, era considerada um protetor contra os maus espíritos:18 Apareceu nas moedas de Alexander Bala na Síria em 146 a.C. e nas dos reis baktrianos por volta de 140 a 120 a.C. - muito antes de "Santo André" ter nascido! A cruz que mostramos aqui é hoje chamada de cruz do CALVÁRIO, mas este desenho é de uma antiga inscrição na Tessália que data de um período anterior à Era Cristã!

Uma última pergunta permanece. Jesus morreu em uma cruz - que forma era? Alguns acreditam que era simplesmente uma estaca de tortura sem qualquer peça cruzada. A palavra "cruz" transmite automaticamente o significado de que dois pedaços de madeira se cruzam em algum ponto ou ângulo. Mas a palavra grega da qual "cruz" é traduzida no Novo Testamento, stauros, não requer esse significado.

A palavra em si significa simplesmente uma estaca ou poste vertical.2° Se o instrumento no qual Jesus morreu não era mais do que isso, não era uma "cruz" (como tal)! Isso mostraria claramente a loucura de muitos tipos de cruzes serem "cristianizadas". Mas não precisamos insistir nessa conclusão.

A afirmação de Tomé sobre a impressão dos pregos (plural) nas mãos de Jesus (João 20:25) parece indicar uma cruz, pois em uma única estaca suas mãos provavelmente teriam sido perfuradas com um prego. Permitindo espaço acima de sua cabeça para a inscrição (Lucas 23:38), essas coisas tenderiam a favorecer o que foi chamado de cruz latina.

Cruzes em forma de "T" ou "X" podem ser eliminadas, pois provavelmente não permitiriam espaço suficiente acima da cabeça para a inscrição.

Quanto à forma exata da cruz de Cristo, não precisamos ficar muito preocupados. Todos esses argumentos se tornam insignificantes quando comparados ao significado real da cruz – não o pedaço de madeira – mas a eterna redenção de Cristo.

Constantine's "vision" of the cross.

A "visão" da cruz de Constantino.

CAPÍTULO SETE

Constantino e a Cruz

Um fator de destaque que contribuiu para a adoração da imagem da cruz dentro da igreja romana foi a famosa "visão da cruz" e subsequente "conversão" de Constantino. Quando ele e seus soldados se aproximaram de Roma, eles estavam prestes a enfrentar o que é conhecido como a Batalha da Ponte Mílvia.

De acordo com o costume da época, os aruspícios (aqueles que empregavam a adivinhação por meios como a leitura das entranhas dos animais sacrificados) eram chamados para dar conselhos. (O uso da adivinhação antes das batalhas também foi praticado pelo rei da Babilônia: "Pois o rei da Babilônia estava na encruzilhada, na cabeceira dos dois caminhos, para usar a adivinhação: ele fez suas flechas brilhantes, ele consultou com imagens, olhou no fígado" – Ezequiel 21: 21.) No caso de Constantino, foi-lhe dito que os deuses não viriam em seu auxílio, que ele sofreria derrota na batalha. Mas então, em uma visão ou sonho, como ele relatou mais tarde, apareceu-lhe uma cruz e as palavras: "Neste sinal, conquiste". No dia seguinte — 28 de outubro de 312 — ele avançou atrás de um estandarte representando uma cruz. Ele foi vitorioso naquela batalha, derrotou seu rival e professou a conversão. É claro que essa aparente vitória para o cristianismo fez muito para promover o uso da cruz na igreja romana.

Admite-se por todos os lados, no entanto, que a visão da cruz de Constantino provavelmente não é historicamente verdadeira. A única autoridade de quem a história foi reunida pelos historiadores é Eusébio, que confessadamente era propenso à edificação e foi acusado de "falsificador da história". Mas se Constantino teve tal visão, devemos supor que seu autor foi Jesus Cristo? O Príncipe da Paz instruiria um imperador pagão a fazer uma bandeira militar encarnando a cruz e sair conquistando e matando naquele sinal?

O Império Romano (do qual Constantino se tornou o chefe) foi descrito nas Escrituras como uma "besta".

Daniel viu quatro grandes animais que representavam quatro impérios mundiais - Babilônia (um leão), Medo-Pérsia (um urso), Grécia (um leopardo) e Roma. A quarta besta, o Império Romano, era tão horrível que era simbolizada por uma besta diferente de qualquer outra (Daniel 7:1-8). Não vemos razão para supor que Cristo diria a Constantino para conquistar com o sinal da cruz para promover o sistema de besta de Roma!
Mas se a visão não era de Deus, como explicar a conversão de Constantino? Na verdade, sua conversão deve ser seriamente questionada. Embora ele tivesse muito a ver com o estabelecimento de certas doutrinas e costumes dentro da igreja, os fatos mostram claramente que ele não foi

verdadeiramente convertido – não no sentido bíblico da palavra. Os historiadores admitem que sua conversão foi "nominal, mesmo para os padrões contemporâneos".

Provavelmente, a indicação mais óbvia de que ele não foi verdadeiramente convertido pode ser visto no fato de que, após sua conversão, ele cometeu vários assassinatos - incluindo o assassinato de sua própria esposa e filho! De acordo com a Bíblia "nenhum homicida tem a vida eterna nele" (1 João 3:15).

O primeiro casamento de Constantino foi com Minervina, com quem teve um filho chamado Crispo. Sua segunda esposa, Fausta, deu-lhe três filhas e três filhos. Crispus tornou-se um excelente soldado e ajudou seu pai. No entanto, em 326 - pouco depois de dirigir o Concílio de Nicéia - ele mandou matar seu filho.

A história é que Crispo fez amor com Fausta. Pelo menos essa foi a acusação de Fausta. Mas este pode ter sido seu método de tirá-lo do caminho, então um de seus filhos poderia reivindicar o trono! A mãe de Constantino, no entanto, o convenceu de que sua esposa "se rendeu ao filho". Constantino sufocou Fausta até a morte em um banho superaquecido. Mais ou menos nessa mesma época, ele mandou açoitar o filho de sua irmã até a morte e o marido de sua irmã estrangulado — mesmo tendo prometido que pouparia sua vida.

Essas coisas são resumidas nas seguintes palavras da Enciclopédia Católica: "Mesmo depois de sua conversão, ele causou a execução de seu cunhado Licínio e do filho deste, bem como de Crispo, seu próprio filho por seu primeiro casamento. , e de sua esposa Fausta... Depois de ler essas crueldades, é difícil acreditar que o mesmo imperador pudesse às vezes ter impulsos suaves e ternos; mas a natureza humana está cheia de contradições ".

Constantino mostrou numerosos favores para com os cristãos, aboliu a morte por crucificação e as perseguições que se tornaram tão cruéis em Roma cessaram. Mas ele tomou essas decisões puramente por convicções cristãs ou teve motivos políticos para fazê-lo?

A Enciclopédia Católica diz: "Alguns bispos, cegos pelo esplendor da corte, chegaram ao ponto de elogiar o imperador como um anjo de Deus, como um ser sagrado, e profetizar que ele, como o Filho de Deus, reinar no céu. Conseqüentemente, foi afirmado que Constantino favoreceu o cristianismo apenas por motivos políticos, e ele foi considerado um déspota esclarecido que fez uso da religião apenas para promover sua política".

Tal foi a conclusão do notável historiador Durant sobre Constantino. "A sua conversão foi sincera - foi um ato de crença religiosa, ou um golpe consumado de sabedoria política? Provavelmente o último... Ele raramente se conformava com os requisitos cerimoniais do culto cristão.

Suas cartas aos bispos cristãos deixam claro que ele pouco se importava com as diferenças teológicas que agitavam a cristandade — embora estivesse disposto a suprimir a dissidência no interesse da unidade imperial. Ao longo de seu reinado, tratou os bispos como seus assessores políticos; ele os convocou, presidiu seus conselhos e concordou em fazer valer qualquer opinião que sua maioria formulasse. Um verdadeiro crente teria sido um cristão primeiro e um estadista depois; com Constantino foi o inverso. O cristianismo era para ele um meio, não um fim. "

As perseguições não destruíram a fé cristã. Constantino sabia disso. Em vez de o império estar constantemente dividido - com pagãos em conflito com cristãos - por que não tomar as medidas necessárias para misturar paganismo e cristianismo, ele raciocinou, e assim trazer uma força unida ao império? Havia semelhanças entre os dois sistemas religiosos. Mesmo o símbolo da cruz não era um fator de divisão, pois nessa época já estava em uso pelos cristãos, e "para o adorador de Mitra nas forças de Constantino, a cruz não podia ofender, pois eles haviam lutado por muito tempo sob um estandarte com uma bandeira mitraica. cruz de luz."

O cristianismo de Constantino era uma mistura. Embora ele tivesse sua estátua removida dos templos pagãos e renunciado a oferecer sacrifícios a si mesmo, as pessoas continuaram a falar da divindade do imperador. Como pontifex maximus, ele continuou a zelar pelo culto pagão e proteger seus direitos. Ao dedicar Constantinopla em 330, foi usado um cerimonial meio pagão e meio cristão.

A carruagem do deus-sol foi colocada na praça do mercado e sobre ela a cruz de Cristo. Moedas feitas por Constantino apresentavam a cruz, mas também representações de Marte ou Apolo. Enquanto professava ser cristão, ele continuou a acreditar em fórmulas mágicas pagãs para a proteção das plantações e a cura de doenças. Todas essas coisas são apontadas na Enciclopédia Católica. No entanto, o conceito pelo qual a Igreja Católica Romana se desenvolveu e cresceu - o conceito de misturar paganismo e cristianismo juntos como uma força unida - está claramente ligado a Constantino e aos anos que se seguiram em que a igreja se tornou rica e aumentou com bens.

Uma história que influenciou muito o culto da cruz dentro da igreja romana – ainda mais do que a visão de Constantino – centrada em sua mãe Helena.

Com quase oitenta anos, ela fez uma peregrinação a Jerusalém. Diz a lenda que ela encontrou três cruzes enterradas lá - uma a cruz de Cristo e as outras duas sobre as quais os ladrões foram crucificados. A cruz de Cristo foi identificada porque operou milagres de cura por sugestão de Macário, bispo de Jerusalém, enquanto as outras duas não.

Diz um artigo na Enciclopédia Católica: "Uma parte da Verdadeira Cruz permaneceu em Jerusalém dentro de um relicário de prata; o restante, com os pregos, deve ter sido enviado a Constantino... Um dos pregos foi preso ao capacete do imperador , e um para a rédea de seu cavalo, realizando, de acordo com muitos dos Padres, o que havia sido escrito por Zacarias, o Profeta: 'Naquele dia, o que está sobre a rédea do cavalo será santo ao Senhor' (Zach . 14:20)"!

Este mesmo artigo, ao tentar manter os ensinamentos gerais da igreja sobre a cruz, admite que as histórias sobre a descoberta da cruz variam e a tradição (que na verdade se desenvolveu anos depois) pode ser amplamente baseada em lendas.

Que Helena visitou Jerusalém em 326 parece ser historicamente correto. Mas a história de sua descoberta da cruz só apareceu em 440 — cerca de 114 anos depois!9 A ideia de que a cruz original ainda estaria em Jerusalém quase 300 anos após a crucificação parece muito duvidosa. Além disso, as leis entre os judeus exigiam que as cruzes fossem queimadas depois de serem usadas para a crucificação.

E se alguém em nossos dias encontrasse a verdadeira cruz de Cristo e pudesse provar que é assim? Isso seria de grande interesse, é claro; mas haveria alguma virtude naquele pedaço de madeira? Não, pois a cruz já cumpriu seu propósito, assim como a serpente de bronze de Moisés.

Lembramos que "Moisés fez uma serpente de bronze, e a colocou sobre uma haste, e aconteceu que, se uma serpente mordesse alguém, vendo a serpente de bronze, viveria" (Números 21:9) . Levantar a serpente no deserto foi um tipo de como Cristo foi levantado na morte (João 3:15). Mas depois que a serpente de bronze serviu ao seu propósito, os israelitas a mantiveram por perto e fizeram dela um ídolo! Assim, séculos depois, Ezequias "fez o que era reto aos olhos do Senhor... até aqueles dias os filhos de Israel lhe queimavam incenso” (2 Reis 18:1-4).

Ezequias fez o "certo" — não apenas destruindo os ídolos pagãos — mas até mesmo o que Deus havia ordenado, pois servira ao seu propósito original e agora estava sendo usado de maneira supersticiosa. Nesta mesma base, se a cruz original ainda existisse, não haveria razão para criá-la

como objeto de adoração. E se não haveria poder na cruz original, quanto menos há em um mero pedaço de madeira em sua forma?

Assim como os egípcios pagãos haviam erguido obeliscos, não apenas como um símbolo de seu deus, mas em alguns casos acreditava-se que a própria imagem possuía poder sobrenatural, mesmo assim alguns passaram a considerar a cruz. Não ajudou Constantino na Batalha da Ponte Milvian? A cruz não havia feito milagres para Helena? Passou a ser considerada uma imagem capaz de afugentar os maus espíritos.

Foi usado como um amuleto. Foi colocado no topo das torres da igreja para espantar os raios, mas por causa de sua posição alta, era exatamente o que atraiu os raios! O uso da cruz em casas particulares deveria evitar problemas e doenças. Muitos pedaços de madeira - supostamente pedaços da cruz "original" - foram vendidos e trocados como protetores e amuletos.

CAPÍTULO OITO

As relíquias do romanismo

A SUPERSTIÇÃO GROSSA que acompanhou o uso de relíquias revela o engano e a inconsistência com que o romanismo tem sido atormentado por séculos. Entre as relíquias mais veneradas estão pedaços da "verdadeira cruz". Tantos deles estavam espalhados por toda a Europa e outras partes do mundo que Calvino disse uma vez que se todos os pedaços fossem reunidos, eles formariam um bom carregamento de navio; no entanto, a cruz de Cristo foi carregada por um indivíduo!

Devemos acreditar que esses pedaços se multiplicaram milagrosamente como quando Jesus abençoou os pães e os peixes? Tal era aparentemente a crença de São Paulino, que falava da "reintegração da Cruz, ou seja, que ela nunca diminuísse de tamanho, não importa quantos pedaços fossem separados dela"!

O notável reformador, João Calvino (1509-1564), mencionou a inconsistência de várias relíquias de sua época. Várias igrejas afirmavam ter a coroa de espinhos; outros os potes de água usados por Jesus no milagre de Caná. Um pouco do vinho foi encontrado em Orleans.

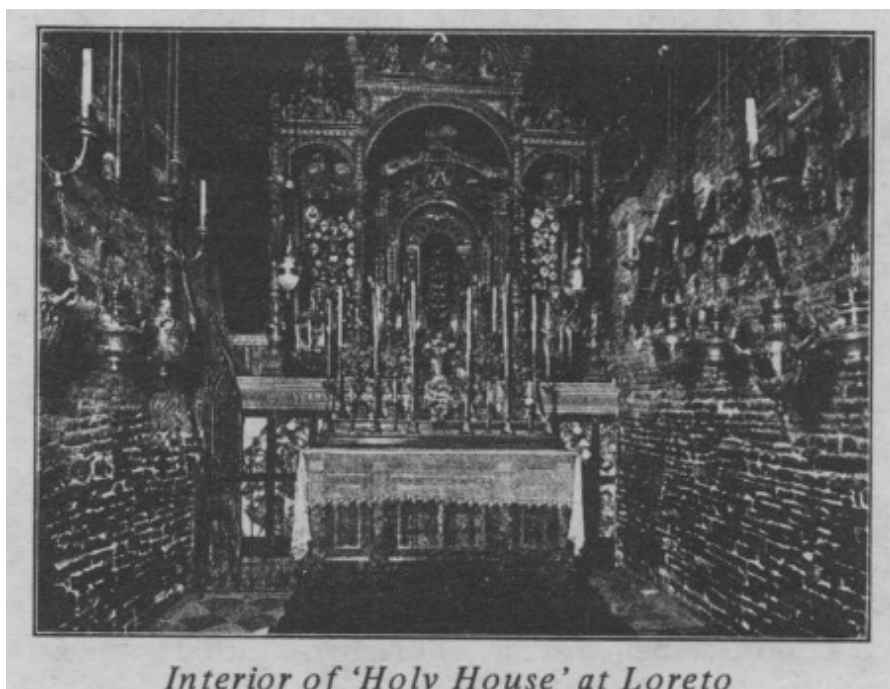
A respeito de um pedaço de peixe grelhado que Pedro ofereceu a Jesus, Calvino disse: "Deve ter sido maravilhosamente bem salgado, se foi conservado por uma série tão longa de eras." O presépio de Jesus foi exibido para veneração todas as vésperas de Natal na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. Várias igrejas afirmaram ter as roupas de bebê de Jesus.

A igreja de São Tiago em Roma exibia o altar no qual Jesus foi colocado quando foi apresentado no templo. Até o prepúcio (de sua circuncisão) foi mostrado pelos monges de Charroux, que, como prova de sua veracidade, declararam que produzia gotas de sangue.

Várias igrejas afirmaram possuir o "prepúcio sagrado", incluindo uma igreja em Coulombs, França, a Igreja de São João em Roma e a Igreja de Puy em Velay!

Outras relíquias incluem as ferramentas de carpinteiro de José, os ossos da jumenta em que Jesus entrou em Jerusalém, o cálice usado na Última Ceia, a bolsa vazia de Judas, a bacia de Pilatos, o manto de púrpura jogado sobre Jesus pelos soldados zombadores, a esponja levantada para ele na cruz, pregos da cruz, espécimes dos cabelos da Virgem Maria (alguns castanhos, alguns loiros, alguns ruivos e alguns pretos), suas saias, aliança, chinelos, véu e até uma garrafa do leite em que Jesus foi amamentado.

Segundo a crença católica, o corpo de Maria foi levado para o céu. Mas várias igrejas diferentes na Europa afirmaram ter o corpo da mãe de Maria, embora não saibamos nada sobre ela e ela não tenha recebido o nome de "Santa Ana" até alguns séculos atrás! Ainda mais difícil é a história da casa de Mary. Os católicos acreditam que a casa em que Maria morava em Nazaré está agora na pequena cidade de Loreto, na Itália, tendo sido transportada para lá por anjos!

A Enciclopédia Católica diz: "Desde o século XV, e possivelmente até mesmo antes, a 'Santa Casa' de Loreto foi contada entre os santuários mais famosos da Itália... O interior mede apenas trinta e um pés por treze. em uma extremidade, sob uma estátua, enegrecida pelo tempo, da Virgem Mãe e seu Divino Infante... venerável em todo o mundo por causa dos Divinos mistérios nela realizados... É aqui que Maria Santíssima, Mãe de Deus, nasceu; aqui que ela foi saudada pelo Anjo; aqui que o Verbo eterno se fez Carne.

Interior of 'Holy House' at Loreto

Interior da 'Holy House' em Loreto

Anjos transportaram esta Casa da Palestina para a cidade Tersato na Ilíria no ano da salvação de 1291 no pontificado de Nicolau IV. Três anos depois, no início do pontificado de Bonifácio VIII, foi levado novamente pelo ministério dos anjos e colocado em uma floresta... de Deus, assumiu a sua posição permanente neste local... Que as tradições assim proclamadas com ousadia ao mundo foram plenamente sancionadas pela Santa Sé não pode permanecer em dúvida por um momento. Mais de quarenta e sete papas renderam de várias maneiras honra ao santuário, e um imenso número de Bulas e Breves proclamam sem reservas a identidade da Santa Casa di Loreto com a Santa Casa de Nazaré"!

A veneração dos cadáveres dos mártires foi ordenada pelo Concílio de Trento, o Concílio que também condenava aqueles que não acreditavam nas relíquias: "Os santos corpos dos santos mártires... muitos benefícios são concedidos por Deus aos homens, de modo que aqueles que afirmam que a veneração e a honra não são devidas às relíquias dos santos... ." Por se acreditar que "muitos benefícios" poderiam vir dos ossos dos mortos, a venda de corpos e ossos se tornou um grande negócio!

Por volta de 750, longas filas de carroças vinham constantemente a Roma trazendo imensas quantidades de crânios e esqueletos que eram selecionados, rotulados e vendidos pelos papas.7 Túmulos eram saqueados à noite e túmulos nas igrejas eram vigiados por homens armados! "Roma", diz Gregorovius, "era como um cemitério em ruínas no qual as hienas uivavam e lutavam enquanto cavavam avidamente os cadáveres".

Há na Igreja de St. Prassede uma laje de mármore que afirma que em 817, o Papa Pascoal mandou transferir os corpos de 2.300 mártires dos cemitérios para esta igreja.

Quando o Papa Bonifácio IV converteu o Panteão em uma igreja cristã por volta de 609, "diz-se que vinte e oito carroças de ossos sagrados foram removidas das Catacumbas e colocadas em uma bacia de profíria sob o altar-mor".

Colocar ossos sob uma igreja ou outras relíquias era necessário para “consagrar” o solo e a construção.” A Igreja do Castelo de Wittenberg, na porta da qual Lutero pregou suas famosas

“Noventa e cinco Teses”, tinha 19.000 relíquias santas! proibido pelo segundo Concílio de Nicéia, em 787, dedicar um edifício se não houvesse relíquias; a pena para isso era a excomunhão! Essas idéias foram tiradas da Bíblia ou do paganismo?

Nas lendas antigas, quando Ninrode, o falso "salvador" da Babilônia, morreu, seu corpo foi dilacerado membro a membro - parte sendo enterrada em um lugar e parte em outro. Quando ele foi "ressuscitado", tornando-se o deus-sol, foi ensinado que ele estava agora em um corpo diferente, os membros do antigo corpo sendo deixados para trás. Isso contrasta com a morte do verdadeiro salvador, Jesus Cristo, de quem foi profetizado: "Um osso dele não será quebrado" (João 19:36) e que foi ressuscitado no verdadeiro sentido da palavra. A ressurreição de Cristo resultou em um túmulo vazio, nenhuma parte de seu corpo sendo deixada para trás como relíquias!

Na antiga religião de mistérios, os vários lugares onde se acreditava que um osso de seu deus estava enterrado eram considerados sagrados — "consagrados" por um osso. "O Egito estava coberto de sepulcros de seu deus martirizado; e muitas pernas, braços e crânios, todos confirmados como genuínos, foram exibidos nos cemitérios rivais para a adoração dos fiéis egípcios."

A influência do Egito sobre os filhos de Israel é evidenciada no estabelecimento do bezerro de ouro. Como o Egito era um lugar de relíquias multiplicadas, a sabedoria de Deus no sepultamento secreto de Moisés é aparente (Dt 34:6). Ninguém sabia o local de seu sepultamento e nenhuma peregrinação sagrada poderia ser feita ao seu túmulo.

Anos mais tarde, a serpente de bronze que Moisés fez foi chamada de "Nehustan" e foi adorada como uma relíquia sagrada pelos israelitas (2 Reis 18:4). Se tal idolatria fosse praticada com algo que Moisés fez, quão mais profundo na idolatria eles teriam ido se possuíssem um de seus ossos!

Talvez seja desnecessário dizer que o uso de relíquias é muito antigo e não se originou com o cristianismo. A Enciclopédia Católica diz, com razão, que o uso "de algum objeto, notadamente parte do corpo ou roupa, remanescente como memorial de um santo falecido" existia "antes da propagação do cristianismo" e "a veneração de relíquias, de fato, é até certo ponto um instinto primitivo associado a muitos outros sistemas religiosos além do cristianismo”.

Se Cristo e os apóstolos não usavam relíquias, mas o uso delas era conhecido antes do cristianismo e entre outras religiões, não temos outro exemplo de uma ideia pagã sendo "cristianizada"?

Não vemos que as relíquias tenham qualquer parte na adoração verdadeira, pois "Deus é Espírito; e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). O extremismo a que levou o uso de relíquias certamente não é "verdade". Alguns dos ossos que uma vez foram aclamados como ossos de santos foram expostos como ossos de animais!

Na Espanha, uma catedral certa vez exibiu o que se dizia ser parte de uma ala do anjo Gabriel quando ele visitou Maria. Após investigação, no entanto, descobriu-se que era uma magnífica pena de avestruz!

Não é necessário trabalhar muito neste ponto. A própria Enciclopédia Católica reconhece que muitas relíquias são duvidosas. "Muitas das relíquias mais antigas devidamente exibidas para veneração nos grandes santuários da cristandade ou mesmo na própria Roma devem agora ser declaradas como certamente espúrias ou abertas a sérias suspeitas ... flagelação' venerado em Roma na Igreja de Santa Prassede e contra muitas outras relíquias famosas"

Como, então, essa discrepância é explicada? A Enciclopédia Católica continua: "...nenhuma desonra é feita a Deus pela continuação de um erro que foi transmitido em perfeita boa fé por muitos séculos... culto de certas relíquias antigas duvidosas para continuar." Mas, novamente, gostaríamos

de salientar que a verdadeira adoração é em espírito e em verdade – não pela continuação de um erro.

Mesmo se tivéssemos um dos cabelos de Maria, ou um osso do apóstolo Paulo, ou o manto de Jesus, Deus ficaria satisfeito com essas coisas sendo colocadas como objetos de adoração? De acordo com o exemplo da serpente de bronze de Moisés, ele não o faria. Podemos apenas perguntar: se não haveria nenhuma virtude real no cabelo, osso ou manto real, quanto menos mérito pode haver nas relíquias que são sabidamente falsas?

CAPÍTULO NOVE

Fraude Religiosa

A VENDA DE relíquias, ofícios da igreja e indulgências tornou-se um grande negócio dentro da igreja da Idade Média. O Papa Bonifácio VIII declarou um jubileu para o ano de 1300 e ofereceu indulgências liberais a quem fizesse uma peregrinação a São Pedro. Estima-se que 2.000.000 pessoas vieram naquele ano e depositaram tal tesouro diante da suposta tumba de São Pedro que dois padres com ancinhos nas mãos foram mantidos ocupados dia e noite juntando o dinheiro.' Muito disso foi usado pelo papa para enriquecer seus próprios parentes - os gaetani - que compraram vários castelos e esplêndidas propriedades no Lácio. Isso foi fortemente ressentido pelo povo de Roma.

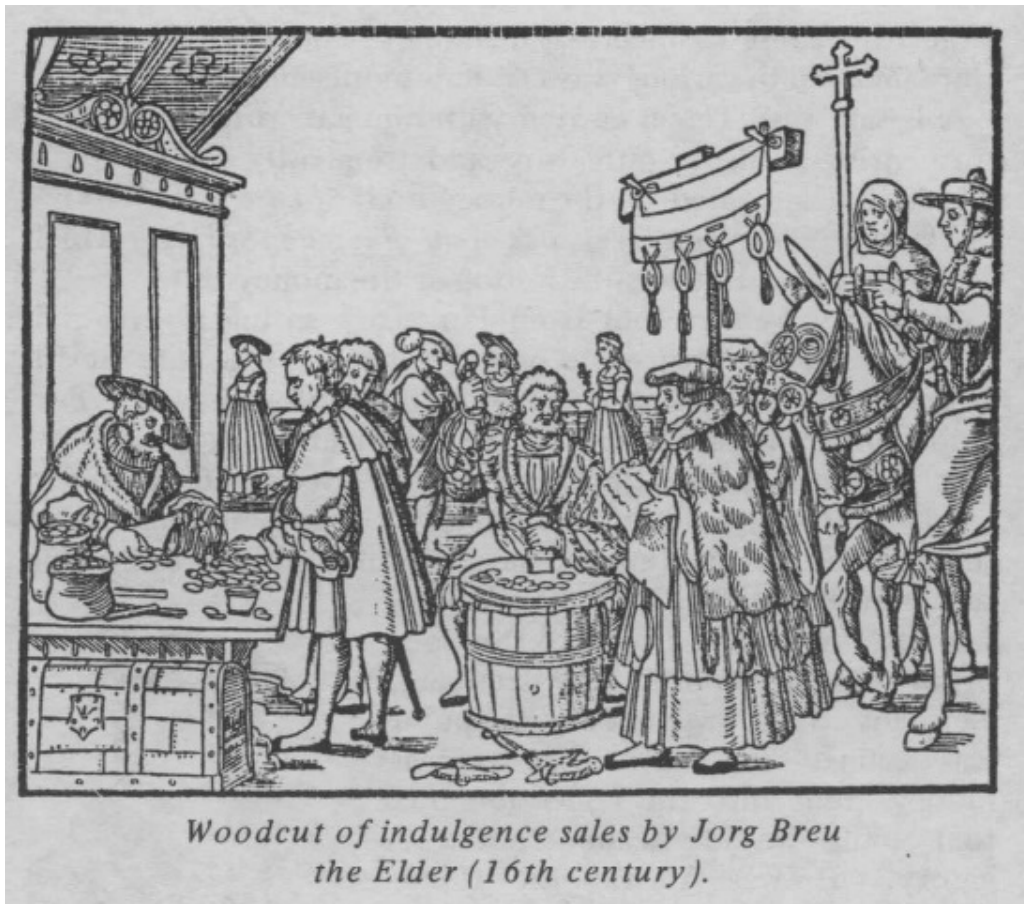
Desde os dias de Constantino, a igreja romana cresceu em riqueza em ritmo acelerado. Na Idade Média, a igreja possuía cidades inteiras e grandes porções de terra. Aqueles que viviam em países católicos eram obrigados a pagar impostos à igreja. Isso não era dar de coração, mas taxas pagas "por necessidade" - um princípio que foi contestado pelo apóstolo Paulo (2 Coríntios 9:7). Naqueles dias, poucas pessoas sabiam escrever, então os padres estavam frequentemente envolvidos na elaboração de testamentos. Em 1170 o Papa Alexandre III decretou que ninguém poderia fazer um testamento válido a não ser na presença de um padre! Qualquer notário secular que redigisse um testamento (exceto nessas circunstâncias) deveria ser excomungado! Muitas vezes um padre era a última pessoa a estar com um moribundo, pois ele dava os últimos ritos, a Extrema Unção. Com tais arranjos, podemos ter certeza de que a igreja romana foi bem lembrada.

Outra fonte de dinheiro era a venda de indulgências. A Enciclopédia Católica explica que os pecados cometidos após o batismo (que para um católico geralmente é na infância!) a vida presente ou no mundo vindouro, isto é, no Purgatório. Uma indulgência oferece ao pecador penitente o meio de quitar esta dívida durante esta vida na terra". Muitos tiveram apenas uma idéia geral do que a palavra indulgência implica.

Outra coisa que não é bem conhecida sobre as indulgências é a base, segundo a crença católica, sobre a qual elas são concedidas. De acordo com a Enciclopédia Católica, a base ou fonte das indulgências é o "Tesouro". Isso inclui a infinita obra redentora de Cristo, que é a propiciação pelos pecados (1 João 2:2), "além disso" – observe a palavra! e as virtudes, penitências e sofrimentos dos santos excedem amplamente qualquer punição temporal que esses servos de Deus possam ter incorrido". Por causa das obras que eles realizaram, há um suprimento extra ou tesouro de méritos, méritos que tornam possível que as indulgências sejam compartilhadas com outros da igreja que não foram tão santos! Tal foi a doutrina dogmaticamente exposta na Bula "Unigenitus" de Clemente VI em 1343. "Segundo a doutrina católica, portanto, a fonte das indulgências é constituída pelos méritos de Cristo e dos santos".

Mas se Cristo "é a propiciação pelos nossos pecados" e seu sangue "nos purifica de todo pecado" (1 João 1:7; 2:2), de que maneira os méritos de Maria e de outros santos podem acrescentar a isso? O que Maria ou outros santos fizeram não pode acrescentar nada à obra completa de Cristo no Calvário. Para nós, tal ladainha não fornece suporte para a doutrina da indulgência, mas a identifica, antes, como uma fabricação feita pelo homem.

Sem uma base bíblica adequada, não é de admirar que a ideia de indulgências tenha levado a muitos abusos. Como a concessão de indulgências era comumente associada a dinheiro, a Enciclopédia Católica faz declarações como: "a prática estava repleta de graves perigos e logo se tornou uma fonte frutífera de mal... eclesiásticos como meio de ganho pecuniário... os abusos eram generalizados"!

Um dos abusos era que alguns que vendiam indulgências a pecadores eram eles próprios pecadores maiores. Por volta de 1450, Thomas Gascoigne, chanceler da Universidade de Oxford, reclamou que os vendedores de indulgências vagavam pela terra e emitiam uma carta de perdão, às vezes pelo pagamento de dois pence, às vezes por um copo de cerveja, pelo aluguel de uma prostituta, ou por amor carnal.

Woodcut of indulgence sales by Jorg Breu the Elder (16th century).

Xilogravura de vendas de indulgências por Jorg Brett, o Velho (século XVI).

Na época de Martinho Lutero, por causa das obras de construção da Basílica de São Pedro, foi feito um esforço especial pelo papa para arrecadar dinheiro através da concessão de indulgências. John Tetzel, conhecido por ser um homem de má conduta, mas que tinha habilidade como charlatão para arrecadar fundos, foi nomeado para vender indulgências na Alemanha. O seguinte é dado como uma descrição de testemunha ocular da entrada de Tetzel em uma cidade alemã. "Quando o vendedor de indulgências se aproximou da cidade, a Bula (o documento oficial do papa) foi levada diante dele em um pano de veludo e ouro, e todos os padres e monges, o conselho da cidade, os professores e seus estudiosos, e todos os homens e mulheres saíram ao seu encontro com estandartes e velas e canções, formando uma grande procissão; depois com sinos tocando e órgãos tocando, eles o acompanharam até a igreja principal; uma cruz foi colocada no meio da igreja e o papa estandarte exposto, enfim, poder-se-ia pensar que estavam recebendo o próprio Deus. Em frente à cruz foi colocado um grande baú de ferro para receber o dinheiro, e então as pessoas foram induzidas de várias maneiras a comprar indulgências."

Diz-se que Tetzel carregava consigo uma imagem do diabo atormentando as almas no purgatório e repetia frequentemente as palavras que apareciam na caixa de dinheiro: So bald der pfenning im kasten klingt, kie seel' aus dem Fegfeuer springt, que traduzido livremente significa, "Assim que o dinheiro no caixão toca, a alma perturbada do Purgatório brota." Os ricos davam grandes doações, enquanto os camponeses pobres sacrificavam o que podiam para ajudar seus entes queridos no Purgatório ou obter o perdão de seus próprios pecados.

Nas universidades medievais, aqueles que desejavam defender certas opiniões publicavam "teses" - declarações de suas ideias - e convidavam à discussão sobre esses pontos. Seguindo esse costume, Martinho Lutero pregou suas famosas Noventa e cinco Teses na porta da Igreja do Castelo em Wittenberg, Alemanha. (Seu vigésimo sétimo ponto foi contra a ideia de que, assim que o dinheiro entrasse na caixa de coleta, as almas escapariam do Purgatório.) Não foi na Igreja do Castelo, porém, que Tetzel pregou. A pregação de indulgência não era permitida em Wittenberg. Mas muitas pessoas de Wittenberg foram ouvir Tetzel falar em Juterbog, uma cidade próxima.

Lutero começou a falar contra a venda de indulgências e, eventualmente, contra as indulgências como tal. Ele foi denunciado em uma Bula do Papa Leão X por dizer: "As indulgências são fraudes piedosas... As indulgências não valem aqueles que realmente as ganham para a remissão da pena devido ao pecado real aos olhos da justiça de Deus".

A obra da Reforma fez um bom trabalho ao expor os abusos de dar dinheiro em favor das almas do Purgatório. Hoje as pessoas não são informadas de que o dinheiro pode pagar a libertação dessas almas atormentadas. No entanto, a doação de dinheiro e as orações pelos mortos andam de mãos dadas. Uma vez que os padres devem admitir que não têm como saber quando as almas realmente passam do Purgatório para o Céu, nunca há realmente uma paz estabelecida no assunto. Sempre existe a possibilidade de que mais dinheiro seja dado em nome de entes queridos que morreram. Jogar com o amor e as ternas lembranças de pessoas enlutadas, tirar dinheiro para missas e longas orações, lembra aqueles sacerdotes judeus do tempo de Jesus que "devoravam as casas das viúvas e, por pretexto, faziam longas orações" (Matt. . 23:14).

A Missa Solene pode ser muito cara, dependendo das flores, velas e número de sacerdotes participantes. É cantado em alto tom de voz. A missa baixa, por outro lado, é muito mais barata - apenas seis velas são usadas e é repetida em voz baixa. Os irlandeses têm um ditado: "Dinheiro alto, massa alta; dinheiro baixo, massa baixa; sem dinheiro, sem massa!"

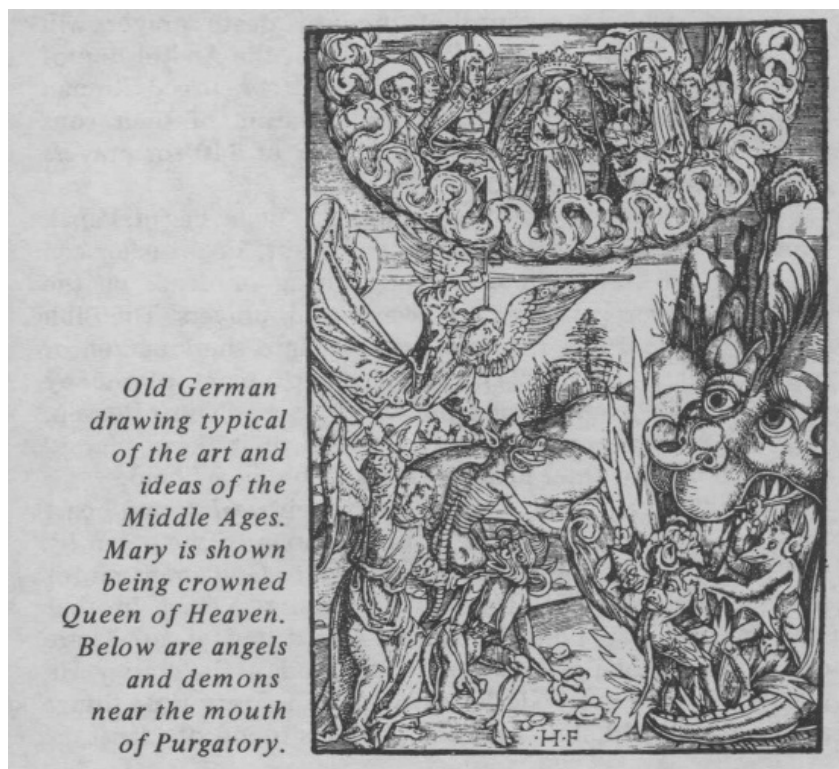
Aqueles que morrem sem ninguém para pagar as missas em seu nome são chamados de "almas esquecidas do Purgatório". No entanto, estes são lembrados em orações especiais em 2 de novembro, "Dia de Finados". Se um católico teme se tornar uma das "almas esquecidas", ele pode se juntar à Sociedade Purgatoriana, que foi criada em 1856. Uma contribuição anual para a sociedade lhe assegurará que, após sua morte, orações serão feitas por sua alma. . Durante a Segunda Guerra Mundial, o Arcebispo de Winnipeg, em uma carta datada de 1º de março de 1944, exortou as mães católicas romanas a garantir a salvação de seus filhos do Purgatório pagando a ele $ 40 por orações e missas em seu nome.

Direi aqui muito claramente, seja ele pagão, papal, protestante ou pentecostal, nenhum papa, padre ou pregador pode garantir a salvação de alguém, vivo ou morto, com base em qualquer quantia de dinheiro dada por suas orações. . A Bíblia diz que é difícil para um rico entrar no reino dos céus (Mt 19:23, 24). Mas se o pagamento em dinheiro pudesse ajudar uma pessoa a escapar do Purgatório e ir para o Céu, exatamente o inverso seria verdadeiro. Em vez de ser "difícil" para um rico entrar no céu, as riquezas seriam uma "ajuda".

A Bíblia diz: "Os que confiam nas suas riquezas, e se gloriam na multidão das riquezas, nenhum deles pode de modo algum remir a seu irmão, nem dar a Deus um resgate por ele" (Salmos 49:6,7). Se o dinheiro não pode redimir um irmão que está vivo, como poderia redimi-lo se ele estiver morto? Não pode haver engano quanto à posição de Pedro sobre o assunto. Ele diz claramente que "não somos redimidos com coisas corruptíveis, como prata e ouro... mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha" (1 Pedro 1:18, 19). Quando o ex-feiticeiro de Samaria ofereceu dinheiro para obter um dom de Deus, Pedro disse: "Para o inferno com você e seu dinheiro! Como você ousa pensar que poderia comprar o dom de Deus?" (Atos 8:20). Essas palavras são da tradução de J. B. Phillips, à qual ele acrescenta uma nota de rodapé: "É exatamente isso que o grego significa. É uma pena que seu significado real seja obscurecido pela gíria moderna".

As idéias católicas romanas sobre o Purgatório (e orações para ajudar aqueles no Purgatório) não eram os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. Tal não foi ensinado dentro da igreja romana em grande medida até cerca de 600, quando o papa Gregório, o Grande, fez reivindicações sobre um terceiro estado - um lugar para a purificação das almas antes de sua entrada no céu - e não se tornou um dogma real até o Concílio. de Florença em 1459.

Durante o século XII, espalhou-se uma lenda que afirmava que São Patrício havia encontrado a entrada real do Purgatório. Para convencer alguns incrédulos, ele mandou cavar um poço muito profundo na Irlanda, no qual desceram vários monges.

Old German drawing typical of the art and ideas of the Middle Ages. Mary is shown being crowned Queen of Heaven. Below are angels and demons near the mouth of Purgatory.

Antigo desenho alemão típico da arte e das ideias da Idade Média. Maria é mostrada sendo coroada Rainha do Céu. Abaixo estão anjos e demônios perto da boca do Purgatório.

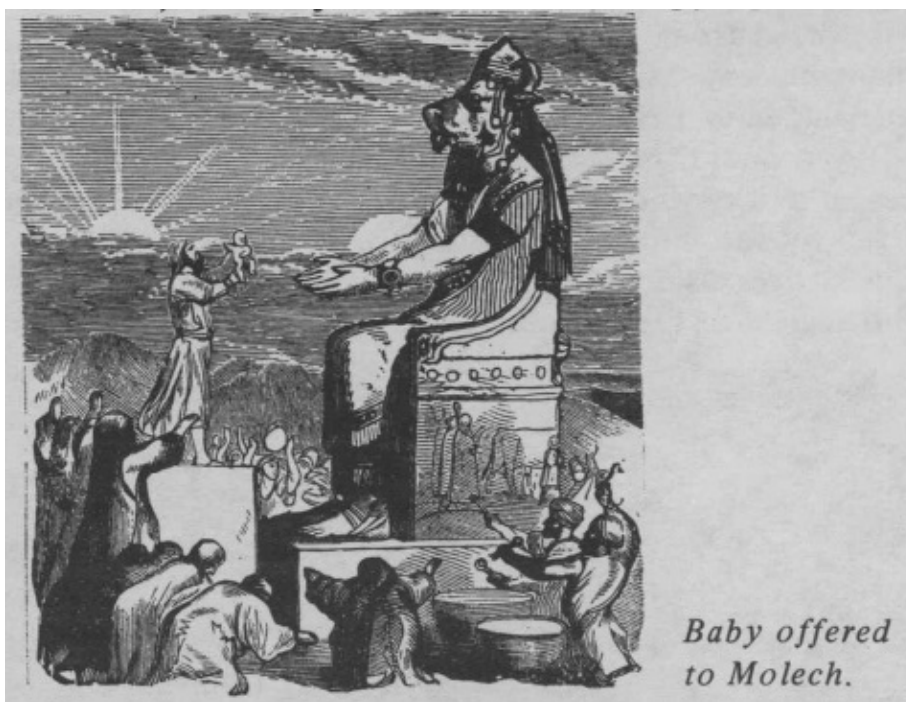
Ao retornarem, dizia a história, eles descreveram o Purgatório e o Inferno com uma vivacidade desanimadora. Em 1153, o cavaleiro irlandês Owen afirmou que também havia descido pelo poço para o submundo. Turistas vinham de longe e de perto para visitar o local. Em seguida, os abusos financeiros se desenvolveram e em 1497 o Papa Alexandre VI ordenou que fosse fechado como uma fraude! Três anos depois, no entanto, o Papa Bento XIV pregou e publicou em Roma um sermão em favor do Purgatório de Patrício.

As crenças sobre um purgatório existem há muito tempo. Platão, que viveu de 427 a 347 aC, falou dos professores órficos de sua época "que se aglomeram às portas do homem rico e tentam convencê-lo de que têm um poder sob seu comando, que obtêm do céu e que os capacita por sacrifícios e encantamentos... para reparar qualquer crime cometido pelo próprio indivíduo, ou seus ancestrais... Seus mistérios nos livram dos tormentos do outro mundo, enquanto a negligência deles é punida com uma terrível condenação.

Budistas chineses comprando indulgências.

Há uma descrição elaborada do sofrimento purgatório nos escritos sagrados do budismo. Houve momentos em que tantos budistas chineses vieram comprar orações para a libertação de seus entes queridos do purgatório que lojas especiais foram montadas para esse fim. (Ilustração acima.) Na religião de Zoroastro, as almas passam por doze estágios antes de serem suficientemente purificadas para entrar no céu. Os estóicos concebiam um lugar intermediário de iluminação que chamavam de Empurosis, isto é, "um lugar de fogo". De acordo com a doutrina muçulmana, os anjos Munnker e Nekier questionam aqueles que morrem quanto à sua religião e profeta.

Muitos destes vão para o purgatório, mas através do dinheiro dado a um padre pode ser providenciada uma fuga.

O conceito de dar dinheiro em favor dos mortos é muito antigo, um ponto que pode ser visto dentro da própria Bíblia. Aparentemente os israelitas foram expostos a essa crença, pois foram advertidos a não dar dinheiro "pelos mortos" (Dt. 26: 14). Depois de apresentar provas detalhadas para sua conclusão, Hislop diz: "Em todo sistema, portanto, exceto o da Bíblia, a doutrina do purgatório após a morte e orações pelos mortos, sempre ocuparam um lugar".

Bebê oferecido a Moloque.

É muito possível que os conceitos sobre o purgatório e certas ideias ligadas ao culto a Moloque tenham origem na mesma fonte. Parece que várias nações tinham a ideia de que o fogo, de uma forma ou de outra, era necessário para purificar do pecado. Os israelitas foram repetidamente proibidos de deixar sua semente "passar pelo fogo a Moloque" (Lev. 18:21, Jer. 32:35, 2 Reis 23:10). Molech (que alguns identificam com Bel ou Nimrod) era adorado "com sacrifícios humanos, purificações... com mutilações, votos de celibato e virgindade e devoção ao primogênito". Às vezes ele era representado como um ídolo horrível com fogo queimando por dentro para que o que fosse colocado em seus braços fosse consumido. Na ilustração acima, um sacerdote pagão pegou um bebê de sua mãe para ser oferecido a Moloque. Para que os pais não cedessem, um barulho alto foi feito nos tambores para esconder os gritos. A palavra para tambores é tophim, de onde vem a palavra "Tophet", o lugar mencionado em versos como Jeremias 7:31: "Eles construíram o alto de Tophet ... para queimar seus filhos e suas filhas no fogo. " Enquanto tambores soavam, bandas tocavam e sacerdotes cantavam, sacrifícios humanos eram devorados nas chamas.

Como é lamentável pensar que por meio de ritos tão cruéis, ou pelo pagamento de dinheiro, os homens pensam que podem pagar por seus pecados. A boa notícia é que o preço já foi pago — por Jesus Cristo! A salvação é pela graça - pelo favor que nunca poderia ser merecido por dinheiro, obras humanas ou sacrifícios. "Porque pela GRAÇA sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós; é DOM de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8, 9).

CAPÍTULO DEZ

Pedro foi o primeiro papa?

À frente da Igreja Católica Romana está o papa de Roma. Este homem – de acordo com a doutrina católica – é o chefe terreno da igreja e sucessor do apóstolo Pedro. De acordo com essa crença, Cristo nomeou Pedro como o primeiro papa, que por sua vez foi a Roma e serviu nessa função por vinte e cinco anos. Começando com Pedro, a Igreja Católica reivindica uma sucessão de papas que continua até hoje. Esta é uma parte muito importante da doutrina católica romana. Mas as escrituras ensinam que Cristo ordenou UM homem para estar acima de todos os outros em sua igreja? Podemos encontrar alguma autoridade bíblica para o cargo de papa, um pontífice supremo? Os primeiros cristãos reconheceram Pedro como tal?

Ao contrário, as escrituras mostram claramente que deveria haver igualdade entre os membros da igreja e que CRISTO "é a cabeça da igreja" (Efésios 5:23), não o papa.

Tiago e João uma vez vieram a Jesus perguntando se um deles poderia sentar-se à sua direita e o outro à sua esquerda no reino. (Nos reinos orientais, os dois principais ministros de estado, os próximos em autoridade do rei, ocupam essas posições.) Se a afirmação católica romana for verdadeira, parece que Jesus teria explicado que ele havia dado o lugar ao seu direito Pedro e não pretendia criar nenhuma posição à esquerda! Mas, ao contrário, eis a resposta de Jesus: "Sabeis que os príncipes dos gentios os dominam, e os grandes dominam sobre eles, mas entre vós não será assim" (Mc 10: 35-43).

Nesta declaração, Jesus disse claramente que nenhum deles deveria ser um governante sobre os outros. Em vez disso, ele ensinou uma igualdade – negando claramente os princípios envolvidos em ter um papa governando a igreja como o Bispo dos bispos!

Jesus ensinou ainda o conceito de igualdade advertindo os discípulos contra o uso de títulos lisonjeiros como "pai" (a palavra "papa" significa pai), Rabino ou Mestre. "Pois um é o vosso Mestre, Cristo", disse ele, "e todos vós sois irmãos" (Mt 23:4-10). A ideia de que um deles seria exaltado à posição de papa está em total desacordo com esta passagem.

Mas os católicos romanos são ensinados que Pedro recebeu uma posição tão superior que toda a igreja foi construída sobre ele! O versículo que é usado para apoiar esta afirmação é Mateus 16: 18: "E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela."

Se tomarmos este versículo em seu contexto, no entanto, podemos ver que a igreja não foi edificada sobre Pedro, mas sobre CRISTO. Nos versículos anteriores, Jesus perguntou aos discípulos quem os homens estavam dizendo que ele era. Alguns diziam que ele era João Batista, outros Elias; outros pensavam que ele era Jeremias ou um dos profetas. Então Jesus perguntou: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" A isso, Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Foi então que Jesus disse: "Tu és Pedro (petros - uma pedra, uma rocha), e sobre esta pedra (petra - uma massa de rocha - a grande pedra fundamental da verdade que Pedro havia acabado de expressar) edificarei minha igreja. ." A pedra sobre a qual a verdadeira igreja deveria ser edificada estava relacionada com a declaração de Pedro — "Tu és o Cristo" — e assim o verdadeiro fundamento sobre o qual a igreja foi edificada era o próprio Cristo, não Pedro.

O próprio Pedro declarou que Cristo era a pedra fundamental (1 Pedro 2:4-8). Ele falou de Cristo como "a pedra que foi rejeitada por vós, construtores... e em nenhuma outra há salvação" (Atos 4:11, 12). A igreja foi edificada sobre Cristo. Ele é o verdadeiro fundamento e não há outro fundamento: "Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que está posto, que é Jesus Cristo" (1 Coríntios 3:11).

Quando Jesus falou em construir sua igreja sobre uma rocha, os discípulos não entenderam que isso significava que ele estava exaltando Pedro como seu papa, pois dois capítulos depois eles perguntaram a Jesus sobre quem era o MAIOR (Mt 18:1). Se Jesus tivesse ensinado que Pedro era aquele sobre quem a igreja deveria ser edificada – se este versículo provasse que Pedro seria o papa – os discípulos saberiam automaticamente quem era o maior entre eles!

Na verdade, não foi até a época de Calixto, que foi bispo de Roma de 218 a 223, que Mateus 16:18 foi usado na tentativa de provar que a igreja foi construída sobre Pedro e que o bispo de Roma era seu sucessor.

Se olharmos atentamente para Pedro nas Escrituras, torna-se evidente que Pedro não era um papa!

1. Pedro era casado. O fato de Pedro ser um homem casado não se harmoniza com a posição católica de que um papa deve ser solteiro. As Escrituras nos dizem que a mãe da esposa de Pedro foi curada de uma febre (Mt 8:14). Claro que não poderia haver uma "mãe da esposa de Pedro" se Pedro não tivesse uma esposa! Mesmo anos depois, Paulo fez uma declaração que mostra que os apóstolos tinham esposas—incluindo Cefas (1 Coríntios 9:5). Cefas era o nome aramaico de Pedro (João 1:42).

2. Pedro não permitiu que os homens se curvassem a ele. Quando Pedro entrou em sua casa, "Cornélio foi ao encontro dele e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, eu mesmo sou homem" (Atos 10:25, 26). Isso era bem diferente do que um papa poderia ter dito, pois os homens se curvam diante do papa.

3. Pedro não colocou a tradição no mesmo nível da palavra de Deus. Ao contrário, Pedro tinha pouca fé nas "tradições de seus pais" (1 Pedro 1:18). Seu sermão no dia de Pentecostes estava cheio da Palavra, não de tradições de homens. Quando as pessoas perguntaram o que deveriam fazer para se acertarem com Deus, Pedro não lhes disse que derramassem um pouco de água ou aspergissem sobre eles. Em vez disso, ele disse: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38).

4. Pedro não era papa, pois não usava coroa. O próprio Pedro explicou que quando o sumo pastor aparecer, então receberemos "uma coroa de glória que não murcha" (1 Pedro 5:4). Uma vez que Cristo ainda não apareceu novamente, a coroa que o papa usa não é aquela que Cristo lhe concedeu. Em suma, Pedro nunca agiu como um papa, nunca se vestiu como um papa, nunca falou como um papa, nunca escreveu como um papa, e as pessoas não o abordavam como um papa!

Com toda a probabilidade, nos primórdios da igreja, Pedro assumiu a posição mais proeminente entre os apóstolos. Foi Pedro quem pregou o primeiro sermão após o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes e 3.000 foram acrescentados ao Senhor. Mais tarde, foi Pedro quem primeiro levou o evangelho aos gentios. Sempre que encontramos uma lista dos doze apóstolos na Bíblia, o nome de Pedro é sempre mencionado primeiro (Mateus 10:2; Marcos 3:16; Lucas 6:14; Atos 1:13). Mas nada disso — nem por imaginação — indicaria que Pedro era o papa ou o Bispo universal dos bispos!

Enquanto Pedro aparentemente assumiu o papel mais notável dos apóstolos no início, mais tarde, PAULO parece ter tido o ministério mais notável. Como escritor do Novo Testamento, por exemplo, Paulo escreveu 100 capítulos com 2.325 versículos, enquanto Pedro escreveu apenas 8 capítulos com 166 versículos.

Paulo falou de Pedro, Tiago e João como pilares da igreja cristã (Gl 2:9). No entanto, ele poderia dizer: "Em NADA estou atrás dos apóstolos mais importantes" (2 Coríntios. 12:11). Mas se Pedro

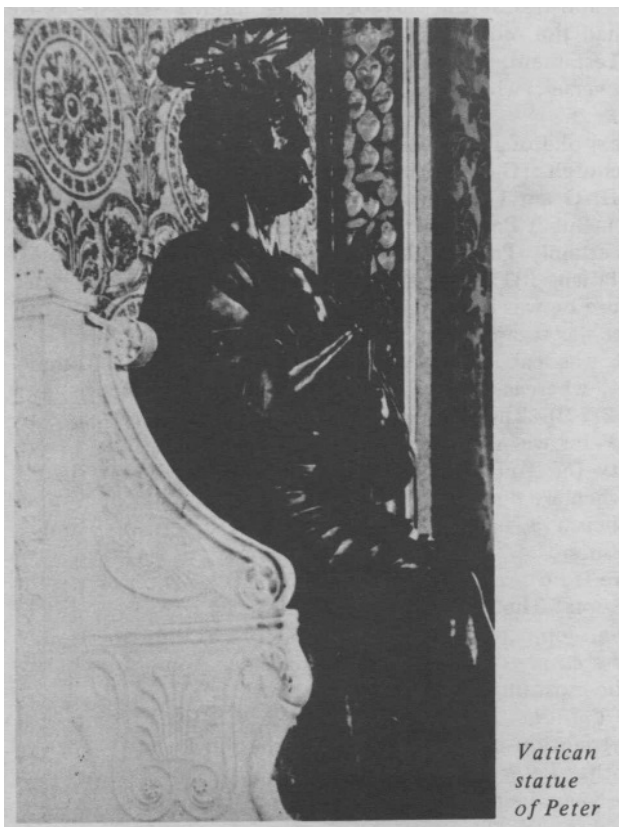
tivesse sido o pontífice supremo, o papa, então certamente Paulo estaria um pouco atrás dele. Em Gálatas 2:11, lemos que Paulo repreendeu Pedro "porque ele era culpado", palavras que parecem estranhas se Pedro fosse considerado um papa "infalível"!

Paulo foi chamado de "apóstolo dos gentios" (Romanos 11:13), enquanto o ministério de Pedro foi principalmente para os judeus (Gal. 2:7-9). Este fato - em si - parece suficiente para mostrar que Pedro não era bispo de ROMA, pois Roma era uma cidade gentia (cf. Atos 18:2). Tudo isso é realmente muito significativo quando consideramos que toda a estrutura do catolicismo romano é baseada na afirmação de que Pedro foi o primeiro bispo de Roma!

Não há prova, biblicamente falando, de que Pedro tenha se aproximado de Roma! O Novo Testamento nos diz que ele foi para Antioquia, Samaria, Jope, Cesaréia e outros lugares, mas não Roma! Esta é uma omissão estranha, especialmente porque Roma foi considerada a cidade mais importante do mundo!

A Enciclopédia Católica (artigo, "Pedro") aponta que uma tradição surgiu já no século III para a crença de que Pedro foi bispo de Roma por vinte e cinco anos - esses anos sendo (como Jerônimo acreditava) de 42 dC até 67 d.C. AD Mas este ponto de vista não é isento de problemas distintos. Por volta do ano 44, Pedro estava no conselho em Jerusalém (Atos 15). Por volta de 53 anos, Paulo se juntou a ele em Antioquia (Gl 2:11). Por volta de 58, Paulo escreveu sua carta aos cristãos em Roma, na qual enviou saudações a vinte e sete pessoas, mas nunca mencionou Pedro. Imagine um missionário escrevendo para uma igreja, cumprimentando vinte e sete membros pelo nome, mas nunca mencionando o pastor!

A fotografia que acompanha mostra uma estátua, supostamente de Pedro, que está localizada na Basílica de São Pedro em Roma. Testemunhei longas filas de pessoas esperando para passar diante dele e beijar seu pé.

Vatican statue of Peter

Estátua do Vaticano de Pedro

CAPÍTULO ONZE

Origem pagã do ofício papal

NIMRODE, O REI e fundador da Babilônia, não era apenas seu líder político, ele também era seu líder religioso. Ele era um rei-sacerdote. De Ninrode descendeu uma linhagem de reis-sacerdotes - cada um de pé à frente da religião oculta dos mistérios babilônicos. Esta linha continuou até os dias de Belsazar, de quem lemos na Bíblia. Muitos estão familiarizados com a festa que ele realizou na Babilônia quando a misteriosa caligrafia apareceu na parede. Alguns não reconheceram, no entanto, que este encontro era mais do que uma mera festa social! Era uma reunião religiosa, uma celebração dos mistérios babilônicos dos quais Belsazar era o chefe naquela época. "Beberam vinho e louvaram os deuses de ouro, e de prata, e de bronze, de ferro, de madeira e de pedra" (Dn 5:4). Somando-se à blasfêmia da ocasião, eles beberam o vinho dos vasos sagrados do Senhor que haviam sido retirados do templo de Jerusalém. Esta tentativa de misturar o que era sagrado com o que era paganismo trouxe o julgamento divino. Babilônia estava marcada para a condenação.

A antiga cidade está agora em ruínas, desabitada, desolada (Jr 50:39; 51:62). Há uma ferrovia que vai de Bagdá a Basra, que passa por perto. Uma placa escrita em inglês e árabe diz: "Babylon Halt, os trens param aqui para pegar passageiros". Os únicos passageiros, no entanto, são os turistas que vêm inspecionar as ruínas. Mas embora a cidade tenha sido destruída, os conceitos que faziam parte da antiga religião da Babilônia sobreviveram!

Quando Roma conquistou o mundo, o paganismo que se espalhou da Babilônia e se desenvolveu em várias nações foi incorporado ao sistema religioso de Roma. Isso incluiu a ideia de um Sumo Pontífice (Pontifex Maximus). Assim, o paganismo babilônico, que originalmente havia sido realizado sob o governo de Ninrode, foi unido sob o governo de um homem em Roma: Júlio César. Foi no ano 63 a.C. que Júlio César foi oficialmente reconhecido como o "Pontifex Maximus" da religião dos mistérios - agora estabelecida em Roma.

Para ilustrar como esse título era usado pelos Césares, mostramos aqui uma antiga moeda romana de Augusto César (27-14 d.C. a.C.) com seu título de "Pont-Max", o chefe dos mistérios. É interessante notar que moedas como esta estavam em circulação durante os dias do ministério terreno de nosso Senhor. "E trouxeram-lhe uma moeda. E ele lhes perguntou: De quem é esta imagem e esta inscrição? Eles lhe dizem: De César" (Mt 22:17-22).

Os imperadores romanos (incluindo Constantino) continuaram a ocupar o cargo de Pontifex Maximus até 376, quando Oração, por razões cristãs, o recusou. Ele reconheceu este título e cargo como idólatra e blasfemo. Por esta altura, no entanto, o bispo de Roma tinha ascendido ao poder político e prestígio. Consequentemente, em 378, Demaso, bispo de Roma, foi eleito o Pontifex Maximus – o sumo sacerdote oficial dos mistérios! Como Roma era considerada a cidade mais importante do mundo, alguns dos cristãos olhavam para o bispo de Roma como "bispo dos bispos" e chefe da igreja. Isso produziu uma situação única. Um homem agora era visto como chefe por cristãos e pagãos. Por esta altura, e através dos anos que se seguiram, as correntes do paganismo e do cristianismo fluíram juntas, produzindo o que é conhecido como a Igreja Católica Romana, sob a liderança do Pontifex Maximus, o Papa.

O título Pontifex Maximus é repetidamente encontrado em inscrições em todo o Vaticano - acima da entrada de São Pedro, acima da estátua de Pedro, na cúpula, acima da Porta do Ano Santo, que é aberta apenas durante um ano jubilar, etc. A medalha que acompanha , golpeado pelo Papa Leão X pouco antes da Reforma, ilustra uma das maneiras que o título "Pont. Max." foi usado pelos papas.

Mas como poderia um homem ser ao mesmo tempo o chefe da Igreja e o Pontifex Maximus, o chefe dos mistérios pagãos? Na tentativa de cobrir essa discrepância, os líderes da igreja buscaram semelhanças entre as duas religiões. Eles sabiam que se conseguissem encontrar alguns pontos que cada lado tivesse em comum, ambos poderiam ser fundidos em um, pois a essa altura a maioria não estava preocupada com detalhes. Eles desejavam números e poder político. A verdade era secundária.

Uma semelhança notável era que o Sumo Pontífice do paganismo levava o título caldeu de Pedro ou intérprete — o intérprete dos mistérios.' Aqui estava uma oportunidade para "cristianizar" o ofício pagão de Pontifex Maximus, o ofício que o bispo de Roma agora ocupava, associando o "Pedro" ou Grande Intérprete de Roma com Pedro, o apóstolo. Mas fazer do apóstolo Pedro o Pedro-Roma não estava isento de problemas. Para isso, era preciso ensinar que Pedro estivera em Roma. Esta é a verdadeira razão pela qual desde o século IV (e não antes) que numerosas histórias começaram a ser contadas sobre Pedro ser o primeiro bispo de Roma. Pedro, o apóstolo, enquanto para os pagãos iniciados, ele era apenas o representante de Pedro, o intérprete de seus conhecidos mistérios”.

De acordo com uma antiga tradição, Nimrod era "o abridor" de segredos ou mistérios, "o primogênito" de seres humanos deificados. A palavra traduzida como "abre" em versículos como Êxodo 13:2, como a Concordância de Strong aponta, é a palavra hebraica "peter". Até que ponto coisas como essa podem ter influenciado as tradições que foram transmitidas sobre Pedro e Roma, não podemos dizer.

Como o apóstolo Pedro era conhecido como Simão Pedro, é interessante notar que Roma não só tinha um “Pedro”, um abridor ou intérprete dos mistérios, mas também um líder religioso chamado Simão que foi para lá no primeiro século! Na verdade, foi o Simão que praticou feitiçaria em Samaria (Atos 8:9) que mais tarde foi para Roma e fundou ali uma religião cristã falsa! Porque isso soa tão bizarro, para deixar claro que não há preconceito de nossa parte, citamos o seguinte direito da Enciclopédia Católica sobre este Simão: "Justin Martyr e outros escritores antigos nos informam que ele foi depois para Roma, trabalhou milagres lá pelo poder de demônios, e recebeu honras divinas tanto em Roma quanto em seu próprio país. Embora muitas lendas extravagantes depois se reunissem em torno do nome deste Simão... Parece, no entanto, provável que deve haver algum fundamento de fato para o relato dado por Justino e aceito por Eusébio. O histórico Simão, o Mago, sem dúvida fundou algum tipo de religião como uma falsificação do cristianismo, na qual afirmava desempenhar um papel análogo ao de Cristo.

Sabemos que a igreja romana tornou-se especialista em pegar várias idéias ou tradições e misturá-las em seu sistema unificado de religião. Se Simão construiu seguidores em Roma, se recebeu honras divinas, se fundou uma falsa religião cristã na qual desempenhou um papel análogo a Cristo, não é possível que tais idéias possam ter influenciado tradições posteriores? Talvez este "Simão" em Roma tenha sido mais tarde confundido com Simão Pedro. Os papas afirmaram ser "Cristo no cargo" na terra. Aparentemente Simão, o feiticeiro, fez a mesma afirmação em Roma, mas nunca lemos que tal afirmação tenha sido feita por Simão Pedro, o apóstolo!

Outra mistura em Roma envolvia "chaves". Por quase mil anos, o povo de Roma acreditou nas chaves místicas do deus pagão Janus e da deusa Cibele.6 No mitraísmo, um dos principais ramos dos mistérios que chegaram a Roma, o deus-sol carregava duas chaves .? Quando o imperador afirmou ser o sucessor dos "deuses" e o Sumo Pontífice dos mistérios, as chaves passaram a ser símbolos de sua autoridade. Mais tarde, quando o bispo de Roma se tornou o Pontifex Maximus por volta de 378, ele automaticamente se tornou o possuidor das chaves místicas. Isso ganhou reconhecimento para o papa dos pagãos e, novamente, houve a oportunidade de misturar Pedro na história. Cristo não disse a Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos céus" (Mt 16:19)? Não foi até 431, no entanto, que o papa afirmou publicamente que as chaves que ele possuía eram as chaves de autoridade dadas ao apóstolo Pedro. Isso foi mais de cinquenta anos depois que o papa se tornou o Pontifex Maximus, o possuidor das chaves. Para um exemplo de como as teclas

são mostrados como símbolos da autoridade do papa, veja o leque grande na página 89.
A chave dada a Pedro (e a todos os outros discípulos) representava a mensagem do evangelho pela qual as pessoas poderiam entrar no reino de Deus. Porque alguns não entenderam isso corretamente, não é incomum que Pedro seja retratado como o porteiro do céu, decidindo quem ele vai deixar entrar e quem ele não vai!

Janus com chave e galo

Isso é muito parecido com as idéias que foram associadas ao deus pagão Janus, pois ele era o guardião das portas e portões na mitologia pagã de Roma, o abridor. Janus, com a chave na mão, é mostrado no desenho acima. Ele foi representado com dois rostos - um jovem, o outro velho (uma versão posterior de Nimrod encarnado em Tamuz). É interessante notar que não só a chave era um símbolo de Janus, mas o galo também era considerado sagrado para ele. Não havia problema em ligar o galo a Pedro, pois um galo não cantou na noite em que ele negou o Senhor? (João 18:27).

É certo que o título de "Supremo Pontífice" ou "Pontifex Maximus" que o papa ostenta não é uma designação cristã, pois era o título usado pelos imperadores romanos antes da Era Cristã. A palavra "pontífice" vem da palavra pons, "ponte", e facio, "fazer". (...) Cada um deles serviu como sumo sacerdote e afirmou ser a ponte ou elo de ligação entre esta vida e a próxima.

Esse ramo dos mistérios conhecido como mitraísmo cresceu em Roma até se tornar - em uma época - quase a única fé do império. O chefe dos sacerdotes era chamado de Pater Patrum, ou seja, o Pai dos Padres. Tomando emprestado diretamente deste título, à frente da Igreja Católica Romana, está o Papa ou Papa – o Pai dos Pais. O "Pai" do Mitraísmo tinha seu assento em Roma então, e o "Pai" do Catolicismo tem o seu lá agora.

As roupas caras e altamente decoradas que os papas usam não foram adotadas do cristianismo, mas foram modeladas após as dos imperadores romanos. Os historiadores não deixaram esse fato passar despercebido, pois de fato seu testemunho é que "as vestimentas do clero... eram heranças da Roma pagã". A coroa de tiara que os papas usam - embora decorada de maneiras diferentes em épocas diferentes - é idêntica em forma àquela usada pelos "deuses" ou anjos que são mostradas nas antigas tábuas assírias pagãs) É semelhante à vista em Dagon, o deus-peixe. (cf. a tiara retratada na página 94).

Dagon

Dagon era na verdade apenas uma forma misteriosa do falso "salvador" babilônico. O nome Dagon vem de dag (uma palavra comumente traduzida como "peixe" na Bíblia) e significa deus-peixe. Embora tenha se originado no paganismo da Babilônia. A adoração de Dagon tornou-se especialmente popular entre os filisteus pagãos (Juízes 16:21-30; 1 Sam. 5:5, 6).

Dagon in Mesopotamian sculpture.

Dagon na escultura mesopotâmica.

A forma como Dagon foi retratado na escultura mesopotâmica é vista no desenho acima (segunda figura da esquerda).'

Layard, no livro “Babilônia e Nínive”, explica que "a cabeça do peixe formava uma mitra acima da do homem, enquanto sua cauda escamosa em forma de leque caía como um manto para trás, deixando os membros e pés humanos expostos". Mais tarde, no desenvolvimento das coisas, apenas a parte superior permaneceu como uma mitra, com as mandíbulas do peixe ligeiramente abertas. Em várias moedas pagãs maltesas, um deus (cujas características são as mesmas de Osíris, o Nimrod egípcio), é mostrado com o corpo do peixe removido, e apenas a mitra com cabeça de peixe permanecendo)

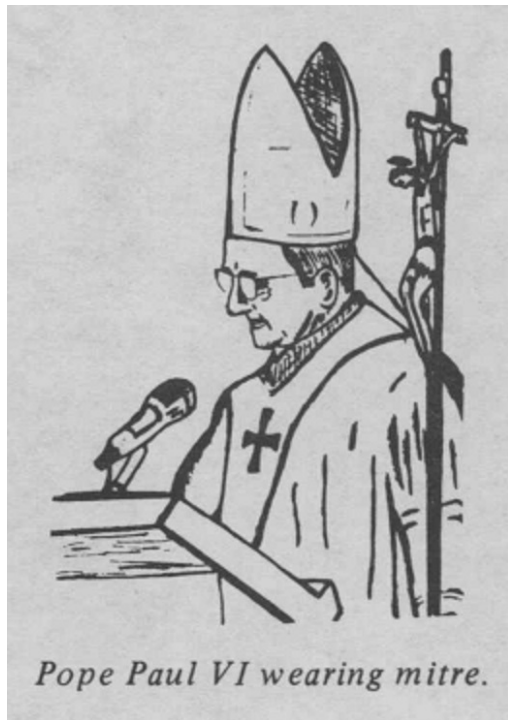
Uma famosa pintura de Moretto mostra Santo Ambrósio vestindo uma mitra em forma de cabeça de peixe. Este mesmo tipo de mitra é usado pelo papa como visto no esboço do Papa Paulo VI quando ele proferiu um sermão sobre "Paz" durante sua visita histórica aos Estados Unidos em 1965. A foto na página 89 também mostra a cabeça de peixe mitra.

St. Ambrose

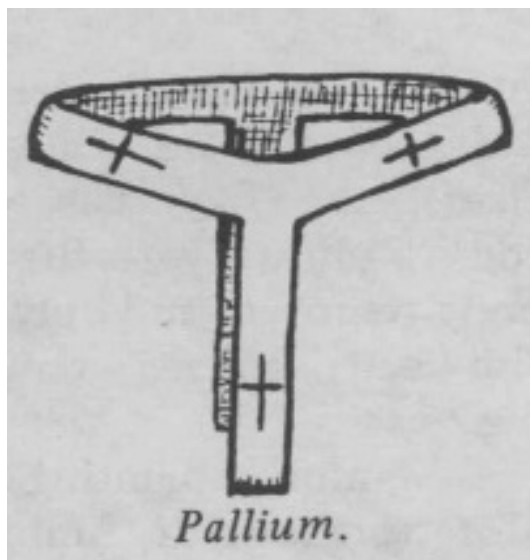
St. Ambrose, by Moretto (sixteenth century).

Santo Ambrósio, de Moretto (século XVI).

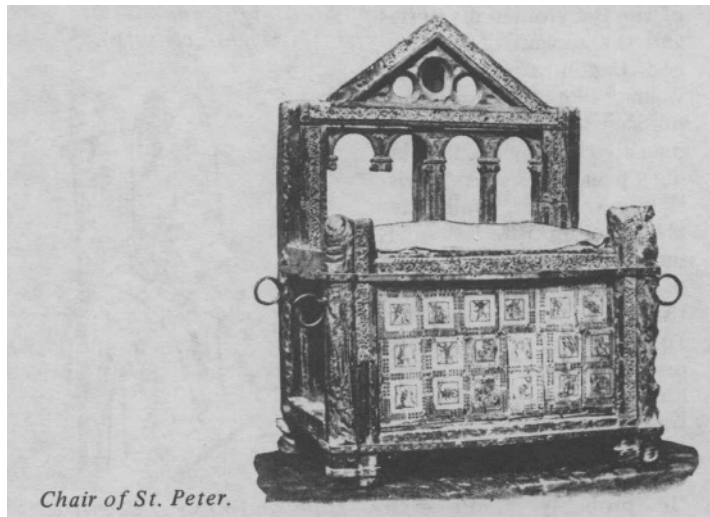
H. A. Ironside diz que o papa é "o sucessor direto do sumo sacerdote dos mistérios babilônicos e o servo do deus-peixe Dagon, para quem ele usa, como seus predecessores idólatras, o anel do pescador". Mais uma vez, ao misturar paganismo e cristianismo, as semelhanças tornaram a mistura menos óbvia. Nesse caso, como Pedro era pescador, o anel do deus-peixe com o título Pontifex Maximus inscrito nele estava associado a ele. Mas um anel como este nunca foi usado por Pedro, o Apóstolo. Ninguém nunca se curvou e beijou seu anel. Ele provavelmente nem tinha um - pois prata e ouro ele não tinha! (Atos 3).

Pope Paul VI wearing mitre.

Papa Paulo VI vestindo mitra

Outra pista para nos ajudar a resolver o mistério da Babilônia moderna pode ser vista no uso do pálio que o papa usa sobre os ombros. Os dicionários integrais a definem como uma vestimenta que era usada pelo clero pagão da Grécia e Roma, antes da Era Cristã. Nos tempos modernos, o pálio é feito de lã branca, retirada de dois cordeiros que foram "abençoados" na basílica de Santa Inês, em Roma. Como símbolo que os arcebispos também compartilham na plenitude do ofício papal, o papa lhes envia o pálio. Antes de ser enviado, no entanto, é colocado a noite toda no suposto túmulo de São Pedro - tal prática sendo uma cópia do paganismo que era praticado entre os gregos!

Pallium.

Durante séculos, a igreja romana alegou possuir a mesma cadeira em que Pedro se sentou e ministrou em Roma. A Enciclopédia Católica explica que as placas na frente desta cadeira mostram animais fabulosos da mitologia, bem como os lendários "trabalhos de Hércules". Em outro volume da Enciclopédia Católica, encontramos estas palavras: "Gilgamesh, a quem a mitologia transformou em um Hércules babilônico... seria então a pessoa designada pelo Nemrod bíblico (Nimrod)".

Hércules e esculturas associadas a Hércules aparecem na chamada "Cadeira de Pedro". Nenhuma dessas coisas nos faria pensar nesta cadeira como sendo de origem cristã.

Uma comissão científica nomeada pelo Papa Paulo em julho de 1968, informou agora que nenhuma parte da cátedra tem idade suficiente para datar dos dias de Pedro. No relatório oficial sobre a datação por carbono e outros testes, foi determinado que a cadeira não é mais antiga do que o século IX. Claramente, as velhas idéias sobre a cadeira de Peter eram interessantes, mas não exatas.

Cadeira de São Pedro.

Perto do altar-mor de São Pedro (ver página 43) há uma grande estátua de bronze supostamente de Pedro. Esta estátua é vista com a mais profunda veneração e seu pé foi beijado tantas vezes que os dedos estão quase gastos! A fotografia na página anterior mostra um ex-papa (João XXIII) prestes a beijar esta estátua que estava vestida com ricas vestes papais e uma coroa papal de três camadas para a ocasião.

Pope John XXIII prepares to kiss foot of Peter

Papa João XXIII se prepara para beijar o pé de Pedro

A prática de beijar um ídolo ou estátua foi emprestada do paganismo. Como vimos, a adoração de Baal estava ligada à antiga adoração de Ninrode em forma deificada (como o deus-sol). Nos dias de Elias, multidões se curvaram a Baal e o beijaram. "Contudo", disse Deus, "deixei-me sete mil em Israel, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que não o beijou" (1 Reis 19:18). Em uma de suas formas "misteriosas", Nimrod (encarnado no jovem Tamuz) foi representado como um bezerro. Estátuas de bezerros foram feitas, adoradas e beijadas! “Eles pecam cada vez mais, e da sua prata fizeram imagens de fundição e ídolos segundo o seu próprio entendimento, tudo obra de artífices; dizem-lhes: Que os homens que sacrificam beijem os bezerros” (Oséias 13:1-3). Beijar um ídolo fazia parte da adoração a Baal!

Não só a prática de beijar um ídolo foi adotada pela igreja romana, como também o costume das procissões religiosas nas quais os ídolos são carregados. Tais procissões são uma parte comum da prática católica romana, mas não se originaram com o cristianismo. No século XV a.C., uma imagem da deusa babilônica Ishtar foi transportada com grande pompa e cerimônia da Babilônia para o Egito. Procissões de ídolos eram praticadas na Grécia, Egito, Etiópia, México e muitos outros países nos tempos antigos.

A Bíblia mostra a tolice daqueles que pensam que o bem pode vir dos ídolos – ídolos tão impotentes que devem ser carregados! Isaías, em referência direta aos deuses da Babilônia, disse o seguinte: “Eles prodigalizam ouro da bolsa, pesam prata na balança e alugam um ourives; e ele faz disso um deus: eles caem, sim, eles o adoram. Levam-no aos ombros, levam-no, e o põem no seu lugar, e ele fica de pé; do seu lugar não se moverá" (Isaías 46:6, 7).

Não apenas essas procissões continuaram na Igreja Católica Romana em que os ídolos são carregados, mas o papa também é carregado em procissão. No tempo de Isaías o povo esbanjava prata e ouro em seu deus. Hoje, roupas e joias caras são colocadas no papa. Quando o deus pagão era carregado em procissão, as pessoas se prostravam e adoravam, então, em certas ocasiões, as pessoas se curvavam diante do papa quando ele era carregado. Assim como o deus foi carregado “nos ombros”, os homens carregam o papa, o deus do catolicismo, nos ombros em procissões religiosas!

Pope Paul VI carried in procession.

Papa Paulo VI carregado em procissão.

Mais de três mil anos atrás, a mesma prática era conhecida no Egito, tais procissões sendo parte do paganismo lá. A ilustração na página seguinte mostra o antigo rei-sacerdote do Egito sendo carregado por uma multidão de adoradores por doze homens. Uma comparação entre a procissão papal de hoje e a antiga procissão pagã do Egito mostra que uma é uma cópia da outra!

Sacerdote-rei egípcio carregado em procissão.

No desenho do rei-sacerdote egípcio, notamos o uso do fabellum, um grande leque feito de penas. Este foi mais tarde conhecido como o fã místico de Baco. E assim como esse leque foi carregado em procissão com o rei-sacerdote pagão, também esses leques são carregados com o papa em ocasiões de Estado. (cf. o desenho com foto.) Como diz The Encyclopedia Britannica, "Quando vai às cerimônias solenes, (o papa) é carregado na sedia, uma cadeira portátil de veludo vermelho com encosto alto, e escoltado por dois fabelli de penas ." Que esses leques de procissão se originaram no paganismo do Egito é conhecido e admitido até mesmo por escritores católicos.23 As quatro fortes argolas de ferro nas pernas da "Cadeira de Pedro" (página 86) eram destinadas a varas de transporte. Mas podemos ter certeza de que o apóstolo Pedro nunca foi carregado por multidões de pessoas se curvando a ele! (cf. Atos 10:25, 26).

Que o ofício papal foi produzido por uma mistura de paganismo e cristianismo, há pouca dúvida. O gálio, a mitra de cabeça de peixe, as vestimentas babilônicas, as chaves místicas e o título Pontifex Maximus foram todos emprestados do paganismo. Todas essas coisas, e o fato de que Cristo nunca instituiu o ofício de papa em sua igreja, mostram claramente que o papa não é o vigário de Cristo ou o sucessor do apóstolo Pedro.

CAPÍTULO DOZE

Imoralidade Papal

Além da evidência conclusiva que foi dada, o próprio caráter e a moral de muitos dos papas tenderiam a identificá-los como sucessores de sacerdotes pagãos, em vez de representantes de Cristo ou Pedro. Alguns dos papas eram tão depravados e baixos em suas ações, que até mesmo pessoas que não professavam nenhuma religião tinham vergonha deles. Pecados como adultério, sodomia, simonia, estupro, assassinato e embriaguez estão entre os pecados cometidos pelos papas. Ligar tais pecados a homens que afirmaram ser o "Santo Padre", "O Vigário de Cristo" e Bispo dos Bispos pode parecer chocante, mas aqueles que conhecem a história do papado sabem bem que nem todos os papas foram homens santos.

O Papa Sérgio III (904-911) obteve o ofício papal por assassinato. Os anais da igreja de Roma contam sobre sua vida de pecado aberto com Marozia, que lhe deu vários filhos ilegítimos. Ele foi descrito por Baronius como um "monstro" e por Gregorovius como um "criminoso aterrorizante". Diz um historiador: "Durante sete anos este homem... ocupou a cátedra de São Pedro, enquanto sua concubina e sua Semiramis como mãe mantinham a corte com uma pompa e volúpia que lembravam os piores dias do antigo império."

Pope Sergius III.

Pope Sergius III.

Essa mulher - Teodora - comparada a Semiramis (por causa de sua moral corrupta), junto com Marozia, a concubina do papa, "encheu a cadeira papal com seus amantes e filhos bastardos e transformou o palácio papal em um covil de ladrões". O reinado do Papa Sérgio III deu início ao período conhecido como "o governo das prostitutas" (904-963).

O papa João X (914-928) originalmente havia sido enviado a Ravanna como arcebispo, mas Teodora o fez retornar a Roma e o nomeou para o cargo papal. De acordo com o bispo Liutprando de Cremona, que escreveu uma história cerca de cinquenta anos depois dessa época, "Teodora apoiou a eleição de João para cobrir mais facilmente suas relações ilícitas com ele". Ela o queria fora do caminho para que Leão VI (928-929) pudesse se tornar papa.

Seu reinado foi curto, no entanto, pois ele foi assassinado por Marozia quando ela soube que ele "deu seu coração a uma mulher mais degradada do que ela"! XI - tornou-se papa. A Enciclopédia Católica diz: "Alguns, tomando Liutprando e o 'Liber Pontificalis' como sua autoridade, afirmam que ele era filho natural de Sérgio III (um ex-papa). Através das intrigas de sua mãe, que governava naquela época em Roma, ele foi elevado à Cátedra de Pedro." Mas, ao brigar com alguns dos inimigos de sua mãe, ele foi espancado e colocado na prisão, onde morreu envenenado.

Em 955, o neto de Marozia aos dezoito anos de idade tornou-se papa com o nome de João XII. A Enciclopédia Católica o descreve como "um homem grosseiro e imoral, cuja vida era tal que o

Latrão era chamado de bordel, e a corrupção moral em Roma tornou-se objeto de ódio geral... Em 6 de novembro, um sínodo composto por cinquenta Bispos italianos e alemães foram convocados em São Pedro, João foi acusado de sacrilégio, simonia, perjúrio, assassinato, adultério e incesto, e foi convocado por escrito para se defender.

Pope John XII.

Recusando-se a reconhecer o sínodo, João pronunciou sentença de excomunhão contra todos os participantes da assembléia, caso eles elegessem outro papa em seu lugar... decapitado, o bispo Otgar de Speyer foi açoitado, um alto oficial palatino perdeu o nariz e as orelhas... João morreu em 14 de maio de 964, oito dias depois de ter sido, segundo rumores, acometido de paralisia em ato de adultério."

O notável bispo católico de Cremona, Luitprand, que viveu nessa época, escreveu: "Nenhuma dama honesta ousava se mostrar em público, pois o papa João não tinha respeito por meninas solteiras, mulheres casadas ou viúvas - elas certamente seriam deificadas. por ele, mesmo sobre os túmulos dos santos apóstolos, Pedro e Paulo”. A coleção católica das vidas dos papas, o "Liber Pontificans", disse: "Ele passou toda a sua vida em adultério".

O Papa Bonifácio VII (984-985) manteve sua posição por meio de uma generosa distribuição de dinheiro roubado. O bispo de Orleans se referiu a ele (e também a João XII e Leão VIII) como "monstros de culpa, cheirando a sangue e sujeira" e como "anticristo sentado no templo de Deus". A Enciclopédia Católica diz que ele "dominou João XIV (abril de 984), empurrou-o para as masmorras de Sant'Angelo, onde o miserável morreu quatro meses depois... seus antecessores. Mas a vingança foi terrível. Após sua morte súbita em julho de 985, provavelmente devido à violência, o corpo de Bonifácio foi exposto aos insultos da população, arrastado pelas ruas da cidade e, finalmente, nu e coberto de feridas, jogado sob a estátua de Marco Aurélio... Na manhã seguinte, clérigos compassivos removeram o cadáver e deram-lhe um enterro cristão."

Em seguida veio o Papa João XV (985-996) que dividiu as finanças da igreja entre seus parentes e ganhou para si a reputação de ser "cobiçoso de lucro imundo e corrupto em todos os seus atos".

Bento VIII (1012-1024) "comprou o cargo de papa com suborno aberto". O papa seguinte, João XIX, também comprou o papado. Sendo leigo, era necessário que ele passasse por todas as ordens clericais em um dia! Depois disso, Bento IX (1033-1045) foi feito papa ainda jovem de 12 anos (ou alguns relatos dizem 20) por meio de uma barganha de dinheiro com as famílias poderosas que governavam Roma!

Ele "cometeu assassinatos e adultérios em plena luz do dia, roubou peregrinos nos túmulos dos mártires, um criminoso hediondo, o povo o expulsou de Roma. A Enciclopédia Católica diz: "Ele

foi uma vergonha para a Cátedra de Pedro". "—a compra e venda do ofício papal—tornou-se tão comum, e a corrupção tão pronunciada, que os governantes seculares intervieram. O rei Henrique III nomeou Clemente II (1046-1047) para o cargo de papa "porque nenhum clérigo romano pôde ser encontrado que estava livre da poluição da simonia e da fornicação"!

Vários papas cometeram assassinatos, mas Inocêncio III (1198-1216) superou todos os seus antecessores em assassinatos. Embora ele não tenha matado pessoalmente, ele promoveu a coisa mais diabólica da história humana – a Inquisição. As estimativas do número de hereges que Inocêncio (não tão inocentemente) matou chegam a um milhão de pessoas! Por mais de quinhentos anos, os papas usaram a inquisição para manter seu poder contra aqueles que não concordavam com os ensinamentos da igreja.

Pope Innocent III.

Em conflitos com cardeais e reis, inúmeras acusações foram feitas contra o Papa Bonifácio VIII (1294-1303). Diz a Enciclopédia Católica: "Quase nenhum crime possível foi omitido - infidelidade, heresia, simonia, imoralidade grosseira e antinatural, idolatria, magia, perda da Terra Santa, morte de Celestino V, etc... Historiadores protestantes, em geral, e mesmo os escritores católicos modernos... o classificam entre os papas perversos, como um homem ambicioso, altivo e implacável, enganoso também e traiçoeiro, todo o seu pontificado é um registro do mal."

Pope Boniface VIII.

Não é necessário insistir que todas as acusações feitas contra ele eram verdadeiras, mas nem todas podem ser descartadas. Durante seu reinado, o poeta Dante visitou Roma e descreveu o Vaticano como um "esgoto da corrupção". Ele designou Bonifácio (junto com os papas Nicolau III e Clemente V) para "as partes inferiores do inferno".

Embora procurando enfatizar certos traços de Bonifácio, "historiadores católicos... admitem, no entanto, a violência explosiva e a fraseologia ofensiva de alguns de seus documentos públicos". Um

exemplo dessa "fraseologia ofensiva" seria sua afirmação de que "se divertir e deitar carnalmente com mulheres ou com meninos não é mais pecado do que esfregar as mãos". Em outras ocasiões, aparentemente naqueles momentos "explosivos", ele chamou Cristo de "hipócrita" e se declarou ateu.

No entanto - e isso soa quase inacreditável - foi este papa que em 1302 emitiu o conhecido "Unam Sanctum" que declarou oficialmente que a Igreja Católica Romana é a única igreja verdadeira, fora da qual ninguém pode ser salvo, e diz: "Nós, portanto, afirmamos, definimos e pronunciamos que é necessário para a salvação acreditar que todo ser humano está sujeito ao Pontífice de Roma." Porque houve papas pecadores, ser "sujeito" ao papa levantou uma questão. Um papa pecador ainda deve ser obedecido? A resposta católica é esta: "Um papa pecador... continua sendo um membro da igreja (visível) e deve ser tratado como um governante pecador e injusto por quem devemos orar, mas de quem não podemos retirar nossa obediência".

De 1305 a 1377 o palácio papal esteve em Avignon, França. Durante esse tempo, Petrarca acusou a casa papal de "estupro, adultério e todo tipo de fornicação". Em muitas paróquias, os homens insistiam em que os padres mantivessem concubinas "como proteção para suas próprias famílias!"

Durante o Concílio de Constança, três papas, às vezes quatro, amaldiçoavam-se todas as manhãs e chamavam seus oponentes de anticristos, demônios, adúlteros, sodomistas, inimigos de Deus e do homem. Um desses "papas", João XXIII (1410-1415) "foi acusado por trinta e sete testemunhas (principalmente, bispos e padres) de fornicação, adultério, incesto, sodomia, simonia, roubo e assassinato! de testemunhas de que ele havia seduzido e violado trezentas freiras. Seu próprio secretário, Niem, disse que ele mantinha em Boulogne um harém, onde não menos de duzentas meninas foram vítimas de sua lubricidade. Ao todo, o Conselho o acusou de cinquenta e quatro crimes da pior espécie.

Um registro do Vaticano oferece essa informação sobre seu reinado imoral. "Sua senhoria, o Papa João, cometeu perversidade com a esposa de seu irmão, incesto com freiras sagradas, relações sexuais com virgens, adultério com os casados, e todos os tipos de crimes sexuais... para a vida e ensino de Cristo... ele foi chamado publicamente o diabo encarnado."

Para aumentar sua riqueza, o Papa João tributava sobre tudo – incluindo prostituição, jogos de azar e usura. Ele foi chamado de "o criminoso mais depravado que já se sentou no trono papal".

Papa Pio II (1458-1464) foi dito ter sido o pai de muitos filhos ilegítimos. Ele "falou abertamente sobre os métodos que usou para seduzir mulheres, encorajou os jovens e até se ofereceu para instruí-los em métodos de auto-indulgência". Pio foi seguido por Paulo II (1464-1471) que manteve uma casa cheia de concubinas.

Sua tiara papal superava um palácio em valor. Em seguida veio o Papa Sisto IV (1471-1484), que financiou suas guerras vendendo escritórios da igreja a quem pagasse mais e "usou o papado para enriquecer a si e a seus parentes. Ele fez oito de seus sobrinhos cardeais, enquanto alguns deles ainda eram meros No entretenimento luxuoso e luxuoso, ele rivalizava com os Césares. Em riqueza e pompa, ele e seus parentes superaram as antigas famílias romanas."

O Papa Inocêncio VIII (1484-1492) foi pai de dezesseis filhos de várias mulheres. Alguns de seus filhos celebraram seus casamentos no Vaticano. A Enciclopédia Católica menciona apenas "dois filhos ilegítimos, Franceschetto e Teodorina" dos dias de um "jovem licencioso". Como muitos outros papas, ele multiplicou os escritórios da igreja e os vendeu por grandes somas de dinheiro. Ele permitiu touradas na praça de São Pedro.

Em seguida veio Rodergio Borgia, que assumiu o nome de Alexandre VI (1492-1503), tendo conquistado sua eleição ao papado subornando os cardeais. Antes de se tornar papa, enquanto

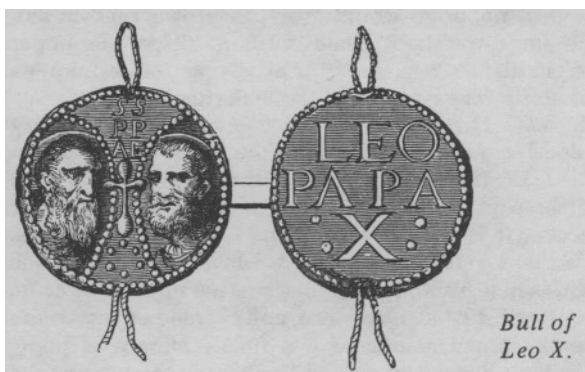
cardeal e arcebispo, viveu em pecado com uma senhora de Roma, Vanozza dei Catanei; e depois, com a filha Rosa, com quem teve cinco filhos. No dia de sua coroação, ele nomeou seu filho – um jovem de temperamento e hábitos vis – como arcebispo de Valência. Muitos consideram Alexandre VI o mais corrupto dos papas da Renascença. Ele viveu em incesto público com suas duas irmãs e sua própria filha, Lucretia, de quem, diz-se, teve um filho. Em 31 de outubro de 1501, ele conduziu uma orgia sexual no Vaticano, igual ao horror absoluto que nunca foi duplicado nos anais da história humana.

Segundo a revista Life, o Papa Paulo III (1534-1549) como cardeal teve três filhos e uma filha. No dia de sua coroação celebrou o batismo de seus dois bisnetos. Ele nomeou dois de seus sobrinhos adolescentes como cardeais, patrocinou festivais com cantores, dançarinos e bufões e buscou conselhos de astrólogos."

Alexander VI.

O Papa Leão X (1513-1521) nasceu em 11 de dezembro de 1475. Recebeu a tonsura aos 7 anos, foi feito abade aos 8 e cardeal aos 13! A ilustração acima mostra a Bula do Papa Leão X. De um lado do selo de chumbo aparecem os apóstolos Pedro e Paulo, do outro o nome e o título do papa.

A palavra "Bull ou touro" (uma palavra latina ligada à redondo; circular) foi aplicada primeiro aos selos que autenticavam os documentos papais e depois também aos documentos.

Bull of
Leo X.

Bull de Leão X

A Enciclopédia Católica diz que o Papa Leão X "entregava-se irrestritamente aos divertimentos que eram fornecidos em abundância. Ele era possuído por um insaciável amor ao prazer... Ele adorava dar banquetes e entretenimentos caros, acompanhados de folia e farra". Naqueles dias, Martinho Lutero, ainda sacerdote da igreja papal, viajou a Roma e, ao vislumbrar pela primeira vez a cidade de sete colinas, caiu no chão e disse: "Santa Roma, eu te saúdo". Ele não passou muito tempo lá, no entanto, até que viu que Roma era tudo menos uma cidade santa. A iniquidade existia entre todas as classes do clero. Os padres contavam piadas indecentes e usavam palavrões horríveis, mesmo durante a missa. ceia de doze garotas nuas. "Ninguém pode imaginar que pecados e ações infames

são cometidos em Roma", disse ele, "eles devem ser vistos e ouvidos para serem acreditados. Assim, eles têm o hábito de dizer: 'Se existe um inferno, Roma é construída sobre ele'."

Um dia, durante a visita de Lutero a Roma, ele notou uma estátua em uma das ruas públicas que levavam a São Pedro – a estátua de uma papa. Porque era um objeto de desgosto para os papas, nenhum papa jamais passaria por aquela determinada rua. "Estou surpreso", disse Lutero, "como os papas permitem que a estátua permaneça". Quarenta anos após a morte de Lutero, a estátua foi removida pelo Papa Sisto V.

Embora a Enciclopédia Católica considere a história do papa Joana como um mero conto, ela dá o seguinte resumo: "Depois que Leão IV (847-855) o inglês João de Mainz ocupou a cadeira papal dois anos, sete meses e quatro dias, ele , alega-se, uma mulher. Quando menina, ela foi levada para Atenas em roupas masculinas por seu amante, e lá fez tanto progresso em aprender que ninguém era igual a ela. Ela veio para Roma, onde ensinou ciências e, assim, atraiu a atenção de homens instruídos... e foi finalmente escolhida como papa, mas, engravidando de um de seus assistentes de confiança, deu à luz uma criança durante uma procissão de São Pedro ao Latrão... Lá ela morreu quase imediatamente, e diz-se que ela foi enterrada no mesmo lugar."

Havia realmente um papa feminino? Antes da Reforma que expôs tantos erros na igreja romana, a história foi acreditada por cronistas, bispos e pelos próprios papas. A Enciclopédia Católica diz: "Nos séculos XIV e XV esta papisa já era contada como uma personagem histórica, cuja existência ninguém duvidava. Ela tinha seu lugar entre os bustos esculpidos que ficavam na catedral de Siena. Sob Clemente VII (1592-1595) , e a seu pedido, ela foi transformada no papa Zacarias. O herege Hus, em defesa de sua falsa doutrina perante o Concílio de Constança, referiu-se à papisa, e ninguém se ofereceu para questionar o fato de sua existência. questionou como o Papa Clemente poderia ter um papa feminino, chamado Joan, "transformado" em um papa masculino, chamado Zacarias, séculos depois de sua morte!

Tendo mencionado a imoralidade grosseira que existiu na vida de alguns dos papas, não queremos deixar a impressão de que todos os papas foram tão ruins quanto os mencionados. Mas acreditamos que essa evidência enfraquece seriamente a doutrina da “sucessão apostólica”, a afirmação de que a Igreja Católica Romana é a única igreja verdadeira porque pode traçar uma linha de papas até Pedro. Esse é realmente um ponto importante? Se assim for, cada um desses papas, mesmo aqueles que eram conhecidos por serem imorais e cruéis, devem ser incluídos. Existe até a possibilidade de uma papa mulher completar a sucessão! Mas a salvação não depende de traçar uma linha de papas até Pedro – ou mesmo de um sistema de religião que afirma representar Cristo. A salvação é encontrada no próprio Cristo.

CAPÍTULO TREZE

Os papas são infalíveis?

ADICIONANDO ÀS muitas contradições com as quais o sistema romano já estava atormentado, havia papas, como o deus Janus dos tempos antigos, que começaram a reivindicar que eles eram "infalíveis". As pessoas naturalmente questionaram como a infalibilidade poderia estar ligada ao ofício papal quando alguns dos papas foram exemplos muito ruins em moral e integridade. E se a infalibilidade se aplica apenas às doutrinas pronunciadas pelos papas, como é que alguns papas discordaram de outros papas? Até mesmo vários papas - incluindo Virilinus, Inocêncio III, Clemente IV, Gregório XI, Adriano VI e Paulo IV - haviam rejeitado a doutrina da infalibilidade papal! Como tudo isso poderia ser explicado de maneira aceitável e formulado em um dogma? Essa foi a tarefa do Concílio Vaticano de 1870. O Concílio procurou restringir o significado de infalibilidade a uma definição viável, aplicando-a apenas aos pronunciamentos papais feitos "ex cathedra". A redação finalmente adotada foi a seguinte: "O Romano Pontífice, quando fala ex cathedra, isto é, quando no exercício de seu ofício de pastor e mestre de todos os cristãos, define... toda a Igreja – é, em razão da assistência divina prometida a ele no bem-aventurado Pedro, possuidora dessa infalibilidade … e, consequentemente, tais definições do Romano Pontífice são irreformáveis”. Todos os problemas não foram resolvidos por esta formulação, no entanto, a infalibilidade papal tornou-se um dogma oficial da Igreja Católica Romana no Concílio Vaticano de 1870.

Conhecendo a história dos papas, vários bispos católicos se opuseram a tornar a infalibilidade papal um dogma no concílio. Um deles, o bispo Joseph Strossmayer (1815-1905), é descrito na The Catholic Encyclopedia como "um dos mais notáveis oponentes da infalibilidade papal". Ele ressaltou que alguns dos papas se opuseram a outros papas. Menção especial foi feita de como o Papa Estêvão VI (896-897) levou o ex-Papa Formoso (891-896) a julgamento.

A famosa história de um papa levando outro a julgamento é de puro horror, pois o papa Formoso estava morto há oito meses! No entanto, o corpo foi trazido do túmulo e colocado em um trono. Ali, diante de um grupo de bispos e cardeais, estava o ex-papa, vestido com as ricas roupas do papado, uma coroa no couro cabeludo solto e o cetro do santo ofício nos dedos rígidos de sua mão podre!

Quando o julgamento começou, o fedor do cadáver encheu a sala de reuniões. O Papa Estêvão deu um passo à frente e fez o interrogatório. É claro que nenhuma resposta foi dada às acusações do morto; então ele foi provado culpado como acusado! Com isso, as vestes brilhantes foram arrancadas de seu corpo, a coroa de seu crânio, os dedos usados para conceder a bênção pontifícia foram cortados e seu corpo foi jogado na rua. Atrás de uma carroça, o corpo foi arrastado pelas ruas de Roma e finalmente lançado no Tibre.

Assim, um papa condenou outro. Então, pouco tempo depois, The Catholic Encyclopedia aponta, "o segundo sucessor de Estêvão teve o corpo de Formoso, que um monge havia retirado do Tibre,

reenterrado com todas as honras em São Pedro. Além disso, ele anulou em um sínodo as decisões da corte de Estêvão VI, e declarou válidas todas as ordens conferidas por Formoso. João IX confirmou esses atos em dois sínodos... ... Sérgio e seu partido infligiram um tratamento severo aos bispos consagrados por Formoso, que, por sua vez, haviam conferido ordens a muitos outros clérigos, uma política que deu origem à maior confusão. a ideia da infalibilidade papal.

O Papa Honório I, após sua morte, foi denunciado como herege pelo VI Concílio realizado no ano de 680. O Papa Leão II confirmou sua condenação. Se os papas são infalíveis, como um poderia condenar o outro?

O Papa Vigílio, depois de condenar certos livros, removeu sua condenação, depois os condenou novamente e depois retirou sua condenação, depois os condenou novamente! Onde está a infalibilidade aqui?

O duelo foi autorizado pelo Papa Eugênio III (1145-53). Mais tarde, o Papa Júlio II (1503-13) e o Papa Pio IV (1559-65) a proibiram.

Ao mesmo tempo, no século XI, havia três papas rivais, todos eles dispostos pelo concílio convocado pelo imperador Henrique III. Mais tarde, no mesmo século, Clemente III foi contestado por Victor III e depois por Urban II. Como os papas poderiam ser infalíveis quando se opunham?

O que é conhecido como o "grande cisma" ocorreu em 1378 e durou cinquenta anos. Os italianos elegeram Urbano VI e os cardeais franceses escolheram Clemente VII. Os papas amaldiçoavam-se ano após ano, até que um concílio dispensou ambos e elegeu outro!

O Papa Sisto V preparou uma versão da Bíblia que ele declarou ser autêntica. Dois anos depois, o Papa Clemente VIII declarou que estava cheio de erros e ordenou que outro fosse feito!

O Papa Gregório I repudiou o título de "Bispo Universal" como sendo "profano, supersticioso, altivo e inventado pelo primeiro apóstata". No entanto, ao longo dos séculos, outros papas reivindicaram esse título.

O Papa Adriano II (867-872) declarou os casamentos civis válidos, mas o Papa Pio VII (1800-23) os condenou como inválidos.

O papa Eugênio IV (1431-47) condenou Joana d'Arc a ser queimada viva como bruxa. Mais tarde, outro papa, Bento IV, em 1919, a declarou uma "santa".

Quando consideramos as centenas de vezes e as maneiras pelas quais os papas se contradizem ao longo dos séculos, podemos entender como a ideia da infalibilidade papal é difícil para muitas pessoas aceitarem. Embora seja verdade que a maioria das declarações papais não são feitas dentro dos limites estreitos da definição "ex cathedra" de 1870, ainda assim, se os papas erraram de tantas outras maneiras, como podemos acreditar que eles garantem uma infalibilidade divina por alguns momentos se e quando eles deveriam de fato decidir falar ex cathedra?

Os papas tomaram para si títulos como "Santíssimo Senhor", "Chefe da Igreja no Mundo", "Soberano Pontífice dos Bispos", "Sumo Sacerdote", "Boca de Jesus Cristo", "Vigário de Cristo", e outros. Disse o Papa Leão XIII em 20 de junho de 1894: "Nós mantemos na terra o lugar de Deus Todo-Poderoso". Durante o Concílio Vaticano de 1870, em 9 de janeiro, foi proclamado: "O Papa é Cristo no cargo, Cristo na jurisdição e no poder... da verdade; agarrando-nos a ti, apegamo-nos a Cristo".

Mas o esboço histórico que demos mostra claramente que o papa NÃO é "Cristo no cargo" ou de qualquer outra forma. O contraste é aparente. As coroas muito caras usadas pelos papas custaram

milhões de dólares. Jesus, durante sua vida terrena, não usava coroa, exceto a coroa de espinhos. O papa é servido por servos. Que contraste com o humilde Nazareno que veio não para ser ministrado, mas para ministrar! Os papas se vestem com roupas muito elaboradas e caras — modeladas como as dos imperadores romanos dos dias pagãos. Tal vaidade é contrastada com o nosso salvador que usava a toga de um camponês. A imoralidade de muitos dos papas – especialmente nos séculos passados – contrasta fortemente com o Cristo que é perfeito em santidade e pureza.

Em vista dessas coisas, acreditamos que a afirmação de que o papa é o "Vigário de Cristo" não tem qualquer base de fato. Já no ano de 1612 foi apontado, como Andreas Helwig fez em seu livro Roman Antichrist, que o título "Vigário de Cristo" tem um valor numérico de 666. Escrito como "Vigário do Filho de Deus" em latim, Vicarivs Filii Dei, as letras com valor numérico são estas: i igual a 1 (usado seis vezes), 1 igual a 50, V igual a 5, c igual a 100, e D igual a 500. Quando todas são contadas, o total é 666. O número nos lembra, é claro, de Apocalipse 13:18: "Aquele que tem entendimento conte o número da besta, porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis."

Deve-se salientar, com toda a justiça, no entanto, que inúmeros nomes e títulos, dependendo de como são escritos ou qual idioma é usado, podem produzir esse número. Os exemplos dados aqui serão de especial interesse porque estão ligados a Roma e ao catolicismo romano.

De acordo com Hislop, o nome original de Roma era Saturnia, que significa "a cidade de Saturno". Saturno era o nome secreto revelado apenas aos iniciados dos mistérios caldeus, que - em caldeu - era escrito com quatro letras: STUR. Nesta língua, S era 60, T era 400, U era 6 e R era 200, um total de 666.

Nero César foi um dos maiores perseguidores dos cristãos e imperador de Roma no auge de seu poder. Seu nome, quando escrito em letras hebraicas, equivale a 666.

As letras gregas da palavra "Lateinos" (latim), a língua histórica de Roma em todos os seus atos oficiais, somam 666. Em grego, L é 30, a é 1, t é 300, e é 5, i é 10 , n é 50, o é 70 e s é 200, um total de 666. Isso foi apontado por Irineu já no século III. Esta mesma palavra também significa "homem latino" e é apenas a forma grega do nome Rômulo, do qual a cidade de Roma é nomeada. Este nome em hebraico, Romiith, também totaliza 666.

Ao contrário dos gregos e hebreus, os romanos não usavam todas as letras do alfabeto para os números. Eles usaram apenas seis letras: D, C, L, X, V e I. (Todos os outros números foram compostos de combinações destes) É interessante e talvez significativo que as seis letras que compõem o sistema de numeração romano quando somadas juntos totalizam exatamente 666.

D	500
C	100
L	50
X	10
V	5
I	1
total = 666	

Voltando à própria Bíblia, no Antigo Testamento, lemos que o rei Salomão recebia a cada ano 666 talentos de ouro (1 Reis 10:14). Essa riqueza desempenhou um papel importante em desviá-lo. No Novo Testamento, as letras da palavra grega euporia, da qual se traduz a palavra RIQUEZA, totalizam 666. De todos os 2.000 substantivos gregos do Novo Testamento, há apenas uma outra palavra que tem esse valor numérico, a palavra paradosis, traduzido por TRADIÇÃO (Atos 19:25; Mat. 15:2). Riqueza e tradição — curiosamente — foram os dois grandes corruptores da Igreja Romana. Riqueza corrompida na prática e na honestidade; tradição corrompida na doutrina.

* O "M" agora passou a ser usado também como um numeral romano representando 1000. Mas como E. W. Bullinger aponta em seu livro Numbers in Scripture Ip. 284), originalmente 1000 foi escrito como CI com outro C invertido, isto é

Isso foi posteriormente simplificado em

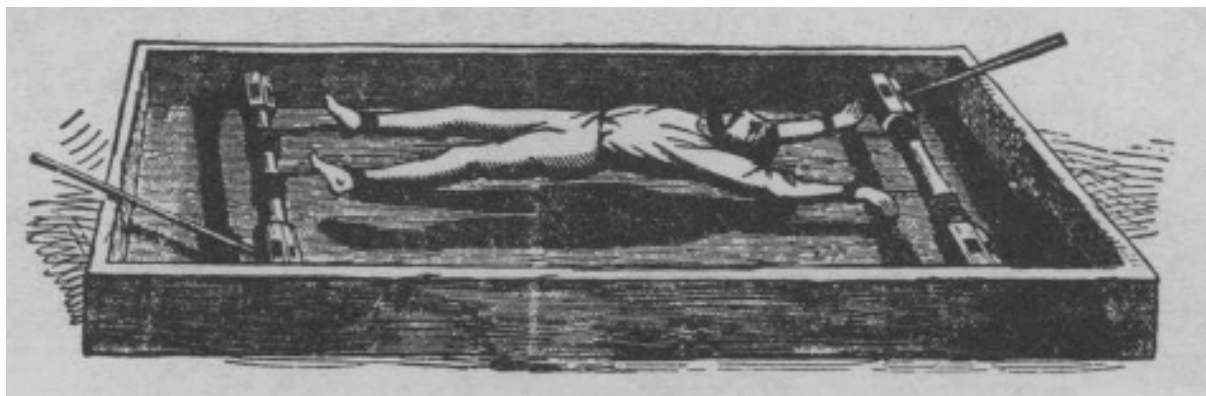
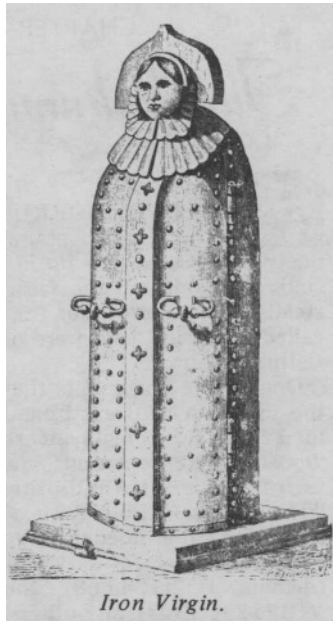
e finalmente como M.

CAPÍTULO QUATORZE

A Inquisição Desumana

A igreja caída tornou-se tão abertamente corrupta na Idade Média que podemos entender prontamente por que em muitos lugares os homens se levantaram em protesto. Muitas foram aquelas almas nobres que rejeitaram as falsas alegações do papa, olhando em vez disso para o Senhor Jesus em busca de salvação e verdade. Estes foram chamados de "hereges" e foram duramente perseguidos pela Igreja Católica Romana.

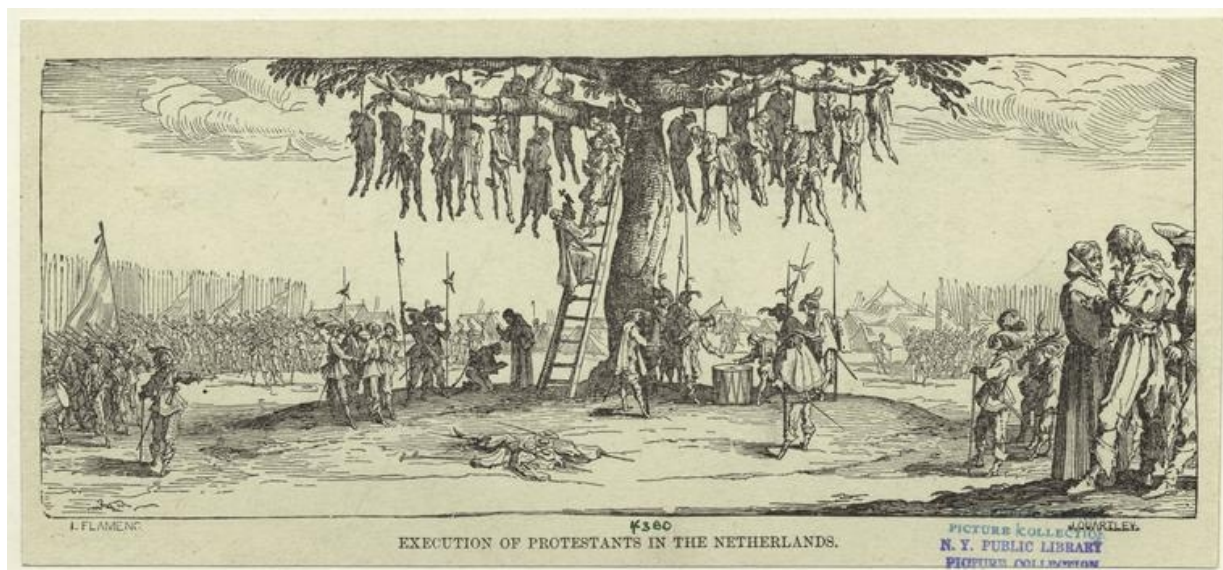
Um dos documentos que ordenavam tais perseguições era o desumano "Ad exstirpanda" emitido pelo Papa Inocêncio IV em 1252. Este documento afirmava que os hereges deveriam ser "esmagados como cobras venenosas". Aprovou formalmente o uso da tortura. As autoridades civis foram condenadas a queimar hereges. "A citada Bula 'Ad extirpanda' permaneceu desde então um documento fundamental da Inquisição, renovada ou reforçada por vários papas, Alexandre IV (1254-61), Clemente IV (1265-68), Nicolau IV (1288-92), Bonifácio VIII (1294-1303), e outros.As autoridades civis, portanto, foram intimadas pelos papas, sob pena de excomunhão, a executar as sentenças legais que condenavam hereges impenitentes à fogueira. pois, se a pessoa excomungada não se libertou da excomunhão dentro de um ano, ele foi considerado herege pela legislação desse período e incorreu em todas as penalidades que afetavam a heresia”.

Os homens ponderaram muito naqueles dias sobre como poderiam inventar métodos que produzissem mais tortura e dor. Um dos métodos mais populares era o uso da cremalheira, uma longa mesa na qual o acusado era amarrado pelas mãos e pelos pés, de costas para baixo e esticado por corda e molinete. Este processo deslocou as articulações e causou grande dor.

Pinças pesadas eram usadas para arrancar unhas ou eram aplicadas em brasa em partes sensíveis do corpo. Rolos com lâminas de faca afiadas e espigões foram usados, sobre os quais os hereges foram rolados para frente e para trás. Havia o parafuso de polegar, um instrumento feito para desarticular os dedos e as "botas espanholas" que eram usadas para esmagar as pernas e os pés. A "virgem de ferro" era um instrumento oco do tamanho e figura de uma mulher. As facas foram dispostas de tal maneira e sob tal pressão que os acusados foram dilacerados em seu abraço mortal. Este dispositivo de tortura foi pulverizado com "água benta" e inscrito com as palavras latinas que significam "Glória seja somente a Deus".

Virgem de Ferro.

Sala de tortura da Inquisição por Picart (1673-1733).

As vítimas após serem despidas de suas roupas tinham os braços amarrados atrás das costas com um cordão rígido. Pesos foram presos aos seus pés. A ação de uma polia os suspendia no ar ou os deixava cair e os levantava com um solavanco, deslocando as articulações do corpo. Enquanto tal tortura estava sendo empregada, padres segurando cruzes tentavam fazer com que os hereges se retratassem.

A História do Mundo de Ridpath inclui uma ilustração do trabalho da Inquisição na Holanda. Vinte e um protestantes estão pendurados na árvore. Um homem em uma escada está prestes a ser enforcado, abaixo dele está um padre segurando uma cruz.

EXECUTION OF PROTESTANTS IN THE NETHERLANDS.

Execução de protestantes na Holanda.

"No ano de 1554 Francis Gamba, um lombardo, de convicção protestante, foi preso e condenado à morte pela sentença de Milão. No local da execução, um monge apresentou-lhe uma cruz, a quem Gamba disse: 'Minha mente é tão cheio dos verdadeiros méritos e bondade de Cristo que não quero que um pedaço de pau sem sentido me faça lembrar Dele.' Por esta expressão, sua língua foi perfurada e ele foi posteriormente queimado."

Alguns que rejeitaram os ensinamentos da igreja romana tiveram chumbo derretido derramado em seus ouvidos e bocas. Olhos foram arrancados e outros foram cruelmente espancados com chicotes. Alguns foram forçados a pular de penhascos para longos espinhos fixados abaixo, onde, tremendo de dor, morreram lentamente. Outros foram sufocados até a morte com pedaços mutilados de seus próprios corpos, com urina ou excremento. À noite, as vítimas da Inquisição eram acorrentadas ao chão ou à parede, onde eram presas indefesas dos ratos e vermes que povoavam aquelas sangrentas câmaras de tortura.

A intolerância religiosa que motivou a Inquisição provocou guerras que envolveram cidades inteiras. Em 1209, a cidade de Beziers foi tomada por homens que receberam a promessa do papa de que, ao se engajarem na cruzada contra os hereges, eles, na morte, contornariam o purgatório e entrariam imediatamente no céu. Sessenta mil, é relatado, nesta cidade pereceram pela espada enquanto o sangue corria nas ruas. Em Lavaur, em 1211, o governador foi enforcado em uma forca e sua esposa jogada em um poço e esmagada com pedras. Quatrocentas pessoas nesta cidade foram queimadas vivas. Os cruzados assistiram à missa pela manhã, depois começaram a tomar outras cidades da região. Neste cerco, estima-se que 100.000 albigenses (protestantes) caíram em um dia. Seus corpos foram amontoados e queimados.

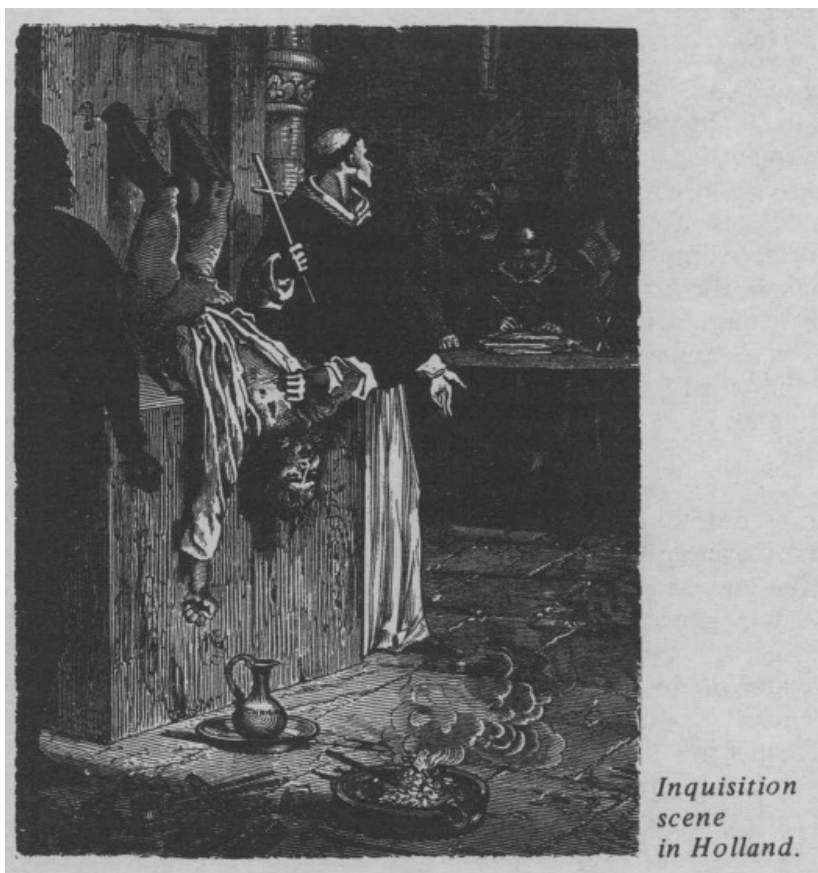
No massacre de Merindol, quinhentas mulheres foram trancadas em um celeiro que foi incendiado. Se alguém saltava das janelas, era recebido nas pontas das lanças. As mulheres eram aberta e lamentavelmente violadas. As crianças foram assassinadas antes de seus pais que eram impotentes para protegê-los. Algumas pessoas foram arremessadas de penhascos ou despidas de roupas e arrastadas pelas ruas. Métodos semelhantes foram usados no massacre de Orange em 1562. O exército italiano foi enviado pelo Papa Pio IV e ordenado a matar homens, mulheres e crianças. A

ordem foi executada com terrível crueldade, as pessoas sendo expostas à vergonha e tortura de todos os tipos.

Dez mil huguenotes (protestantes) foram mortos no sangrento massacre em Paris no "Dia de São Bartolomeu", 1572. O rei francês foi à missa para agradecer solenemente que tantos hereges foram mortos. A corte papal recebeu a notícia com grande alegria e o Papa GregórioXIII, em grande procissão, foi à Igreja de São Luís para agradecer! Ele ordenou que a casa da moeda papal fizesse moedas comemorando este evento. As moedas mostravam um anjo com uma espada em uma mão e uma cruz na outra, diante do qual um bando de huguenotes, com o rosto horrorizado, fugia. As palavras Ugonottorunz Stranges 1572, que significam "O massacre dos huguenotes, 1572", apareceram nas moedas.

Uma ilustração da História do Mundo de Ridpath, como pode ser vista na próxima página, mostra o trabalho da Inquisição na Holanda. Um homem protestante está pendurado pelos pés em troncos. O fogo está esquentando um atiçador para marcá-lo e cegar seus olhos.

Alguns dos papas que hoje são aclamados como "grandes" pela igreja romana viveram e prosperaram durante esses dias. Por que não abriram as portas das masmorras e extinguiram os incêndios assassinos que escureceram os céus da Europa durante séculos? Se a venda de indulgências, ou pessoas adorando estátuas como ídolos, ou papas vivendo em imoralidade podem ser explicados como “abusos” ou desculpados porque essas coisas foram feitas contra as leis oficiais da igreja, o que pode ser dito sobre a Inquisição? Não pode ser explicado tão facilmente, pois embora às vezes a tortura fosse realizada além do que foi realmente prescrito, o fato é que a Inquisição foi ordenada por decreto papal e confirmada por papa após papa! Alguém pode acreditar que tais ações foram representativas dAquele que disse para virar a face, perdoar nossos inimigos e fazer o bem àqueles que nos maltratam?

Inquisition scene in Holland.

Cena da Inquisição na Holanda.

CAPÍTULO QUINZE

Senhores sobre a herança de Deus

OS HOMENS MAIS ALTOS DA IGREJA CATÓLICA ROMANA, ao lado do papa, são um grupo de "cardeais". A Bíblia diz que Cristo colocou apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres em sua igreja (Efésios 4:11). Mas nunca encontramos qualquer indicação de que ele ordenou um grupo de cardeais. Ao contrário, os cardeais originais eram um grupo de sacerdotes líderes da antiga religião pagã de Roma — muito antes da Era Cristã. Um livreto publicado pelos Cavaleiros de Colombo, Esta é a Igreja Católica, explica: "Nos tempos antigos, os cardeais eram o chefe do clero de Roma — a palavra é derivada da palavra latina cardo, 'dobradiça', e assim se referia àqueles que eram os membros centrais do clero."

Mas por que esses sacerdotes da Roma antiga estavam ligados à palavra "dobradiça"? Eram, evidentemente, os sacerdotes de Janus, o deus pagão das portas e dobradiças! Janus era referido como "o deus dos primórdios" - assim, janeiro, o mês inicial do nosso calendário romano, vem de seu nome. Como deus das portas, ele era seu protetor ou zelador. Ainda hoje, o guardião das portas é chamado de zelador, palavra do nome Janus!

Janus era conhecido como "o abridor e o obturador". Por ser adorado como tal na Ásia Menor, podemos entender melhor as palavras de Jesus à igreja de Filadélfia: "Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, aquele que abre e ninguém fecha: e fecha, e ninguém abre... diante de ti pus uma porta aberta" (Ap 3:7, 8). O deus pagão Janus era uma falsificação; Jesus foi o verdadeiro abridor e obturador!

"O colégio dos Cardeais, com o Papa à frente", escreve Hislop, "é apenas a contrapartida do colégio pagão dos Pontífices, com seu Pontífice Máximo, ou Soberano Pontífice, que se sabe ter sido enquadrado no modelo do grande original Conselho de Pontífices na Babilônia!" Quando o paganismo e o cristianismo se misturaram, os cardeais, sacerdotes da dobradiça, que serviram na Roma pagã, acabaram encontrando um lugar na Roma papal.

As roupas usadas pelos cardeais da Igreja Católica são vermelhas. Pássaros cardeais, flores cardeais e padres cardeais estão todos ligados pela cor vermelha. A Bíblia menciona certos príncipes da Babilônia que se vestiam com roupas vermelhas: "... homens retratados na parede, as imagens dos caldeus retratadas com vermelhão" - vermelho brilhante - "cingidos com cintos nos lombos, excedendo em trajes tingidos em seus cabeças, todos eles príncipes para atender, à maneira dos babilônios da Caldéia" (Ezequiel 23:14, 15). A prostituta que simboliza a religião babilônica estava vestida com roupas vermelhas escarlates (Ap 17:4). Desde os tempos antigos, a cor vermelha ou escarlate tem sido associada ao pecado. Isaías, em seus dias, disse: "Ainda que os vossos pecados sejam como o escarlate, serão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, serão como a lã" (Isaías 1:18). O adultério às vezes é referido como o pecado escarlate. A cor vermelha está associada à prostituição, como na expressão “bairro da luz vermelha”.

Em vista dessas coisas, não parece injusto questionar por que o vermelho seria usado para as roupas dos homens de mais alto escalão na igreja romana. Não estamos dizendo que é errado usar vermelho, mas não parece um costume curioso para os cardeais? Devemos supor que tais vestimentas foram usadas pelos apóstolos? Ou é mais provável que as vestes vermelhas dos cardeais tenham sido copiadas daquelas usadas pelos sacerdotes da Roma pagã?

Os sacerdotes da dobradiça nos dias pagãos eram conhecidos como os "flamens". A palavra é tirada de chama, significando aquele que sopra ou acende o fogo sagrado.4 Eles eram os guardiões da chama sagrada que eles atiçavam com o leque místico de Baco. Como a cor do fogo que eles cuidavam, suas roupas eram da cor do fogo – vermelho. Eles eram servos do pontifex maximus nos

dias pagãos e os cardeais hoje são os servos do papa que também reivindica o título de pontifex maximus. Os flamens foram divididos em três grupos distintos, assim como os cardeais – cardeais-bispos, cardeais-sacerdotes e cardeais-diáconos.

Os próximos em autoridade sob o papa e os cardeais são os bispos da Igreja Católica. Ao contrário dos títulos "papa" e "cardeal", a Bíblia menciona bispos. Como a palavra "santos", no entanto, a palavra "bispo" tem sido comumente mal interpretada. Muitos pensam em um bispo como um ministro de nível superior, tendo autoridade sobre um grupo de outros ministros e igrejas. Essa ideia se reflete na palavra "catedral", que vem de cathedra, que significa "trono". Uma catedral, ao contrário de outras igrejas, é aquela em que está localizado o trono do bispo.

Mas, voltando-se para a Bíblia, todos os ministros são chamados de bispos — não apenas ministros de certas cidades. Paulo instruiu Tito a "ordenar presbíteros em cada cidade" (Tito 1:5), e então passou a falar desses presbíteros como bispos (versículo 7). Quando Paulo instruiu “os anciãos” de Éfeso, ele disse: “Atendei por vós mesmos e pelo rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes (pastor) a igreja de Deus” (Atos 20: 17, 28). A palavra traduzida como "bispos" é a mesma palavra que em outros lugares é traduzida como bispos. A palavra "alimentar" significa o mesmo que a palavra traduzida como pastor.

Esses ministros eram chamados de presbíteros, bispos, supervisores e pastores – todas essas expressões se referiam exatamente ao mesmo ofício. Claramente, um bispo – nas Escrituras – não era um ministro de uma grande cidade que se sentava em um trono e exercia autoridade sobre um grupo de outros ministros. Cada igreja tinha seus presbíteros e esses presbíteros eram bispos! Isso foi entendido por Martinho Lutero. "Mas quanto aos bispos que agora temos", observou ele, "destes as Escrituras não sabem nada; eles foram instituídos ... para que um pudesse governar muitos ministros".

Mesmo antes de o Novo Testamento ser concluído, era necessário dar advertências sobre a doutrina dos nicolaítas (Ap 2:6). De acordo com Scofield, a palavra "nicolaitinos" vem de nikao, "conquistar", e Laos, "leigos", que, se correto, "refere-se à forma mais antiga da noção de ordem sacerdotal, ou 'clero', que mais tarde dividiu uma fraternidade igual (Mt. 23:8), em 'sacerdotes' e 'leigos'".

A palavra "sacerdote" em um sentido muito real pertence a todo crente cristão - não apenas a líderes eclesiásticos. Pedro instruiu os ministros a não serem “senhores da herança de Deus” (1 Pedro 5:1-3). A palavra traduzida como "herança" é kleeron e significa "clero"! Como explica o Comentário de Matthew Henry, todos os filhos de Deus recebem o "título de herança ou clero de Deus... a palavra nunca é restrita no Novo Testamento apenas aos ministros da religião".

Ao rejeitar uma divisão artificial entre "clero" e "leigos", isso não quer dizer que os ministros não devam receber o devido respeito e honra, "especialmente aqueles que trabalham na palavra" (1 Tm 5:17). Mas por causa dessa divisão, muitas vezes as pessoas de uma congregação são propensas a colocar toda a responsabilidade pela obra de Deus sobre o ministro. Na verdade, Deus tem um ministério para todo o seu povo. Isso não quer dizer que todos tenham um ministério de púlpito!— mas até mesmo dar um copo de água fria não deixa de ter propósito e recompensa (Mt 10:42). Seria bom que cada um de nós orasse: "Senhor, o que queres que eu faça?" (Atos 9:6). No Novo Testamento, o trabalho completo de uma igreja não foi colocado em um indivíduo. As igrejas eram comumente pastoreadas por uma pluralidade de presbíteros, como mostram numerosas escrituras. "Eles ordenaram presbíteros (plural) em cada igreja" (Atos 14:19-23) e em "toda cidade" (Tito 1:5). Expressões como “os anciãos (plural) da igreja” são comumente usadas (Atos 20:17; Tiago 5:14).

Todos os que foram purificados de seus pecados pelo sangue de Cristo são "sacerdotes para Deus" e são "sacerdócio real" (Ap 1:6; 1 Pedro 2:9). O sacerdócio de todos os crentes é claramente a posição do Novo Testamento. Mas à medida que os homens se exaltavam como "senhores sobre a herança

de Deus", as pessoas eram ensinadas que precisavam de um padre a quem pudessem contar seus pecados, um padre deveria espargi-los, um padre deveria dar-lhes os últimos ritos, um padre deveria rezar missas para Eles foram ensinados a depender de um sacerdote humano, enquanto o verdadeiro sumo sacerdote, o Senhor Jesus, foi obscurecido de sua visão por uma nuvem escura de tradições feitas pelo homem.

Ao contrário de Eliú, que não queria "dar títulos lisonjeiros ao homem" (Jó 32:21), aqueles que se exaltavam como "senhores" sobre o povo começaram a tomar para si títulos que não eram bíblicos e - em alguns casos - títulos que deve pertencer somente a Deus! Como advertência contra esta prática, Jesus disse: "Ninguém chameis sobre a terra vosso pai, porque um é o vosso Pai que está nos céus. Nem vos chameis senhores; entre vós será vosso servo. E quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado" (Mt 23:9-12).

É difícil entender como uma igreja que afirma ter Cristo como seu fundador – depois de alguns séculos – começaria a usar os mesmos títulos que ele disse para NÃO usar! No entanto, o bispo de Roma começou a ser chamado pelo título de "papa", que é apenas uma variação da palavra "pai". Os padres do catolicismo são chamados de "pai". Lembraremos que um dos principais ramos dos "Mistérios" que chegaram a Roma nos primeiros dias foi o mitraísmo. Nesta religião, aqueles que presidiam as cerimônias sagradas eram chamados de "pais". Um artigo sobre o mitraísmo na The Catholic Encyclopedia diz: "Os padres (usado aqui como título religioso) conduziam o culto. O chefe dos padres, uma espécie de papa, que sempre viveu em Roma, era chamado de 'Pater Patrum'". Agora, se os pagãos em Roma chamavam seus sacerdotes pelo título de "pai", e se Cristo disse para não chamar nenhum homem de "pai", de que fonte veio o costume católico romano de chamar um sacerdote por esse título - de Cristo ou do paganismo?

Até a Bíblia dá um exemplo de um sacerdote pagão sendo chamado de "pai". Um homem chamado Miquéias disse a um jovem levita: "Habita comigo, e sê para mim pai e sacerdote" (Juízes 17:10). Micah era um homem adulto com um filho seu; o levita era "um jovem". O título "pai" foi obviamente usado em um sentido religioso, como uma designação sacerdotal. Miquéias queria que ele fosse um padre-sacerdote em sua "casa dos deuses". Este era um tipo de catolicismo, pois enquanto o jovem sacerdote afirmava falar a palavra do "SENHOR" (Juízes 18:6), o culto estava claramente misturado com ídolos e paganismo.

A Igreja Católica Romana usa o título "Monsenhor", que significa "Meu Senhor". É um título geral, explica a Enciclopédia Católica, e pode ser usado adequadamente para se dirigir a vários líderes da igreja superior. "Em vez de se dirigir a patriarcas como Wostra Beautitudine', arcebispos como 'Vossa Graça', bispos como 'Meu Senhor', abades como 'Gracioso Senhor', pode-se, sem qualquer violação de etiqueta, saudar a todos igualmente como Monsenhor." Um dos significados de "arco" é mestre. Usar títulos como arcipreste, arcebispo, arquidiácono, é como dizer mestre-sacerdote, etc. O superior da ordem dos dominicanos é chamado de "mestre geral". Precisamos apenas citar, novamente, as palavras de Cristo que contrastam com tais títulos: "Nem vos chameis senhores, porque um só é vosso senhor, Cristo."

Mesmo o título "Reverendo", biblicamente falando, é aplicado somente a Deus. Aparece uma vez na Bíblia: "Santo e reverendo é o seu nome" (Salmos 111:9). A palavra "reverendo" vem do latim revere e foi aplicada pela primeira vez ao clero inglês como um título de respeito durante o século XV. Variações deste título são estas: O Reverendo, O Muito Reverendo, O Mais Reverendo e O Reverendo Certo.

Quando Jesus falou contra títulos lisonjeiros, o pensamento básico era o de humildade e igualdade entre seus discípulos. Não deveríamos, então, rejeitar a suposta autoridade daqueles altos cargos em que os homens procuram tornar-se "senhores da herança de Deus"? E em vez de os homens receberem glória, não deveria toda a glória ser dada a Deus?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Um Sacerdócio Solteiro

O ESPÍRITO FALA expressamente que nos últimos tempos alguns se desviarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demônios; falar é hipocrisia; ter sua consciência cauterizada com ferro quente; PROIBINDO CASAR..." (1 Tm. 4:1-3).

Nesta passagem, Paulo advertiu que um afastamento da verdadeira fé ocorreria em tempos posteriores ou posteriores. "Isto não implica necessariamente nas últimas eras do mundo", escreve Adam Clarke em seu comentário notável, "mas em qualquer época conseqüente àquelas em que a Igreja então vivia". Na verdade, esse afastamento da fé, como entendem os que conhecem a história, ocorreu nos primeiros séculos.

Os primeiros cristãos reconheciam a adoração de deuses pagãos como adoração de demônios (1 Coríntios 10:19, 21). Segue-se, então, que a advertência de Paulo sobre “doutrinas de demônios” certamente poderia se referir aos ensinamentos dos mistérios pagãos. Ele fez menção especial à doutrina de "proibir o casamento". Na religião de mistérios, esta doutrina não se aplicava a todas as pessoas. Era, em vez disso, uma doutrina de celibato sacerdotal. Esses sacerdotes solteiros, aponta Hislop, eram membros das ordens superiores do sacerdócio da rainha Semiramis. "Por mais estranho que pareça, a voz da antiguidade atribui à rainha abandonada a invenção do celibato clerical, e isso em sua forma mais rigorosa."

Nem todas as nações para as quais a religião dos mistérios se espalhou exigiam o celibato sacerdotal, como no Egito, onde os sacerdotes podiam se casar. Mas, "todo estudioso sabe que quando o culto de Cibele, a deusa babilônica, foi introduzido na Roma pagã, foi introduzido em sua forma primitiva, com seu clero celibatário". Em vez da doutrina de "proibir o casamento" promover a pureza, no entanto, os excessos cometidos pelos padres celibatários da Roma pagã foram tão ruins que o Senado achou que deveriam ser expulsos da república romana. Mais tarde, depois que o celibato sacerdotal se estabeleceu na Roma papal, surgiram problemas semelhantes. "Quando o Papa Paulo V buscou a supressão dos bordéis licenciados na 'Cidade Santa', o Senado Romano peticionou contra a execução de seu desígnio, alegando que a existência de tais lugares era o único meio de impedir os padres de seduzir suas esposas e filhas."

Roma, naqueles dias, era uma "cidade santa" apenas no nome. Os relatórios estimam que havia cerca de 6.000 prostitutas nesta cidade com uma população não superior a 100.000.5 Os historiadores nos dizem que "todos os eclesiásticos tinham amantes, e todos os conventos do Capitólio eram casas de má fama". Um tanque de peixes em Roma, situado perto de um convento, foi drenado por ordem do Papa Gregório. No fundo foram encontrados mais de 6.000 crânios infantis.

O cardeal Peter D'Ailly disse que não ousava descrever a imoralidade dos conventos, e que "tomar o véu" era simplesmente outra forma de se tornar uma prostituta pública. As violações eram tão graves no século IX que St. Theodore Studita proibiu até mesmo animais fêmeas nas propriedades do mosteiro! No ano de 1477, danças noturnas e orgias foram realizadas no claustro católico de Kercheim, que são descritas na história como sendo piores do que as que se vêem nas casas públicas de prostituição. Os sacerdotes passaram a ser conhecidos como "os maridos de todas as mulheres". Alberto, o Magnífico, Arcebispo de Hamburgo, exortou seus sacerdotes: "Si non caste, tame: caute" (Se você não pode ser casto, pelo menos tenha cuidado). Outro bispo alemão começou a cobrar dos padres de seu distrito um imposto por cada mulher que mantinham e por cada criança que nascia. Ele descobriu que havia onze mil mulheres mantidas pelos clérigos de sua diocese.

A Enciclopédia Católica diz que a tendência de alguns de juntar esses escândalos e exagerar detalhes "é pelo menos tão marcante quanto a tendência por parte dos apologistas da Igreja de

ignorar completamente essas páginas desconfortáveis da história"! Tal como acontece com tantas coisas, não temos dúvidas de que os extremos existiram em ambos os lados. Percebemos também que com relatos de conduta imoral existe a possibilidade de exagero. Mas mesmo admitindo isso, os problemas que acompanharam a doutrina de "proibir o casamento" são óbvios demais para serem ignorados. A Enciclopédia Católica, embora procure explicar e justificar o celibato, admite que houve muitos abusos. "Não desejamos negar ou atenuar o nível muito baixo de moralidade a que em diferentes períodos da história do mundo, e em diferentes países que se autodenominam cristãos, o sacerdócio católico ocasionalmente despencou... a corrupção era generalizada... poderia ser diferente quando se intrometiam nos bispados por todos os lados homens de natureza brutal e paixões desenfreadas, que davam o pior exemplo ao clero sobre o qual governavam?... Um grande número do clero, não apenas padres, mas bispos , tomou abertamente esposas e gerou filhos a quem transmitiram seus benefícios ".

Não há nenhuma regra na Bíblia que exija que um ministro seja solteiro. Os apóstolos eram casados (1 Coríntios 9:5) e um bispo deveria ser "marido de uma só mulher" (1 Timóteo 3:2). Até mesmo The Catholic Encyclopedia diz: "Não encontramos no Novo Testamento qualquer indicação de que o celibato seja obrigatório, tanto para os apóstolos quanto para aqueles a quem eles ordenaram". A doutrina de "proibir o casamento" desenvolveu-se apenas gradualmente dentro da Igreja Católica. Quando a doutrina do celibato começou a ser ensinada, muitos dos sacerdotes eram homens casados. Havia alguma dúvida, porém, se um padre cuja esposa morreu deveria se casar novamente. Uma regra estabelecida no Concílio de Neo-Cesaréia em 315 "proíbe absolutamente um padre de contrair um novo casamento sob pena de deposição". Mais tarde, "em um concílio romano realizado pelo papa Sirício em 386, foi aprovado um decreto proibindo padres e diáconos de ter relações conjugais com suas esposas e o papa tomou medidas para que o decreto fosse aplicado na Espanha e em outras partes da cristandade". Nestas declarações da Enciclopédia Católica, o leitor atento notará as palavras "proibir" e "proibir". A palavra "proibir" é a mesma palavra que a Bíblia usa quando adverte sobre "proibir o casamento" - mas exatamente no sentido oposto! Os termos bíblicos proíbem o casamento com uma "doutrina de demônios".

Levando tudo isso em consideração, podemos ver como a predição de Paulo (1Tm 4:1-3) foi cumprida. Veio um afastamento da fé original? sim. As pessoas deram atenção às doutrinas pagãs, às doutrinas dos demônios? sim. Os padres eram proibidos de se casar? sim. E por causa desse celibato forçado, muitos desses padres acabaram tendo suas "consciências cauterizadas com ferro quente" e "falaram mentiras com hipocrisia" por causa da imoralidade em que caíram. A história mostrou o cumprimento de cada parte desta profecia!

A doutrina de proibir os padres de se casar encontrou outras dificuldades ao longo dos séculos por causa do confessionário. É fácil ver que a prática de meninas e mulheres confessarem suas fraquezas morais e desejos a padres solteiros poderia facilmente resultar em muitos abusos. Um ex-padre, Charles Chiniquy, que viveu na época de Abraham Lincoln e o conhecia pessoalmente, dá um relato completo de tal corrupção em conexão com o confessionário, juntamente com casos reais, em seu livro The Priest, The Woman, and O Confessionário. Não estamos sugerindo que todos os sacerdotes devam ser julgados pelos erros ou pecados de alguns. Não temos dúvidas de que muitos sacerdotes se dedicaram muito aos votos que fizeram. No entanto, "os inúmeros ataques" (para usar as palavras da Enciclopédia Católica) que foram feitos contra o confessionário não foram, em muitos casos, sem fundamento. Que a doutrina da confissão causou dificuldades para a igreja romana, de uma forma ou de outra, parece implícito na redação da Enciclopédia Católica. Depois de mencionar os "incontáveis ataques", diz: "Se na Reforma ou desde que a Igreja pudesse ter abdicado de uma doutrina ou abandonado uma prática em nome da paz e para suavizar um 'falar duro', a confissão teria sido a primeira a desaparecer"!

Em um artigo cuidadosamente redigido, a Enciclopédia Católica explica que o poder de perdoar pecados pertence somente a Deus. No entanto, ele exerce esse poder através dos sacerdotes. Uma passagem em João (20:22, 23) é interpretada como significando que um sacerdote pode perdoar ou

recusar-se a perdoar pecados. Para que ele tome essa decisão, os pecados "específica e detalhadamente" (segundo o Concílio de Trento) devem ser confessados a ele. "Como pode um julgamento sábio e prudente ser proferido se o sacerdote ignora a causa sobre a qual o julgamento é pronunciado? E como ele pode obter o conhecimento necessário a menos que venha do reconhecimento espontâneo do pecador?" Tendo dado aos sacerdotes a autoridade para perdoar pecados, é inconsistente acreditar, diz o artigo, que Cristo "tinha pretendido fornecer algum outro meio de perdão, como confessar 'somente a Deus'". A confissão a um sacerdote para aqueles que depois do batismo cometem pecados é "necessária para a salvação".

Existe um tipo de confissão que a Bíblia ensina, mas não é confissão a um padre solteiro! A Bíblia diz: "Confessei as vossas faltas uns aos outros" (Tiago 5:16). Se este versículo pudesse ser usado para apoiar a ideia católica de confissão, então não apenas as pessoas deveriam confessar aos padres, mas os padres deveriam confessar ao povo! Quando Simão de Samaria pecou, depois de ter sido batizado, Pedro não lhe disse que se confessasse a ele. Ele não lhe disse para rezar a "Ave Maria" um determinado número de vezes ao dia. Pedro lhe disse para "orar a Deus" por perdão (Atos 8:22)! Quando Pedro pecou, ele confessou a Deus e foi perdoado; quando Judas pecou, confessou-se a um grupo de sacerdotes e suicidou-se! (Mat. 27:3-5).

A ideia de confessar a um padre não veio da Bíblia, mas da Babilônia! A confissão secreta era exigida antes que a iniciação completa fosse concedida nos mistérios babilônicos. Uma vez que tal confissão foi feita, a vítima foi amarrada de pés e mãos ao sacerdócio. Não pode haver dúvida de que as confissões foram feitas na Babilônia, pois é a partir de tais confissões registradas - e apenas a partir delas - que os historiadores foram capazes de formular conclusões sobre os conceitos babilônicos de certo e errado.

A idéia babilônica de confissão era conhecida em muitas partes do mundo. Salverte escreveu sobre essa prática entre os gregos. "Todos os gregos, de Delfos às Termópilas, foram iniciados nos mistérios do templo de Delfos. Seu silêncio em relação a tudo o que lhes foi ordenado manter em segredo foi garantido pela confissão geral exigida dos aspirantes após a iniciação." Certos tipos de confissão também eram conhecidos nas religiões da Medo-Pérsia, Egito e Roma — antes do alvorecer do cristianismo.

O preto é a cor distintiva das roupas do clero usadas pelos sacerdotes da Igreja Católica Romana e algumas denominações protestantes também seguem esse costume. Mas por que preto? Algum de nós pode imaginar Jesus e seus apóstolos vestindo roupas pretas? O preto tem sido associado há séculos com a morte. Os carros funerários, tradicionalmente, eram pretos, preto é usado pelos enlutados em funerais, etc. Se alguém sugerir que o preto deve ser usado em homenagem à morte de Cristo, nós apenas apontaríamos que Cristo não está mais morto!

Por outro lado, a Bíblia menciona certos sacerdotes de Baal que se vestiam de preto! A mensagem de Deus por meio de Sofonias foi esta: "Destruirei o remanescente de Baal deste lugar, e o nome dos chemarims com os sacerdotes" (Sf 1:4). Os "chemarims" eram sacerdotes que usavam roupas pretas.

Este mesmo título é traduzido como "sacerdotes idólatras" em outra passagem sobre a adoração de Baal (2 Reis 23:5). Adam Clarke diz: "Provavelmente eles eram uma ordem feita pelos reis idólatras de Judá, e chamados kemarim, de camar, que significa ser... tornados escuros, ou pretos, porque seu negócio era constantemente assistir a fogueiras de sacrifício, e provavelmente eles usavam roupas pretas, por isso os judeus chamam os ministros cristãos kemarim, por causa de suas roupas e vestimentas pretas. Por que devemos imitar, em nosso vestido sacerdotal, aqueles sacerdotes de Baal, é estranho pensar e difícil dizer".

Outra prática da igreja católica que também era conhecida na antiguidade e entre os não cristãos é a tonsura. A Enciclopédia Católica diz que a tonsura é "um rito sagrado instituído pela Igreja pelo

qual... um cristão é recebido na ordem clerical pela tosquia de seu cabelo... Historicamente, a tonsura não era usada na Igreja primitiva... .Mesmo mais tarde, São Jerônimo (340-420) desaprovava os clérigos raspando suas cabeças"! Mas no século VI a tonsura era bastante comum. O Conselho de Toledo estabeleceu como regra estrita que todos os clérigos devem receber a tonsura, mas hoje o costume não é mais praticado em muitos países.

Sabe-se e reconhece-se que este costume "não estava em uso na Igreja primitiva". Mas era conhecido entre as nações pagãs! Buda raspou a cabeça em obediência a um suposto comando divino. Os sacerdotes de Osíris no Egito se distinguiam pela raspagem de suas cabeças. Os sacerdotes de Baco receberam a tonsura. Na igreja católica, a forma de tonsura usada na Grã-Bretanha era chamada de celta, com apenas uma porção de cabelo raspada na frente da cabeça. Na forma oriental, o todo foi raspado. Mas na forma romana, chamada de tonsura de São Pedro, usava-se a tonsura redonda, deixando apenas os cabelos nas bordas com a porção superior da cabeça calva.

Roman Tonsure.

Tonsura Romana.

A tonsura celta dos sacerdotes na Grã-Bretanha foi ridicularizada como sendo a tonsura de Simon Magus. Mas por que Roma insistiu na tonsura redonda? Podemos não ter a resposta completa, mas sabemos que tal era "uma antiga prática dos sacerdotes de Mitra, que em suas tonsuras imitavam o disco solar. Como o deus-sol era o grande deus lamentado, e tinha seu cabelo cortado em forma circular, e os sacerdotes que o lamentavam tinham seus cabelos cortados de maneira semelhante, então em diferentes países aqueles que lamentavam os mortos e cortavam seus cabelos em homenagem a eles, cortavam-nos em forma circular”! tal era um costume muito antigo—conhecido mesmo na época de Moisés—pode ser visto dentro da Bíblia. Tal era proibido aos sacerdotes: "Não farão calvície na cabeça" (Lv 21:5). E que tal “calvície” era a tonsura arredondada parece implícito em Levítico 19:27: “Não arredondarás os cantos da cabeça”.

CAPÍTULO DEZESSETE

A Missa

OS SACERDOTES TEM poder para transformar os elementos do pão e do vinho na carne e no sangue de Cristo durante o ritual da missa? Esta crença está fundamentada nas Escrituras?

A posição católica é resumida nas seguintes palavras da Enciclopédia Católica: "Na celebração da Santa Missa, o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo. Chama-se transubstanciação, pois no Sacramento da Eucaristia a substância do pão e do vinho não permanece, mas toda a substância do pão se transforma no corpo de Cristo, e toda a substância do vinho se transforma em seu sangue, permanecendo apenas a espécie ou aparência externa do pão e do vinho”.

O apoio para esta crença é procurado nas palavras de Jesus quando ele disse do pão que ele havia abençoado: "Tomai, isto é o meu corpo" e do cálice: "Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue" (Mateus . 26:26-28). Mas forçar um significado literal a essas palavras cria inúmeros problemas de interpretação e tende a ignorar o fato de que a Bíblia geralmente usa expressões figuradas.

Quando alguns dos homens de Davi arriscaram suas vidas para trazer-lhe água de Belém, ele recusou, dizendo: "Não é este o sangue de homens que correram risco de vida?" (2 Sam. 23:17). A Bíblia fala de Jesus como uma "porta", "videira" e "rocha" (João 10:9; 15:5; 1 Coríntios 10:4). Todos reconhecem que essas declarações devem ser entendidas em sentido figurado. Acreditamos que isso também é verdade para a declaração de Cristo "este é o meu corpo... este é o meu sangue". O pão e o vinho são símbolos de seu corpo e sangue. Isso não diminui em nada a realidade de sua presença dentro de uma assembléia de crentes, pois ele prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18:20). . Rejeitar a ideia de que ele se torna literalmente presente em pedaços de pão ou dentro de um copo de vinho não é rejeitar que ele esteja presente espiritualmente entre os crentes!

Depois que Jesus "abençoou" os elementos, eles não foram transformados em sua carne e sangue literais, pois ele (literalmente) ainda estava lá. Ele não desapareceu para aparecer na forma de pão e vinho. Depois que ele abençoou o cálice, ele ainda o chamou de "o fruto da videira" e não de sangue literal (Mt 26:29). Visto que Jesus também bebeu do cálice, ele bebeu seu próprio sangue? Se o vinho se tornasse sangue de verdade, beber seria proibido pela Bíblia (Dt 12:16; At 15:20).

Não há evidências de que qualquer mudança ocorra nos elementos através do ritual romano. Eles têm o mesmo sabor, cor, cheiro, peso e dimensões. O pão ainda parece pão, tem gosto de pão, cheira a pão e parece pão. Mas na mente católica, é a carne de Deus. O vinho ainda parece vinho, tem gosto de vinho, cheira a vinho, e se alguém bebesse o suficiente, ficaria bêbado como vinho! Mas acredita-se que este seja o sangue de Deus. Quando o padre abençoa o pão e o vinho, ele diz as palavras latinas, Hoc est corpus meus. Tendo em vista que nenhuma mudança ocorre, podemos entender como a expressão "hocus-pocus" se originou com essas palavras.

O poema da página 125 não está incluído para ser indelicado ou para ridicularizar o que muitas pessoas sinceras consideram uma cerimônia muito sagrada. Apesar de sua grosseria, o poema faz um ponto.

UM MILAGRE ROMANO

Uma bela donzela, uma protestante, estava casada com um católico;
Para amar todas as verdades e contos da Bíblia, muito cedo ela foi criada.

Doeu muito o coração de seu marido que ela não obedecesse, E se unisse à Igreja Matriz de Roma e os hereges negassem.

Assim, dia após dia, ele a lisonjeava, mas ela ainda não via nada de bom que viria de se curvar diante de ídolos feitos de madeira. A missa, a hóstia, os milagres foram feitos apenas para enganar; E transubstanciação também, ela nunca ousaria acreditar.

Ele foi ver seu clérigo e contou-lhe sua triste história. "Minha esposa é uma incrédula, senhor; talvez você possa prevalecer; Apesar de todos os seus milagres romanos, minha esposa tem forte aversão, Fazer realmente um milagre pode levá-la à conversão."

O padre foi com o cavalheiro — ele pensou em ganhar um prêmio. Ele disse: “Eu a converterei, senhor, e abrirei os dois olhos dela”.

Então, quando eles entraram em casa, o marido gritou em voz alta:
"O padre veio jantar conosco!" "Ele é bem-vindo", ela respondeu.

E quando, finalmente, a refeição terminou, o padre imediatamente começou, Para ensinar à sua anfitriã tudo sobre o estado pecaminoso do homem;
A grandeza do amor do nosso Salvador, que os cristãos não podem negar, Para dar a Si mesmo em sacrifício e pelos nossos pecados morrer.

"Voltarei amanhã, moça, prepare um pouco de pão e vinho; O milagre sacramental impedirá o declínio de sua alma."

"Vou assar o pão", disse a senhora. "Você pode", ele respondeu, "E quando você tiver visto esse milagre, convencido de que estará, digo eu."

O padre veio de acordo, o pão e o vinho abençoaram. A senhora perguntou: "Senhor, mudou?" O padre respondeu: "Sim,
Mudou de pão e vinho comuns para carne e sangue verdadeiros; Begorra, moça, este meu poder transformou-o em Deus!"

Assim, tendo abençoado o pão e o vinho, prepararam para comer. A senhora disse ao padre: "Advirto-o a tomar cuidado,
Pois meia onça de arsênico foi misturada na massa, mas como você mudou sua natureza, isso realmente não importa."

O padre ficou mudo de verdade — parecia pálido como a morte.

O pão e o vinho caíram de suas mãos e ele ficou sem fôlego. "Traga-me meu cavalo!" o padre gritou: "Esta é uma casa amaldiçoada!" A senhora respondeu: "Vá embora; é você quem compartilha a maldição de Roma."
O marido também ficou surpreso, e não disse uma palavra.

Por fim, ele falou: "Minha querida", disse ele, "o padre fugiu; Para engolir tanta babaquice e tripa, não tenho certeza, bem capaz; vou com você e renunciaremos a esse romano fábula católica."

Autor desconhecido

O erudito Concílio de Trento proclamou que a crença na transubstanciação era essencial para a salvação e pronunciou maldições sobre quem a negasse. O Concílio ordenou aos pastores que explicassem que não apenas os elementos da Missa continham carne, ossos e nervos como parte de Cristo, "mas também um CRISTO INTEIRO". A Enciclopédia Católica diz: "O dogma da totalidade da Presença Real significa que em cada espécie individual o Cristo inteiro, carne e sangue, corpo e alma, Divindade e humanidade, está realmente presente".

Tendo o pedaço de pão se tornado "Cristo", acredita-se que, ao oferecê-lo, o sacerdote sacrifica Cristo. Uma maldição foi pronunciada pelo Concílio de Trento sobre qualquer um que acreditasse no contrário. "Se alguém disser que na Missa não se oferece a Deus um sacrifício verdadeiro e adequado... seja anátema." Na crença católica, este "sacrifício" é uma renovação do sacrifício da cruz. "Cristo... ordenou que seu sacrifício sangrento na cruz fosse diariamente renovado por um sacrifício incruento de seu Corpo e Sangue na Missa sob os simples elementos de pão e vinho". Porque os elementos são transformados em Cristo, ele "está presente em nossas igrejas não apenas de maneira espiritual, mas realmente, verdadeiramente e substancialmente como vítima de um sacrifício". Embora o ritual tenha sido realizado milhões de vezes, tentativas são feitas explicar que é o mesmo sacrifício que o Calvário porque a vítima em cada caso é Jesus Cristo.

A própria idéia de Cristo - "carne e sangue, corpo e alma, Divindade e humanidade" - sendo oferecido repetidamente como uma "renovação" do sacrifício da cruz contrasta fortemente com as palavras de Jesus na cruz: "É está consumado" (João 19:30). Os sacrifícios do Antigo Testamento tinham que ser oferecidos continuamente porque nenhum deles era o sacrifício perfeito. Mas agora "somos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo UMA VEZ por todas. que nunca pode tirar os pecados; mas este homem (Cristo), depois de ter oferecido um único sacrifício pelos pecados para sempre, assentou-se à destra de Deus... Hb 10:10-14).

A doutrina católica diz que o sacrifício de Cristo na cruz deve "ser renovado diariamente", mas o Novo Testamento coloca a ideia de "sacrifícios diários" em contraste com o único sacrifício de Cristo. Ele não deveria ser oferecido muitas vezes, pois "como aos homens está ordenado morrerem uma vez... assim também Cristo se ofereceu UMA VEZ para tirar os pecados de muitos" (Heb. 9:25-28). Em vista disso, aqueles que acreditam no sacrifício da cruz devem ser continuamente renovados na Missa, em certo sentido, "crucificar para si o Filho de Deus novamente, e colocá-lo em vitupério" (Hb 6:6). .

Depois que o pão foi transformado em "Cristo" pelo padre, ele é colocado em um ostensório no centro de um desenho de sol. Diante do ostensório, os católicos se curvarão e adorarão a pequena hóstia como Deus! Essa prática, em nossa opinião, é semelhante às práticas das tribos pagãs que cultuam fetiches. É bíblico? Observe o que a Enciclopédia Católica diz: "Na ausência de prova bíblica, a Igreja encontra uma garantia e uma propriedade em prestar culto divino ao Santíssimo Sacramento na mais antiga e constante tradição ..." Esse raciocínio nos traz à mente as palavras de Jesus, "... invalidando a palavra de Deus pela vossa tradição" (Marcos 7:13).

Ostensório

Adotar a ideia de que os elementos da Ceia do Senhor se tornam a carne e o sangue literais de Cristo não foi isento de problemas. Tertuliano nos diz que os sacerdotes tomaram muito cuidado para que nenhuma migalha caísse - para que o corpo de Jesus não fosse ferido! Acreditava-se que até uma migalha continha um Cristo inteiro. Na Idade Média, havia sérias discussões sobre o que deveria ser feito se uma pessoa vomitasse depois de receber a comunhão ou um cachorro ou rato por acaso comesse o corpo de Deus! No Concílio de Constança, foi discutido se um homem que derramou um pouco do sangue de Cristo em sua barba deveria ter sua barba queimada, ou se a barba e o homem deveriam ser destruídos pela queima. Admite-se por todos os lados que numerosas doutrinas estranhas acompanharam a ideia de transubstanciação.

Na igreja do Novo Testamento é evidente que os cristãos participaram tanto do pão quanto do fruto da videira como emblemas da morte de Cristo (1 Coríntios 11:28). Isso A Enciclopédia Católica admite. "Pode-se afirmar como um fato geral, que até o século XII, tanto no Ocidente como no Oriente, a Comunhão pública nas igrejas era normalmente administrada e recebida sob ambas as espécies", um fato "claramente indiscutível". Mas, depois de todos esses séculos, a Igreja Católica Romana começou a reter o cálice do povo, servindo-lhes apenas o pão. O padre bebeu o vinho. Um argumento era que alguém poderia derramar o sangue de Cristo. Mas não era possível que os primeiros discípulos pudessem ter derramado o cálice? Cristo não reteve isso deles com base nisso! Servir apenas metade do que Jesus havia instituído exigia certas "explicações". Foi explicado que a "comunhão sob uma espécie", como era chamada, era tão válida quanto tomar as duas. O povo não seria privado de qualquer "graça necessária para a salvação" e que "Cristo está realmente presente e é recebido inteiro e inteiro, corpo e sangue, alma e Divindade, sob qualquer espécie somente... santa mãe a Igreja... aprovou o costume de se comunicar sob uma espécie ... Não apenas, portanto, a Comunhão sob ambas as espécies não é obrigatória para os fiéis, mas o cálice é estritamente proibido pela lei eclesiástica a qualquer um que não seja o sacerdote celebrante "! Depois de muitos séculos, essa lei agora foi relaxada. Alguns católicos podem participar do pão e do cálice, mas os costumes variam de lugar para lugar.

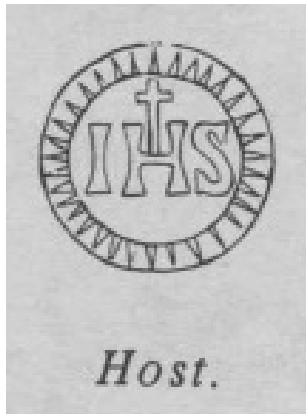
A ideia da transubstanciação começou com Cristo? O historiador Durant nos diz que a crença na transubstanciação como praticada na Igreja Católica Romana é "uma das cerimônias mais antigas da religião primitiva". Na obra acadêmica Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics (Enciclopédia de Religião e Ética de Hasting), muitas páginas são dedicadas a um artigo "Comer o deus". Nestas páginas, abundante evidência é dada de ritos de transubstanciação entre muitas nações, tribos e religiões. Tais ritos eram conhecidos na Roma pagã, como evidenciado pela pergunta retórica de Cícero sobre o milho de Ceres e o vinho de Baco. No mitraísmo, era celebrada uma refeição sagrada de pão e vinho. "O mitraísmo tinha uma Eucaristia, mas a ideia de um banquete sagrado é tão antiga quanto a raça humana e existiu em todas as idades e entre todos os povos", diz a Enciclopédia Católica.

No Egito, um bolo era consagrado por um sacerdote e deveria se tornar a carne de Osíris. Isso foi então comido e o vinho foi tomado como parte do rito. Mesmo no México e na América Central, entre aqueles que nunca ouviram falar de Cristo, foi encontrada a crença em comer a carne de um deus. Quando os missionários católicos desembarcaram ali, ficaram surpresos "ao presenciar um rito religioso que lhes lembrava a comunhão... uma imagem feita de farinha... depois de consagrada pelos padres, foi distribuída entre as pessoas que a comeram... era a carne da divindade.'"

Hislop sugere que a ideia de comer a carne de um deus era de origem canibal. Visto que os sacerdotes pagãos comiam uma parte de todos os sacrifícios, nos casos de sacrifício humano, os sacerdotes de Baal eram obrigados a comer carne humana. Assim, "Cahna-Bal", isto é, "sacerdote de Baal", forneceu a base para nossa palavra moderna "canibal".

Durante a missa, os membros da igreja romana em boa posição podem se apresentar e se ajoelhar diante do padre que coloca um pedaço de pão em suas bocas que se tornou um "Cristo". Este pedaço de pão é chamado de "anfitrião", de uma palavra latina que originalmente significa "vítima"

ou "sacrifício". A Enciclopédia Católica diz que a hóstia "foi objeto de muitos milagres", incluindo o pão sendo transformado em pedra e hóstias que sangraram e continuaram a sangrar.'

As hóstias são feitas em forma redonda, sendo esta forma mencionada pela primeira vez por São Epifânio no século IV. (A ilustração mostra a maneira como a "hóstia" aparece em um dicionário ilustrado católico.) Mas quando Jesus instituiu a ceia memorial, ele simplesmente pegou o pão e partiu-o. O pão não se parte em pedaços redondos! Partir o pão na verdade representa o corpo de Jesus que foi partido por nós pelos cruéis espancamentos e açoites. Mas esse simbolismo não é realizado servindo-se uma bolacha redonda em forma de disco completamente inteira.

Host.

Host

Se o uso de uma hóstia redonda não tem base bíblica, é possível que estejamos diante de outro exemplo de influência pagã? Hislop diz: "A hóstia 'redonda', cuja 'arredondamento' é um elemento tão importante no mistério romano, é apenas outro símbolo de Baal, ou o sol". Sabemos que os bolos redondos eram usados nos antigos mistérios do Egito. "O bolo fino e redondo ocorre em todos os altares." Na religião misteriosa do mitraísmo, os iniciados superiores do sistema recebiam um pequeno bolo redondo ou hóstia de pão sem fermento que simbolizava o disco solar, assim como sua tonsura redonda.

Em 1854 um antigo templo foi descoberto no Egito com inscrições que mostram pequenos bolos redondos em um altar. Acima do altar há uma grande imagem do sol. Um símbolo do sol semelhante foi usado acima do altar de um templo perto da cidade de Babain, no alto Egito, onde há uma representação do sol, diante do qual dois sacerdotes são mostrados adorando. (Veja ilustração).

Egyptian sun image.

imagem do sol egípcio

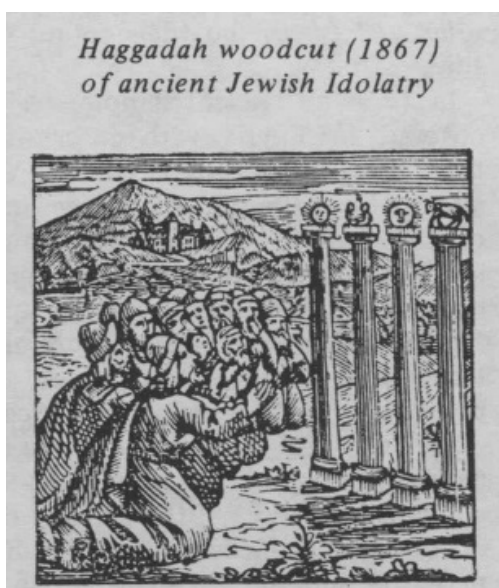
Este uso da imagem do sol acima do "altar" não se limitou ao Egito. Mesmo no longínquo Peru, essa mesma imagem era conhecida e cultuada. Se houver alguma dúvida de que a forma da hóstia foi influenciada pela adoração do sol, pode-se simplesmente comparar a imagem do sol diante da qual os pagãos se curvaram com a imagem do sol do custódia - na qual a hóstia é colocada como um "sol" e antes que os católicos se curvam - e uma semelhança impressionante será vista imediatamente.

Mesmo entre os israelitas, quando caíram na adoração de Baal, imagens do sol foram colocadas acima de seus altares! Mas durante o reinado de Josias, essas imagens foram derrubadas: "E derrubaram os altares de Baalim na presença dele, e as imagens (margem, imagens do sol) que estavam no alto acima deles" (2 Crônicas 34:4).). Uma xilogravura antiga ilustra algumas das estranhas imagens que eles adoravam, incluindo duas imagens de sol no topo das colunas.

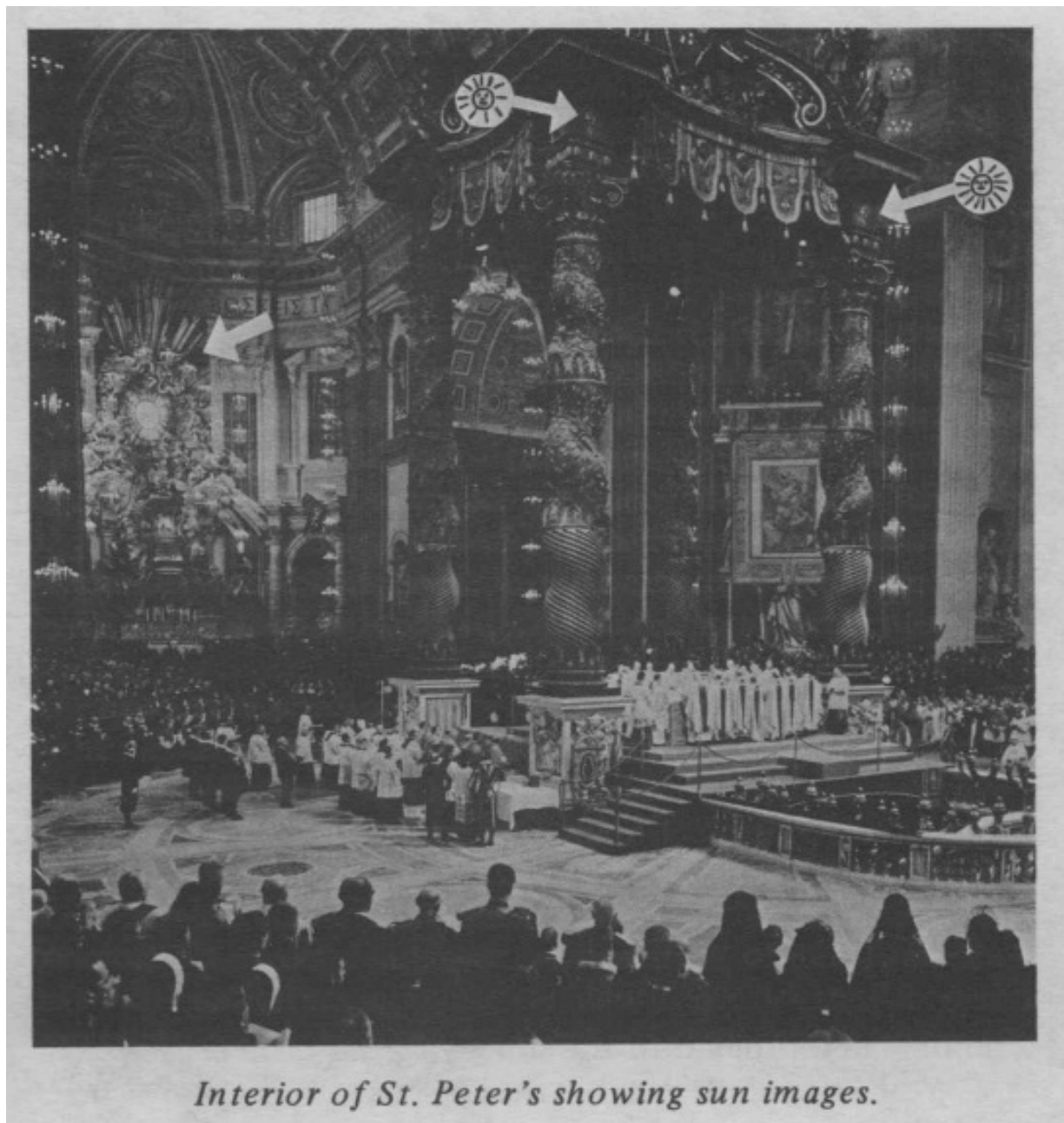
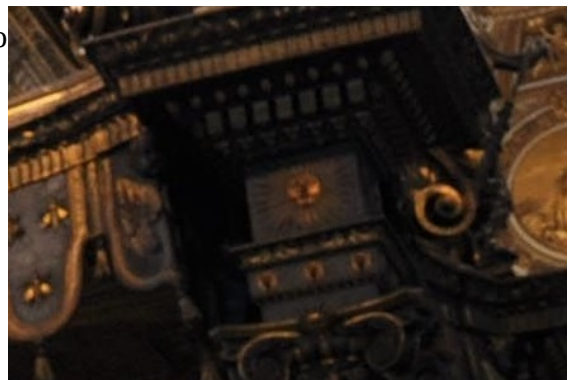
A fotografia da página seguinte mostra o altar da Basílica de São Pedro e o enorme dossel (o baldachinum) – 28 metros de altura – que é sustentado por quatro colunas, retorcidas e levemente cobertas por galhos. No topo das colunas - "no alto" o altar mais importante do catolicismo - estão imagens do sol como aquelas que eram usadas no culto pagão.

Sun worship in Peru.

Adoração do sol no Peru.

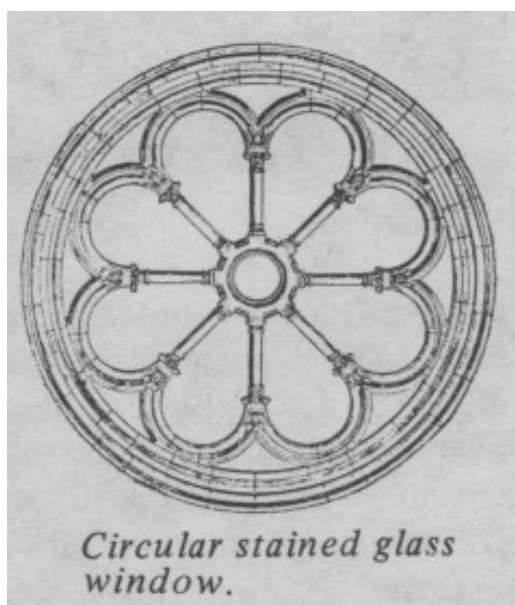
Haggadah woodcut (1867) of ancient Jewish Idolatry

Xilogravura Hagadá (1867) da antiga idolatria judaica

No alto da parede, como a fotografia também mostra, está uma enorme e elaborada imagem dourada de sol que, da entrada da igreja, também aparece "acima" do altar.

Interior of St. Peter's showing sun images.

Interior da Basílica de São Pedro mostrando imagens do sol.

Uma grande imagem do sol também aparece acima do altar da Igreja do Gesu, em Roma, e centenas de outras. (Ilustração na página 132). Curiosamente, o grande templo da Babilônia também apresentava uma imagem dourada do sol.

Interior of the Church of the Gesu, Rome.

Interior da Igreja do Gesu, Roma

Às vezes, a imagem circular do sol é um vitral sobre o altar ou, como é muito comum, sobre a entrada das igrejas. Algumas dessas janelas circulares centrais são lindamente decoradas. Alguns estão rodeados de raios de sol. Na Babilônia havia templos com imagens do deus-sol de frente para o sol nascente colocadas acima das entradas. Um antigo templo babilônico construído pelo rei Gudea apresentava um emblema do deus-sol sobre a entrada. Era costume dos construtores egípcios colocar um disco solar (às vezes com asas ou outros emblemas) sobre a entrada de seus templos – para honrar o deus-sol e afastar os maus espíritos. Não estamos sugerindo, é claro, que os desenhos redondos em uso hoje transmitam os significados que antigamente tinham para aqueles que iam aos templos pagãos. No entanto, a semelhança parece significativa.

Vitral circular.

A janela circular que tem sido tão comumente usada acima das entradas das igrejas é às vezes chamada de janela de "roda". O desenho da roda, como a roda de uma carruagem, foi acreditado por alguns dos antigos para ser também um símbolo do sol. Eles pensavam no sol como uma grande carruagem conduzida pelo deus-sol que fazia sua viagem pelos céus todos os dias e passava pelo submundo à noite. Quando os israelitas misturaram a religião de Baal em sua adoração, eles tinham "carruagens do sol" - carros dedicados ao deus-sol (2 Reis 23:4-11). Uma imagem em forma de roda de carruagem é colocada sobre a famosa estátua de Pedro na Basílica de São Pedro. Uma tabuleta agora em um museu britânico mostra um dos reis babilônicos restaurando um símbolo do deus-sol no templo de Bel. O símbolo é uma cruz de oito pontas, como uma roda raiada. Um desenho semelhante marca o pavimento do pátio circular diante de São Pedro. (Consulte a página 43).

As imagens romanas de Maria e dos santos sempre apresentam um disco circular com o símbolo do sol ao redor de suas cabeças. A tonsura romana é redonda. Imagens redondas são vistas acima dos altares e entradas. A custódia em que a hóstia redonda é colocada geralmente apresenta um design de explosão de sol. Todos esses usos dos símbolos do sol podem parecer bastante insignificantes. Mas quando o quadro geral é visto, cada um fornece uma pista para ajudar a resolver o mistério da Babilônia moderna.

As hóstias redondas da Missa são frequentemente retratadas como círculos marcados com cruzes.

Não podemos deixar de notar como elas são semelhantes às hóstias redondas vistas no desenho de um monumento assírio que reproduzimos abaixo.

cena do monumento assírio

Assyrian monument scene

Nesta cena, um homem está se curvando diante de um rei-sacerdote e sob uma imagem do sol. O segundo homem da direita está trazendo uma oferenda de hóstias redondas marcadas com cruzes!

Quando Jesus instituiu a ceia memorial, era à noite. Não foi na hora do café da manhã, nem na hora do almoço. Os primeiros cristãos participaram da ceia do Senhor à noite, seguindo o exemplo de Cristo e os tipos do Antigo Testamento. Mas mais tarde a ceia do Senhor passou a ser observada em uma reunião matinal. Até que ponto isso pode ter sido influenciado pelo mitraísmo, não podemos dizer. Sabemos sim que os ritos mitraicos eram observados de manhã cedo, estando associados ao sol, à aurora. Por alguma razão, agora é um costume comum entre as igrejas católica e protestante tomar a "ceia" do Senhor pela manhã.

Um fator que pode ter incentivado a missa matinal dentro da igreja católica foi a ideia de que uma pessoa deveria estar jejuando antes de receber a comunhão. Obviamente, de manhã cedo foi um momento mais fácil para atender a esse requisito! Mas exigir tal jejum não pode ser solidamente baseado nas escrituras, pois Jesus havia acabado de comer quando instituiu a ceia memorial! Por outro lado, aqueles que buscavam a iniciação nos mistérios de Elêusis foram primeiramente perguntados: "Você está jejuando?" Se a resposta fosse negativa, a iniciação era negada. O jejum em si é, naturalmente, uma doutrina bíblica. Mas o verdadeiro jejum deve vir do coração e não meramente por causa de uma regra feita pelo homem. De tais, Deus diz: "Quando jejuarem, não ouvirei o seu clamor" (Jeremias 14:12). Os fariseus eram rígidos quanto ao jejum em certos dias, mas negligenciavam os assuntos mais importantes da lei (Mt 6:16). Paulo advertiu sobre certos mandamentos de "abster-se de carnes" como sendo uma marca de apostasia (1Tm 4:3).

Ao comentar a Missa e seu elaborado ritualismo, Romanism and the Gospel diz: "É um espetáculo de magnificência deslumbrante - luzes, cores, vestimentas, música, incenso e o que tem um estranho efeito psicológico, vários oficiantes treinados realizando uma ritual majestoso em total independência dos adoradores. Estes são de fato espectadores, não participantes, espectadores como aqueles que estavam presentes em uma apresentação dos antigos cultos de mistério." "Ele faz o sinal da cruz dezesseis vezes; volta-se para a congregação seis vezes; levanta os olhos para o céu onze vezes; beija o altar oito vezes; dobra as mãos quatro vezes; bate no peito dez vezes; inclina a cabeça vinte e uma vezes; ajoelha-se oito vezes; curva os ombros sete vezes; abençoa trinta vezes o altar com o sinal da cruz; coloca as mãos espalmadas no altar vinte e nove vezes; reza secretamente onze vezes; reza em voz alta treze vezes; toma o pão e o vinho e os transforma no corpo e sangue de Cristo; cobre e descobre o cálice dez vezes; vai e volta vinte vezes." Somando-se a este complicado ritualismo está o uso de vestes altamente coloridas, velas, sinos, incenso, música e a pompa vistosa pela qual o romanismo é conhecido. Que contraste com a simples ceia memorial instituída por Cristo !

CAPÍTULO DEZOITO

Três dias e noites

Muitos de nos assumem que Jesus morreu na "Sexta-Feira Santa" e ressuscitou dos mortos no início da manhã de domingo de "Páscoa". Como Jesus disse que ressuscitaria “no terceiro dia”, alguns contam parte da sexta-feira como um dia, sábado como o segundo e parte do domingo como o terceiro. Ressalta-se que, às vezes, uma expressão como "terceiro dia" pode incluir apenas partes de dias, sendo uma parte de um dia contada como um todo. A Enciclopédia Judaica diz que o dia de um funeral, mesmo que o funeral possa ocorrer no final da tarde, é contado como o primeiro dos sete dias de luto. Outros exemplos de parte de um dia sendo contado como um dia inteiro, por assim dizer, são encontrados também na Bíblia, como na seguinte declaração de Jesus: "Eis que eu expulso demônios, e faço curas hoje e amanhã , e ao terceiro dia serei aperfeiçoado. Todavia, devo andar hoje, e amanhã, e no dia seguinte; porque não pode perecer um profeta de Jerusalém" (Lc. 13:32, 33). Nesse caso, "o terceiro dia" significaria o mesmo que "o dia seguinte (amanhã)" — três dias, embora apenas partes desses dias estejam envolvidas. Muitos acham que isso explica o elemento de tempo entre o sepultamento e a ressurreição de Cristo.

Há outros cristãos, porém, que não estão totalmente satisfeitos com esta explicação. Jesus muitas vezes disse que ressuscitaria "ao terceiro dia" (Mt 16:21; Mc 10:34). Mas ele também falou desse período de tempo e o deu como um sinal específico de seu messianismo como sendo três dias e três noites. "Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia", disse ele, "assim estará o filho do homem TRÊS DIAS E TRÊS NOITES no seio da terra" (Mt 12:38-40).

Que a expressão "terceiro dia" pode, biblicamente, incluir três dias e três noites pode ser visto em Gênesis 1:4-13: "Deus separou a luz das trevas. E Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou E a tarde (escuridão) e a manhã (luz) foram o PRIMEIRO DIA... e a tarde (escuridão) e a manhã (luz) foram o SEGUNDO DIA... e a tarde (agora três períodos da noite) e a manhã (agora três períodos de luz) foram O TERCEIRO DIA." Isso fornece um exemplo de como o termo "terceiro dia" pode ser contado e mostrado para incluir três dias e três noites.

Embora tenhamos por muito tempo favorecido a visão que apresentaremos aqui – que permite três dias e noites inteiros – gostaríamos de salientar que, como cristãos, o fato de acreditarmos que Jesus viveu, morreu e ressuscitou é infinitamente mais importante do que alguma explicação que possamos oferecer em relação ao elemento tempo de seu enterro.

Como há doze horas em um dia e doze horas em uma noite (João 11:9, 10), se calcularmos "três dias e três noites" completos, isso equivaleria a 72 horas. Mas o elemento tempo era exatamente 72 horas? Jesus deveria estar no túmulo por "três dias e três noites" e ressuscitar "depois de três dias" (Mc 8:31). Não vemos razão para calcular isso como menos de 72 horas. Por outro lado, se ele fosse ressuscitar dos mortos "em três dias" (João 2:19), isso não poderia ser mais do que 72 horas. Para harmonizar essas várias declarações, não parece razoável supor que o período de tempo foi exatamente 72 horas. Afinal, Deus é um Deus de EXATIDÃO. Ele faz tudo certinho no horário. Nada é acidental com ele.

Foi "quando chegou a plenitude dos tempos" - nem um ano antes ou um ano atrasado - "Deus enviou seu Filho" (Gl 4:4). O tempo para sua unção foi preordenado e falado pelo profeta Daniel, como também foi o tempo em que ele seria "cortado" pelos pecados do povo. Aqueles que tentaram matá-lo antes disso falharam, pois seu "tempo" ainda não havia chegado (João 7:8). E não apenas o ano e a hora de sua morte, mas a própria hora fazia parte do plano divino. "Pai", Jesus orou, "é chegada a hora..." (João 17:1).

Como havia uma hora exata para ele nascer, uma hora exata para sua unção, uma hora exata para seu ministério começar, uma hora exata para sua morte, não temos nenhum problema em acreditar que também houve um período de tempo exato entre seu enterro. e ressurreição - 72 horas exatamente. Se isso for verdade, então a ressurreição ocorreu na mesma hora do dia em que Jesus foi sepultado – apenas três dias depois. Que hora do dia foi essa?

Jesus morreu pouco depois da "hora nona" ou três da tarde (Mt 27:46-50). “Os judeus, porque era a preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz no dia de sábado (porque aquele sábado era um dia alto), rogaram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e os tirassem. ...mas quando chegaram a Jesus... ele já estava morto" (João 19:31-33). A essa altura, "já era tarde" (Mc 15:42), já era tarde. A lei dizia: "O seu corpo não ficará a noite toda no madeiro, mas de qualquer modo o enterrarás naquele dia" (Deut.21:23). No tempo restante naquele dia antes do pôr-do-sol, antes do início do grande dia de sábado, José de Arimatéia obteve permissão para remover o corpo. Ele e Nicodemos prepararam o corpo para o sepultamento com roupas de linho e especiarias, e o colocaram em um túmulo próximo (João 19:38-42) - tudo isso sendo concluído ao pôr do sol.

Se a ressurreição ocorresse na mesma hora do dia em que Jesus foi sepultado - apenas três dias depois - isso colocaria a ressurreição perto do pôr do sol, não do nascer do sol, como é comumente assumido. Uma ressurreição ao nascer do sol exigiria uma noite extra – três dias e quatro noites. Este não foi o caso, é claro. Aqueles que foram ao túmulo ao nascer do sol, em vez de testemunhar a ressurreição naquele exato momento, descobriram que o túmulo já estava vazio (Mc 16:2). O relato de João nos diz que Maria Madalena veio ao túmulo quando "ainda estava ESCURO" no primeiro dia da semana e Jesus NÃO estava lá (João 20:1, 2).

Os escritores dos evangelhos falam de várias visitas diferentes feitas pelos discípulos ao túmulo naquele primeiro dia da semana. Em TODOS os casos, eles encontraram o túmulo VAZIO! Um anjo disse: "Ele não está aqui, porque ressuscitou, como havia dito" (Mt 28:6). O primeiro dia da semana foi quando os discípulos descobriram que ele havia ressuscitado (Lucas 24:1, 2, etc.), mas em nenhum lugar a Bíblia realmente diz que este foi o tempo da ressurreição.

O único versículo que parece ensinar uma ressurreição de domingo de manhã é Marcos 16:9. "Ora, quando Jesus ressuscitou cedo no primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Madalena..." Mas este versículo não diz que cedo no primeiro dia Jesus estava "ressuscitando" ou que ele "ressuscitou" naquele Tempo. Diz que quando chegou o primeiro dia da semana, ele "RESSUSCITOU" - pretérito perfeito.

Uma vez que não havia sinais de pontuação nos manuscritos gregos dos quais nosso Novo Testamento foi traduzido, a frase "cedo o primeiro dia da semana" poderia corretamente - alguns pensam mais corretamente - ser relacionada com o momento em que Jesus apareceu a Maria. Simplesmente colocando a vírgula após a palavra "ressuscitado", este versículo leria: "Ora, quando Jesus ressuscitou, no primeiro dia da semana apareceu primeiro a Maria Madalena." Este parece ser o significado originalmente pretendido, pois os versículos que seguem mostram que Marcos estava registrando as várias aparições que Jesus fez, não explicando em que dia ocorreu a ressurreição.

Quando chegou o domingo de manhã, Jesus já havia ressuscitado, a ressurreição havia ocorrido pouco antes do pôr do sol do dia anterior. Contar três dias para trás nos levaria a quarta-feira. Isso faria três dias e três noites entre o sepultamento e a ressurreição de Cristo? sim. Quarta à noite, quinta à noite e sexta à noite – três noites; também quinta, sexta e sábado — três dias. Isso daria um total de exatamente três dias e três noites ou 72 horas. Um dia depois de quarta-feira seria quinta-feira, dois dias depois de quarta-feira seria sexta-feira, e "o terceiro dia" depois de quarta-feira seria sábado.

As palavras dos dois discípulos no caminho de Emaús são um pouco difíceis. "Mas nós confiamos que era ele que havia de redimir Israel", disseram eles, "e, além de tudo isso, hoje é o terceiro dia

desde que essas coisas foram feitas" (Lc 24:21). Porque Jesus apareceu a esses discípulos no primeiro dia da semana (versículo 13), e este foi "o terceiro dia desde que essas coisas foram feitas", isso não indicaria que Jesus morreu na sexta-feira? Isso dependeria de como contamos. Se partes de um dia são contadas como um todo, sexta-feira pode ser entendido. Por outro lado, um dia "desde" sexta-feira seria sábado, o segundo dia "desde" sexta seria domingo e o terceiro dia "desde" sexta seria segunda-feira! Este método de contagem não indicaria sexta-feira.

Ao procurar oferecer uma explicação, apresento o seguinte: Eles falaram sobre "todas essas coisas que aconteceram" (versículo 14) - mais do que apenas um evento. Se "estas coisas" incluíam a prisão, a crucificação, o sepultamento e a colocação do selo e a guarda do túmulo, todas essas coisas não foram feitas até quinta-feira. Jesus, como notamos, foi crucificado na "preparação" (quarta-feira). "No dia seguinte (quinta-feira), que se seguiu ao dia da preparação, os principais sacerdotes e os fariseus se reuniram a Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador disse, estando ainda vivo: Depois de três dias ressuscitarei Ordena, pois, que se guarde o sepulcro até ao terceiro dia, para que os seus discípulos não venham de noite e o roubem" (Mt 27:62-66). Por esta razão, o túmulo foi selado e guardado. "Estas coisas" não foram totalmente concluídas - não foram "feitas" - até que o túmulo foi selado e guardado. Isso aconteceu, como já vimos, na quinta-feira daquela semana, o dia de alta. Domingo, então, teria sido "o terceiro dia desde que essas coisas foram feitas", mas não o terceiro dia desde a crucificação.

Visto que Jesus foi crucificado no dia anterior ao sábado, podemos entender por que alguns pensaram na sexta-feira como o dia da crucificação. Mas o sábado que se seguiu à sua morte não era o sábado semanal, mas um sábado anual "porque aquele sábado era um grande dia" (João 19:14, 31). Este sábado poderia cair em qualquer dia da semana e esse ano aparentemente veio na quinta-feira. Ele foi crucificado e sepultado no dia da preparação (quarta-feira), no dia seguinte era o sábado do dia alto (quinta-feira), depois sexta-feira, seguido pelo sábado semanal (sábado). Entender que havia dois sábados naquela semana explica como Cristo poderia ser crucificado no dia anterior ao sábado, já havia ressuscitado da tumba quando o dia seguinte ao sábado veio - ainda cumprindo seu sinal de três dias e três noites.
Uma comparação cuidadosa de Marcos 16:1 com Lucas 23:56 fornece mais evidências de que havia dois sábados naquela semana—com um dia de trabalho comum entre os dois. Marcos 16:1 diz: "E, passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram* aromas suaves para virem ungi-lo." Este versículo afirma que foi depois do sábado que essas mulheres compraram suas especiarias. Lucas 23:56, no entanto, afirma que eles prepararam os temperos e depois de prepará-los descansaram no sábado: "E voltaram, e prepararam especiarias e ungüentos; e no dia de sábado descansaram conforme o mandamento". O único versículo diz que foi depois do sábado que as mulheres compraram especiarias; o outro versículo diz que eles prepararam as especiarias antes do sábado. Como eles não podiam preparar os temperos antes de comprá-los, a evidência de dois sábados diferentes naquela semana parece conclusiva.

* A versão King James é a única tradução (de muitas que verificamos) que usa o indefinido "tinha comprado". Todos os outros traduziram corretamente isso como "comprado". Não é incomum que este versículo seja lido como se as mulheres “trouxem” especiarias, mas a palavra é “comprada”, uma letra fazendo a diferença!

Escrevendo na revista Eternity, seu editor, Donald Gray Barnhouse, disse: "Pessoalmente, sempre defendi que havia dois sábados na última semana de nosso Senhor - o sábado do sábado e o sábado da Páscoa, sendo o último na quinta-feira. Eles se apressaram em levar seu corpo para baixo depois de uma crucificação de quarta-feira e ele ficou três dias e três noites (pelo menos 72 horas) na tumba." Ele cita evidências dos Manuscritos do Mar Morto que colocariam a Última Ceia na terça-feira. Nem toda a tradição favoreceu uma crucificação de sexta-feira. Ele cita um jornal católico romano publicado na França que "uma antiga tradição cristã, atestada pela Didascalia Apostolorum, bem como por Epifânio e Vitorino de Pet-tau (falecido em 304) dá a noite de terça-feira como a data da Última Ceia e prescreve um jejum para quarta-feira para comemorar a captura de Cristo."

Embora defendendo fortemente a crucificação de sexta-feira, a Enciclopédia Católica diz que nem todos os estudiosos acreditam dessa maneira. Epifânio, Lactâncio, Wescott, Cassiodoro e Gregório de Tours são mencionados como rejeitando a sexta-feira como o dia da crucificação.

Em seu livro Bible Questions Answered, W. L. Pettingill, dá esta pergunta e resposta: "Em que dia da semana nosso Senhor foi crucificado? Para nós é perfeitamente óbvio que a crucificação foi na quarta-feira." A Bíblia Companheira, publicada pela Oxford University Press, em seu Apêndice 156 explica que Cristo foi crucificado na quarta-feira.

Em sua Bíblia de referência anotada de Dake, Finis Dake disse em sua nota sobre Mateus 12:40: "Cristo esteve morto por três dias inteiros e três noites inteiras. de sábado ao pôr do sol. ... Nenhuma declaração diz que Ele foi enterrado na sexta-feira ao pôr do sol. Isso o deixaria no túmulo apenas um dia e uma noite, provando que suas próprias palavras eram falsas."

As citações dadas aqui de vários ministros são especialmente significativas, uma vez que essa crença não era a posição geralmente aceita das várias organizações da igreja às quais eles eram afiliados. Nesses casos, os homens falam por convicção, não apenas por conveniência. Tal foi o caso de R. A. Torrey, notável evangelista e reitor do instituto bíblico, cujas palavras (escritas em 1907) resumem bem a posição básica que apresentamos aqui. "... De acordo com a tradição comumente aceita da igreja, Jesus foi crucificado na sexta-feira... e ressuscitou dos mortos muito cedo na manhã do domingo seguinte. Muitos leitores da Bíblia ficam intrigados ao saber como o intervalo entre o final da tarde de sexta-feira e o início da manhã de domingo pode-se calcular que são três dias e três noites, parece que são duas noites, um dia e uma porção muito pequena de outro dia.

"A solução desta aparente dificuldade proposta por muitos comentaristas é que 'um dia e uma noite' é simplesmente outra maneira de dizer 'um dia', e que os antigos judeus consideravam uma fração de um dia como um dia inteiro... há muitas pessoas a quem esta solução não satisfaz totalmente, e o escritor é livre para confessar que não o satisfaz de forma alguma. Parece-me ser um expediente...

"A Bíblia em nenhum lugar diz ou implica que Jesus foi crucificado e morreu na sexta-feira. Diz-se que Jesus foi crucificado no 'dia antes do sábado'... neste caso... não era o dia anterior ao sábado semanal (isto é, sexta-feira), mas era o dia anterior ao sábado da Páscoa, que veio este ano na quinta-feira - isto é, o dia em que Jesus Cristo foi crucificado foi na quarta-feira.João deixa isso claro como o dia.

"Jesus foi enterrado quase ao pôr do sol na quarta-feira. Setenta e duas horas depois... ele ressuscitou da sepultura. Quando as mulheres visitaram a tumba pouco antes do amanhecer da manhã, encontraram a sepultura já vazia.

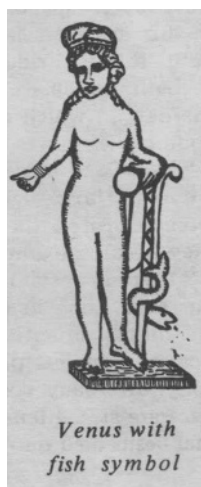
“Não há absolutamente nada a favor da crucificação de sexta-feira, mas tudo nas Escrituras está perfeitamente harmonizado pela crucificação de quarta-feira. quando chegamos a entender que Jesus morreu na quarta-feira, e não na sexta-feira."

CAPÍTULO DEZENOVE

Peixe, sexta-feira e o Festival da Primavera

VIMOS nas Escrituras certas razões para questionar a sexta-feira como o dia em que Cristo foi crucificado. No entanto, a cada sexta-feira, muitos católicos se abstêm de carne – substituindo o peixe por peixe – supostamente em memória da crucificação de sexta-feira. Os católicos romanos nos Estados Unidos não são mais obrigados por sua igreja a se abster de carne às sextas-feiras (como antigamente) - exceto durante a Quaresma -, no entanto, muitos ainda seguem o costume de pescar na sexta-feira.

Certamente as Escrituras nunca associam peixe com sexta-feira. Por outro lado, a palavra "sexta-feira" vem do nome de "Freya", que era considerada a deusa da paz, alegria e FERTILIDADE, sendo o símbolo de sua fertilidade o PEIXE. Desde muito cedo o peixe era um símbolo de fertilidade entre os chineses, assírios, fenícios, os babilônios e outros.1 A palavra "peixe" vem de dag que implica aumento ou fertilidade, e com razão. Um único bacalhau gera anualmente mais de 9.000.000 de ovos; o linguado 1.000.000; o esturjão 700.000; o poleiro 400.000; a cavala 500.000; o arenque 10.000, etc.

A deusa da fertilidade sexual entre os romanos era chamada de Vênus. É de seu nome que nossa palavra "veneral" (como em doença veneral), veio. Sexta-feira era considerada seu dia sagrado porque acreditava-se que o planeta Vênus governava a primeira hora de sexta-feira e, portanto, era chamado dies Veneris. E — para completar o significado — o peixe também era considerado sagrado para ela. A ilustração que acompanha, como vista no antigo simbolismo pagão e cristão moderno, mostra a deusa Vênus com seu símbolo, o peixe.

Vênus com símbolo de peixe

O peixe era considerado sagrado para Astorete, nome sob o qual os israelitas adoravam a deusa pagã. No antigo Egito, Ísis às vezes era representada com um peixe na cabeça, como pode ser visto na ilustração ao lado. Considerando que a sexta-feira recebeu o nome da deusa da fertilidade sexual, sendo sexta-feira seu dia sagrado e o peixe seu símbolo, parece mais do que uma mera coincidência que os católicos tenham sido ensinados que sexta-feira é um dia de abstinência de carne, um dia para comemos peixe!

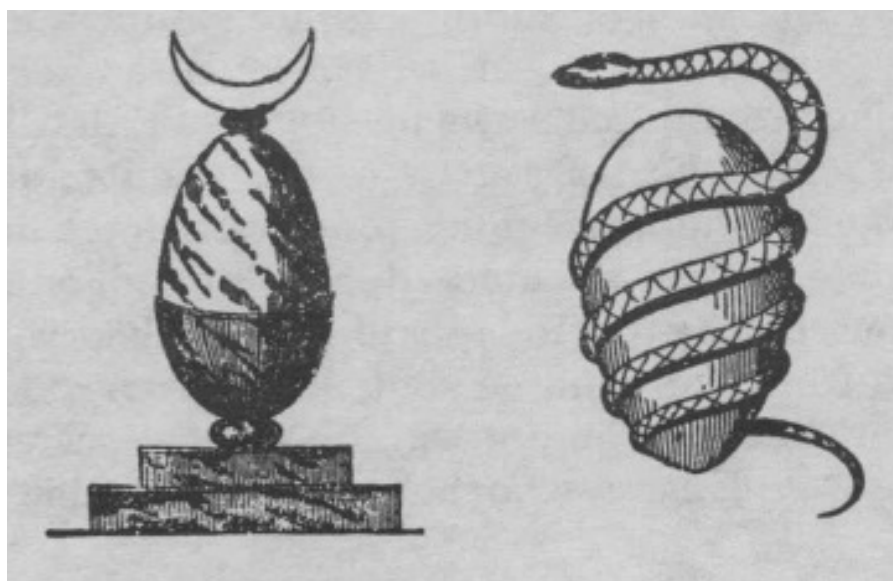
Ísis e Hórus.

Já notamos por que alguns cristãos rejeitaram a sexta-feira como o dia da crucificação e a manhã do domingo de Páscoa como a hora da ressurreição. De onde, então, veio a observância da Páscoa? Os primeiros cristãos tingiam ovos de Páscoa? Pedro ou Paulo alguma vez conduziram um culto de Páscoa ao nascer do sol? As respostas são, obviamente, óbvias.

A palavra "Páscoa" aparece uma vez na versão King James: "... pretendendo depois da Páscoa trazê-lo ao povo" (Atos 12:4). A palavra traduzida "Páscoa" aqui é pascha que é - como TODOS os estudiosos sabem - a palavra grega para páscoa e não tem conexão com a palavra inglesa "Páscoa". É bem conhecido que "Páscoa" não é uma expressão cristã - não em seu significado original. A palavra vem do nome de uma deusa pagã – a deusa da luz do dia e da primavera. "Páscoa" é apenas uma forma mais moderna de Eostre, Ostera, Astarte ou Ishtar, esta última, de acordo com Hislop, sendo pronunciada como pronunciamos "Páscoa" hoje.

Como a palavra "Páscoa", muitos de nossos costumes nesta época tiveram seu início entre as religiões não-cristãs. Os ovos de páscoa, por exemplo, são coloridos, escondidos, caçados e comidos - um costume feito inocentemente hoje e muitas vezes associado a um momento de diversão e brincadeiras para as crianças. Mas esse costume não se originou no cristianismo. O ovo era, no entanto, um símbolo sagrado entre os babilônios que acreditavam em uma velha fábula sobre um ovo de tamanho maravilhoso que caiu do céu no rio Eufrates. Deste ovo maravilhoso - de acordo com o mito antigo - a deusa Astarte (Páscoa) foi chocada. O ovo passou a simbolizar a deusa Páscoa.

Os antigos druidas carregavam um ovo como emblema sagrado de sua ordem idólatra. A procissão de Ceres em Roma foi precedida por um ovo. Nos mistérios de Baco foi consagrado um ovo. A China usava ovos tingidos ou coloridos em festivais sagrados. No Japão, um antigo costume era tornar o ovo sagrado de uma cor de bronze. No norte da Europa, nos tempos pagãos, os ovos eram coloridos e usados como símbolos da deusa da primavera. A ilustração abaixo mostra duas maneiras pelas quais os pagãos representavam seus ovos sagrados. À esquerda está o Ovo de Heliópolis; à direita, o ovo de Typhon. Entre os egípcios, o ovo era associado ao sol — o "ovo de ouro".11 Seus ovos tingidos eram usados como oferendas sagradas na época da Páscoa.'

Diz a Enciclopédia Britânica: "O ovo como símbolo de fertilidade e de vida renovada remonta aos antigos egípcios e persas, que também tinham o costume de colorir e comer ovos durante o festival da primavera". Como, então, esse costume passou a ser associado ao cristianismo? Aparentemente, alguns procuraram cristianizar o ovo sugerindo que, assim como o pintinho sai do ovo, Cristo saiu do túmulo. O Papa Paulo V (1605-1621) ainda designou uma oração a este respeito: "Abençoa, ó Senhor, nós te rogamos, esta tua criatura de ovos, para que se torne um alimento saudável para os teus servos, comendo-o em memória de nosso Senhor Jesus Cristo."

As seguintes citações da Enciclopédia Católica são significativas. "Como o uso de ovos era proibido durante a Quaresma, eles eram trazidos à mesa do Dia da Páscoa, pintados de vermelho para simbolizar a alegria da Páscoa... primavera, gravitou para a Páscoa"! Tal era o caso de um costume

que era popular na Europa. "O fogo da Páscoa é aceso no topo das montanhas com fogo novo, tirado da madeira por fricção; este é um costume de origem pagã em voga em toda a Europa, significando a vitória da primavera sobre o inverno. Incêndios da Páscoa, mas não conseguiu aboli-los em todos os lugares." Então o que aconteceu? Observe isso com atenção! "A Igreja adotou a observância nas cerimônias da Páscoa, referindo-se à coluna de fogo no deserto e à ressurreição de Cristo"! Os costumes pagãos foram misturados à igreja romana e receberam a aparência de cristianismo? Não é necessário acreditar na minha palavra, em vários lugares a Enciclopédia Católica sai e diz isso. Por fim, mais uma citação diz respeito ao Coelho da Páscoa: "O coelho é um símbolo pagão e sempre foi um emblema de fertilidade".

"Como o ovo de Páscoa, a lebre da Páscoa", diz a Enciclopédia Britânica "chegou ao cristianismo desde a antiguidade. A lebre é associada à lua nas lendas do antigo Egito e de outros povos...Através do fato de que a palavra egípcia para lebre , hum, significa também “aberto” e “período” a lebre passou a ser associada à ideia de periodicidade, tanto lunar quanto humana, e com o início de uma nova vida tanto no jovem quanto na jovem, e assim um símbolo de fertilidade e da renovação da vida. Assim, a lebre ficou ligada aos ovos de Páscoa... ". Assim, tanto o coelho da Páscoa quanto os ovos da Páscoa eram símbolos de significado sexual, símbolos de fertilidade.

Na época da Páscoa, não é incomum que os cristãos participem dos cultos do nascer do sol. Supõe-se que tal honra a Cristo porque ele ressuscitou dos mortos na manhã do domingo de Páscoa, assim que o sol estava nascendo. Mas a ressurreição não ocorreu realmente ao nascer do sol, pois ainda estava ESCURO quando Maria Madalena chegou ao túmulo e já estava vazio! Por outro lado, havia um tipo de culto ao nascer do sol que fazia parte da antiga adoração ao sol. Não queremos dizer, é claro, que o povo cristão hoje adora o sol em seus cultos do nascer do sol da Páscoa. Nem dizemos que aqueles que se curvam diante da imagem do sol do ostensório com sua hóstia redonda em forma de sol estão adorando o sol. Mas tais práticas, sem exemplo bíblico, indicam que foram feitas misturas.

No tempo de Ezequiel, até mesmo as pessoas que conheciam o verdadeiro Deus caíram na adoração do sol e a tornaram parte de sua adoração. "E ele me levou ao átrio interior da casa do Senhor, e eis que à porta do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, estavam cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e os seus rostos para o oriente; e adoraram o sol para o oriente" (Ezequiel 8:16). O fato de que eles adoravam o sol para o leste mostra que era um culto ao nascer do sol. O versículo seguinte diz: "... e eis que eles puseram o ramo no nariz." Fausset diz que isso "alude ao uso idólatra de segurar um ramo de tamargueira ao nariz ao amanhecer enquanto cantavam hinos ao sol nascente".

Foi também para o oriente que os profetas de Baal olharam nos dias de Elias. Baal era o deus-sol e, portanto, deus do fogo. Quando Elias desafiou os profetas de Baal com as palavras: "O Deus que responde por FOGO, seja Deus", ele estava encontrando a adoração de Baal em seus próprios fundamentos. A que horas do dia esses profetas de Baal começaram a chamá-lo? Foi quando Baal — o sol — fez sua primeira aparição no horizonte oriental. Foi de "manhã" (1 Reis 18:26), ou seja, de madrugada)

Ritos relacionados com o sol nascente — de uma forma ou de outra — são conhecidos entre muitas nações antigas. A Esfinge no Egito foi localizada de forma a enfrentar o leste. Do Monte Fuji-yama, no Japão, são feitas orações ao sol nascente. "Os peregrinos rezam para o sol nascente enquanto escalam as encostas da montanha ... às vezes pode-se ver várias centenas de peregrinos xintoístas em suas vestes brancas saindo de seus abrigos e juntando seus cânticos ao sol nascente." Roma se reunia ao amanhecer em homenagem ao deus-sol.

A deusa da primavera, de cujo nome vem nossa palavra "Páscoa", estava associada ao sol nascendo no leste - assim como a própria palavra "East-er" parece sugerir. Assim, o alvorecer do sol no leste, o nome Páscoa e a primavera estão todos conectados.

De acordo com as lendas antigas, depois que Tamuz foi morto, ele desceu ao submundo. Mas através do choro de sua "mãe", Ishtar (Páscoa), ele foi misticamente revivido na primavera. "A ressurreição de Tamuz através da dor de Ishtar foi dramaticamente representada anualmente para garantir o sucesso das colheitas e a fertilidade do povo. A cada ano, homens e mulheres tinham que lamentar com Ishtar pela morte de Tamuz e celebrar o retorno do deus para para ganhar novamente seu favor e seus benefícios!" Quando a nova vegetação começou a surgir, aqueles povos antigos acreditavam que seu "salvador" tinha vindo do submundo, havia encerrado o inverno e causado o início da primavera.2° Até os israelitas adotaram as doutrinas e ritos do festival anual pagão da primavera, pois Ezequiel fala de “mulheres chorando por Tamuz” (Ezequiel 8:14).

Como cristãos, acreditamos que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos em realidade – não apenas na natureza ou na nova vegetação da primavera. Porque sua ressurreição foi na primavera do ano, não foi muito difícil para a igreja do quarto século (agora tendo se afastado da fé original de várias maneiras) fundir o festival pagão da primavera no cristianismo. Ao falar dessa fusão, a Enciclopédia Britânica diz: "O cristianismo... incorporou em sua celebração da grande festa cristã muitos dos ritos e costumes pagãos do festival da primavera"!

Diz a lenda que Tamuz foi morto por um javali quando tinha quarenta anos. Hislop aponta que quarenta dias - um dia para cada ano que Tamuz viveu na terra - foram reservados para "chorar por Tamuz". Nos tempos antigos, esses quarenta dias eram observados com choro, jejum e autopunição - para ganhar novamente seu favor - para que ele saísse do submundo e fizesse a primavera começar. Essa observância não era conhecida apenas na Babilônia, mas também entre os fenícios, egípcios, mexicanos e, por algum tempo, até mesmo entre os israelitas. "Entre os pagãos", diz Hislop, "esta Quaresma parece ter sido uma preliminar indispensável para a grande festa anual em comemoração da morte e ressurreição de Tamuz".

Tendo adotado outras crenças sobre o festival da primavera na igreja, foi apenas mais um passo no desenvolvimento adotar também o antigo "jejum" que precedeu o festival. A Enciclopédia Católica muito honestamente aponta que "os escritores do século IV eram propensos a descrever muitas práticas (por exemplo, o jejum quaresmal de quarenta dias) como instituição apostólica que certamente não tinha a pretensão de ser assim considerada". Não foi até o século VI que o papa ordenou oficialmente a observância da Quaresma, chamando-a de "jejum sagrado" durante o qual as pessoas deveriam se abster de carne e alguns outros alimentos.

Os estudiosos católicos sabem e reconhecem que existem costumes dentro de sua igreja que foram emprestados do paganismo. Mas eles raciocinam que muitas coisas, embora originalmente pagãs, podem ser cristianizadas. Se alguma tribo pagã observava quarenta dias em homenagem a um deus pagão, por que não deveríamos fazer o mesmo, apenas em homenagem a Cristo? Embora os pagãos adorassem o sol no leste, não poderíamos ter cultos ao nascer do sol para honrar a ressurreição de Cristo, mesmo que esta não fosse a hora do dia em que ele surgiu? Embora o ovo tenha sido usado pelos pagãos, não podemos continuar seu uso e fingir que simboliza a grande pedra que estava em frente ao túmulo? Em outras palavras, por que não adotar todos os tipos de costumes populares, só que em vez de usá-los para honrar deuses pagãos, como faziam os pagãos, usá-los para honrar a Cristo? Tudo soa muito lógico, mas uma orientação muito mais segura é encontrada na própria Bíblia: "Guarda-te... que não perguntes pelos seus deuses (deuses pagãos), dizendo: Como serviram estas nações aos seus deuses? Farei o mesmo. Não farás assim ao Senhor teu Deus... Tudo o que eu te ordeno, guarda-o e o faca; Voce nao deve adicionar as minhas palavras. Deuteronômio 12:30

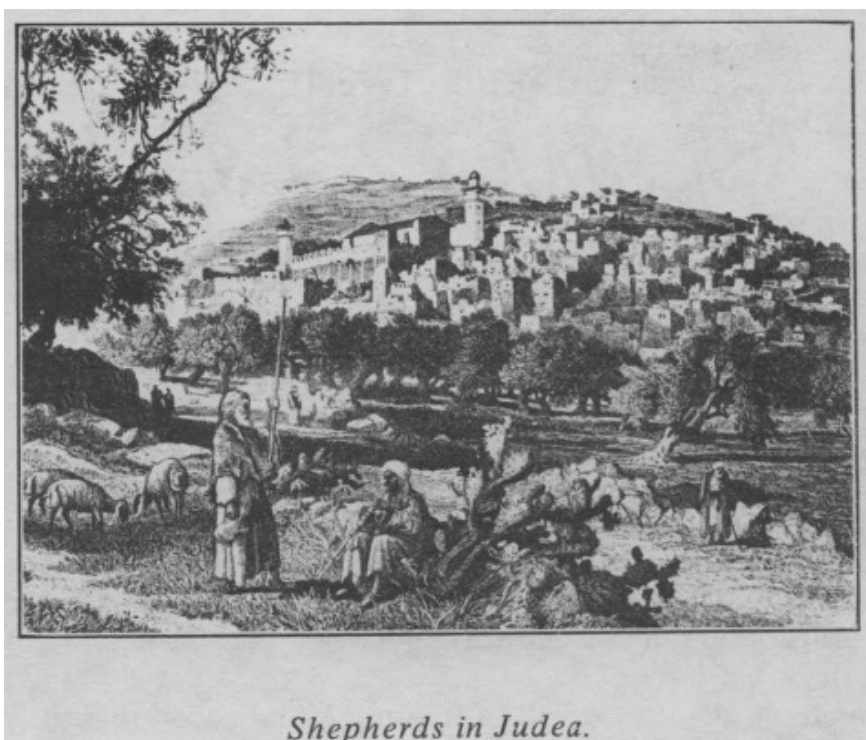
CAPÍTULO VINTE

O Festival de Inverno

NATAL—25 DE DEZEMBRO—é o dia designado em nossos calendários como o dia do nascimento de Cristo. Mas este é realmente o dia em que ele nasceu? Os costumes de hoje nesta época são de origem cristã? Ou o Natal é outro exemplo de mistura entre paganismo e cristianismo? Um olhar para a palavra "Natal" indica que é uma mistura. Embora inclua o nome de Cristo, também menciona a "Missa". Quando consideramos todas as cerimônias elaboradas, orações pelos mortos, ritos de transubstanciação e rituais complicados da missa católica romana, pode alguém realmente ligar isso ao Jesus histórico dos evangelhos? Sua vida e ministério não eram complicados por tal ritualismo. Como Paulo, tememos que alguns tenham sido corrompidos “da simplicidade que há em Cristo” (2 Coríntios 11:3) por causa da influência pagã sobre coisas como a Missa. " é auto-contraditório.

Quanto à data real do nascimento de Cristo, 25 de dezembro é duvidoso. Quando Jesus nasceu, "havia no mesmo país pastores que permaneciam no campo, vigiando seu rebanho de noite" (Lucas 2:8). Os pastores na Palestina não ficavam nos campos durante o meio do inverno! Adam Clarke escreveu: "Como esses pastores ainda não haviam trazido seus rebanhos para casa, é um argumento presumível que outubro ainda não havia começado e que, consequentemente, nosso Senhor não nasceu em 25 de dezembro, quando nenhum rebanho estava fora. nos campos... Neste mesmo terreno, a natividade em dezembro deve ser abandonada."

Embora a Bíblia não nos diga expressamente a data do nascimento de Jesus, há indicações de que foi provavelmente no outono do ano. Sabemos que Jesus foi crucificado na primavera, na época da páscoa (João 18:39). Imaginando que seu ministério duraria três anos e meio, isso colocaria o início de seu ministério no outono. Naquela época, ele tinha cerca de trinta anos de idade (Lucas 3:23), a idade reconhecida para um homem se tornar um ministro oficial sob o Antigo Testamento (cf. Números 4:3). Se ele completou trinta anos no outono, então seu aniversário foi no outono, trinta anos antes.

Shepherds in Judea.

Pastores na Judéia.

Na época do nascimento de Jesus, José e Maria tinham ido a Belém para serem tributados (Lucas 2:1-5). Não há registros que indiquem que o meio do inverno era a época da tributação. Uma época mais lógica do ano teria sido no outono, no final da colheita. Se este fosse o caso, teria sido a época da Festa dos Tabernáculos em Jerusalém, o que poderia explicar por que Maria foi com José (cf. Lucas 2:41). Isso também explicaria por que mesmo em Belém "não havia lugar na hospedaria" (Lucas 2:7). De acordo com Josefo, Jerusalém era normalmente uma cidade de 120.000 habitantes, mas durante as festas, às vezes até 2.000.000 judeus se reuniam. Essas grandes multidões não só enchiam Jerusalém, mas também as cidades vizinhas, incluindo Belém, que ficava a apenas oito quilômetros ao sul. Se a viagem de Maria e José fosse de fato para participar da festa, além de ser taxada, isso colocaria o nascimento de Jesus no outono do ano.

Não é essencial que saibamos a data exata em que Cristo nasceu - o principal é, é claro, que ele nasceu! Os primeiros cristãos comemoravam a morte de Cristo (1 Coríntios 11:26), não seu nascimento. A Enciclopédia Católica diz: "O Natal não estava entre os primeiros festivais da Igreja. Irineu e Tertuliano o omitem de suas listas de festas". Mais tarde, quando as igrejas em vários lugares começaram a celebrar o aniversário de Cristo, houve muita diferença de opinião quanto à data correta. Não foi até a última parte do século IV que a Igreja Romana começou a observar o 25 de dezembro. No entanto, por volta do século V, estava ordenando que o nascimento de Cristo fosse observado para sempre nesta data, embora este fosse o dia da antiga festa romana do nascimento do Sol, um dos nomes do deus-sol!

Diz Frazer, "O maior culto religioso pagão que promoveu a celebração de 25 de dezembro como um feriado em todo o mundo romano e grego foi a adoração pagã do sol - o mitraísmo... SOL'." Essa festa pagã foi responsável pela escolha do dia 25 de dezembro pela Igreja Romana? Vamos deixar a Enciclopédia Católica responder. "A bem conhecida festa solar de Natalis Invicti" - a Natividade do Sol Invicto - "celebrada em 25 de dezembro, tem uma forte reivindicação sobre a responsabilidade de nossa data de dezembro"!

Como os costumes solares pagãos estavam sendo "cristianizados" em Roma, é compreensível que resultaria em confusão. Alguns pensavam que Jesus era Sol, o deus-sol! “Tertuliano teve que afirmar que o Sol não era o Deus dos cristãos; Agostinho denunciou a identificação herética de Cristo com o Sol. .

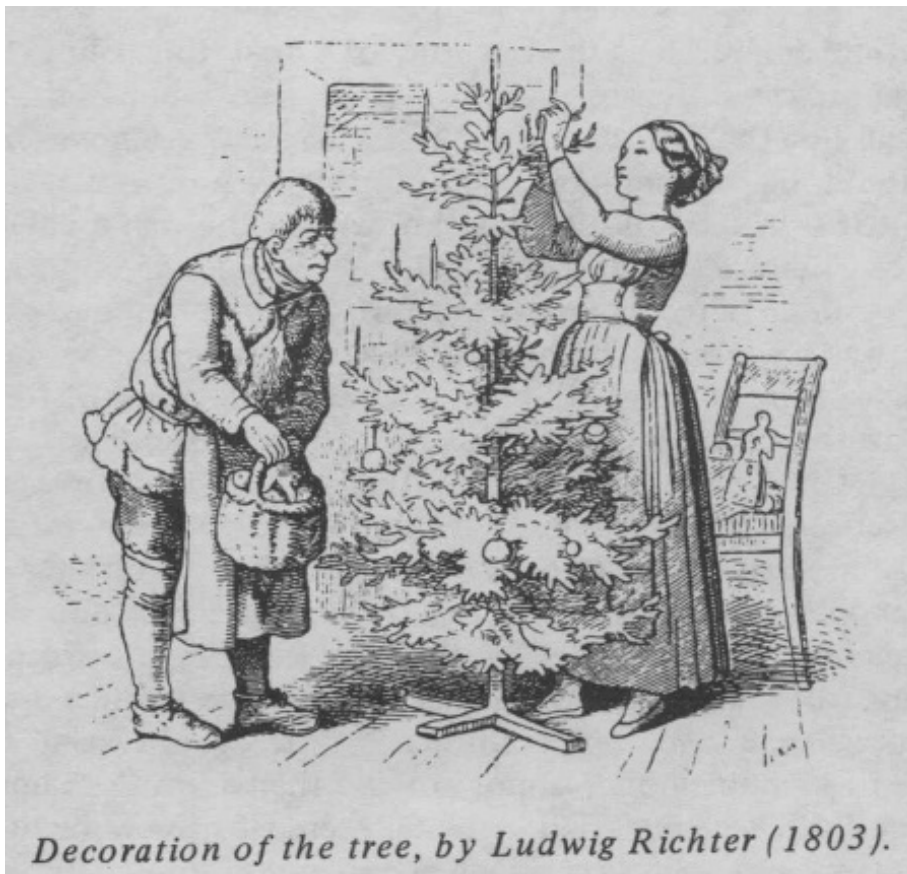
O festival de inverno era muito popular nos tempos antigos. "Na Roma pagã e na Grécia, nos dias dos bárbaros teutônicos, nos tempos remotos da antiga civilização egípcia, na infância da raça Leste e Oeste e Norte e Sul, o período do solstício de inverno era sempre um período de regozijo. e festa”. Porque esta época era tão popular, foi adotada como a época do nascimento de Cristo pela igreja romana.

Alguns de nossos costumes natalinos atuais foram influenciados pela Satumalia romana. "É de conhecimento geral", diz um escritor, "que muito de nossa associação com a época do Natal - os feriados, a entrega de presentes e o sentimento geral de genialidade - é apenas a herança do festival romano de inverno da Saturnália. .sobrevivências do paganismo”.

Tertuliano menciona que a prática de trocar presentes fazia parte da Saturnália. Não há nada de errado em dar presentes, é claro. Os israelitas davam presentes uns aos outros em momentos de celebração – até mesmo celebrações que eram observadas por mero costume (Ester 9:22). Mas alguns têm procurado relacionar os presentes de Natal com aqueles apresentados a Jesus pelos magos. Isso não pode estar correto. Quando o sábio chegou, Jesus não estava mais "deitado em uma manjedoura" (como quando os pastores chegaram), mas estava em uma casa (Mt 2:9-11). Isso poderia ter sido um bom tempo depois de seu aniversário. Além disso, eles apresentaram seus presentes a Jesus, não um ao outro!

A árvore de Natal, como a conhecemos, data apenas de alguns séculos, embora as ideias sobre árvores sagradas sejam muito antigas. Uma velha fábula babilônica falava de uma árvore perene que brotou de um toco de árvore morta. O velho toco simbolizava o morto Ninrode, a nova árvore perene simbolizava que Ninrode havia ressuscitado em Tamuz! Entre os druidas o carvalho era sagrado, entre os egípcios era a palmeira e em Roma era o abeto, que era decorado com bagas vermelhas durante a Saturnália!" Acreditava-se que o deus escandinavo Odin dava presentes especiais na época natalícia para aqueles que aproximou-se de seu abeto sagrado. Em pelo menos dez referências bíblicas, a árvore verde está associada à idolatria e à falsa adoração (1 Reis 14:23, etc.) verde" provavelmente se refere a árvores que são perenes. "A árvore de Natal... recapitula a idéia de adoração da árvore... nozes e bolas douradas simbolizam o sol... todas as festividades do solstício de inverno foram absorvidas no dia de Natal ...o uso de azevinho e visco das cerimônias drúdicas; a árvore de Natal das honras pagas ao abeto sagrado de Odin."

Levando tudo isso em consideração, é interessante comparar uma declaração de Jeremias com o costume atual de decorar uma árvore na época do Natal. "Os costumes do povo são vãos: porque do bosque se corta uma árvore, obra das mãos do artífice com o machado; enfeitam-na com prata e ouro; com pregos e martelos a prendem, que ela não se move. Eles são retos como a palmeira, mas não falam" (Jr 10:3, 4).

Decoration of the tree, by Ludwig Richter (1803).

Decoração da árvore, por Ludwig Richter (1803).

O povo nos dias de Jeremias, como mostra o contexto, estava realmente fazendo um ídolo da árvore, a palavra "trabalhador" não sendo apenas um lenhador, mas um que formava ídolos (cf. Isaías 40:19, 20; Oséias 8:4-6). E a palavra "machado" refere-se aqui especificamente a uma ferramenta de escultura. Ao citar esta parte de Jeremias, não queremos inferir que as pessoas que hoje colocam árvores de Natal em suas casas ou igrejas estão adorando essas árvores. Esses costumes, no entanto, fornecem exemplos vívidos de como as misturas foram feitas.

No século VI, missionários foram enviados pela parte norte da Europa para reunir os pagãos no rebanho romano. Eles descobriram que 24 de junho era um dia muito popular entre essas pessoas. Procuraram "cristianizar" este dia, mas como? A essa altura, o dia 25 de dezembro havia sido adotado pela igreja romana como o aniversário de Cristo. Já que 24 de junho foi aproximadamente seis meses antes de 25 de dezembro, por que não chamar isso de aniversário de João Batista? João nasceu, deve ser lembrado, seis meses antes de Jesus (Lucas 1:26, 36). Assim, 24 de junho é conhecido no calendário papal agora como o Dia de São João!

Na Grã-Bretanha, antes da entrada do cristianismo lá, o dia 24 de junho era celebrado pelos druidas com fogos ardentes em homenagem a Baal. Heródoto, Wilkinson, Layard e outros historiadores falam desses fogos cerimoniais em diferentes países. Quando 24 de junho se tornou o Dia de São João, os fogos sagrados também foram adotados e se tornaram "fogos de São João"! Estes são mencionados como tal na Enciclopédia Católica) "Eu vi as pessoas correndo e saltando pelas fogueiras de São João na Irlanda", diz um escritor do século passado, "... a si mesmos de uma maneira especial abençoada pela cerimônia." Parece que tais ritos mais cedo honrariam Moloque do que João Batista!

O dia 24 de junho era considerado sagrado para o antigo deus dos peixes Oannes, nome pelo qual Nimrod era conhecido. Em um artigo sobre Nimrod, Fausset diz: "Oannes, o deus dos peixes, o civilizador da Babilônia, surgiu do mar vermelho..." Na língua latina da igreja romana, João se chamava JOANNES. Observe como isso é semelhante a OANNES! Tais semelhanças ajudaram a promover mais facilmente a mistura do paganismo com o cristianismo.

Um dia que nos tempos pagãos era considerado sagrado para Ísis ou Diana, 15 de agosto, foi simplesmente renomeado como o dia da "Assunção da Virgem Maria" e até hoje ainda é altamente honrado. Outro dia adotado do paganismo, supostamente para homenagear Maria, é chamado de "Candelária" ou "Purificação da Santíssima Virgem" e é comemorado em 2 de fevereiro. Na lei mosaica, após dar à luz um filho do sexo masculino, uma mãe era considerada impura por quarenta dias (Lev. 12). "E quando se cumpriram os dias da sua purificação segundo a lei de Moisés", José e Maria apresentaram o menino Jesus no templo e ofereceram o sacrifício prescrito (Lucas 2:22-24). Tendo adotado 25 de dezembro como a natividade de Cristo, a data de 2 de fevereiro parecia se encaixar bem com o tempo da purificação de Maria.

Pope distributing candles on Candlemas Day.

Papa distribuindo velas

Mas o que isso tem a ver com o uso de velas neste dia? Na Roma pagã, esta festa era celebrada com o transporte de tochas e velas em homenagem a Februa, que dá nome ao nosso mês de fevereiro! Os gregos realizavam a festa em homenagem à deusa Ceres, mãe de Proserpina, que com celebrantes com velas a procuravam no submundo. Assim, podemos ver como a adoção do dia 2 de fevereiro para homenagear a purificação de Maria foi influenciada pelos costumes pagãos envolvendo velas, chegando até mesmo a chamá-lo de dia de “Calendária”. Neste dia são benzidas todas as velas a serem usadas durante o ano nos rituais católicos. Um desenho antigo mostra o papa distribuindo velas abençoadas aos padres. Diz a Enciclopédia Católica: "Não precisamos deixar de admitir que as velas, como o incenso e a água lustral, eram comumente empregadas no culto pagão e em ritos pagos aos mortos".

Se o apóstolo Paulo fosse levantado para pregar a esta geração, nós nos perguntamos se ele não diria à igreja professa, como ele fez aos gálatas há muito tempo: “Guardai dias, e meses, e tempos, e anos, Tenho medo de vós, para que não vos tenha dado trabalho em vão” (Gl 4:9-11). O contexto mostra que os gálatas foram convertidos da adoração pagã de "deuses" (versículo 8). Quando alguns se voltaram "novamente" para sua adoração anterior (versículo 9), os dias e horários que observaram eram evidentemente aqueles que haviam sido reservados para honrar os deuses pagãos! Mais tarde, estranhamente, alguns desses dias foram incorporados ao culto da igreja professa e "cristianizados"!

CAPÍTULO VINTE E UM

O mistério da mistura

TEMOS VISTO – por dezenas de exemplos – que uma mistura de paganismo e cristianismo produziu a Igreja Católica Romana. Os pagãos adoravam e oravam a uma deusa mãe, então a igreja caída adotou a adoração à mãe sob o nome de Maria. Os pagãos tinham deuses e deusas associados a vários dias, ocupações e eventos da vida. Esse sistema foi adotado e os "deuses" foram chamados de "santos". Os pagãos usavam estátuas ou ídolos de suas divindades pagãs em sua adoração, assim também a igreja caída, simplesmente chamando-os por nomes diferentes. Desde os tempos antigos, as cruzes de várias formas eram consideradas supersticiosas. Algumas dessas ideias foram adotadas e associadas à cruz de Cristo. A cruz como imagem foi honrada externamente, mas o verdadeiro sacrifício "acabado" da cruz tornou-se obscurecido pelos rituais da Missa com sua transubstanciação, drama de mistério e orações pelos mortos!

Orações repetitivas, rosários e relíquias foram todos adotados do paganismo e receberam uma aparência superficial do cristianismo. O ofício pagão e título de Pontifex Maximus foi aplicado ao bispo de Roma. Ele ficou conhecido como o papa, o Pai dos pais, embora Jesus tenha dito para não chamar nenhum homem de pai! De centenas de maneiras, os ritos pagãos foram incorporados ao cristianismo em Roma.

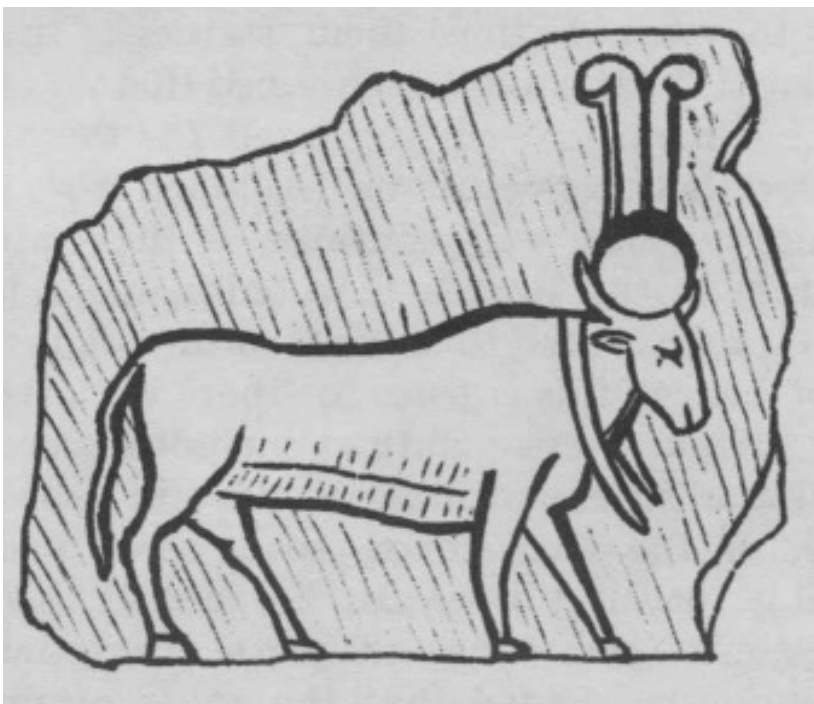
Os estudiosos católicos reconhecem que sua igreja se desenvolveu a partir de uma mistura de paganismo e cristianismo. Mas do ponto de vista deles, essas coisas foram triunfos para o cristianismo, porque a igreja foi capaz de cristianizar as práticas pagãs. A Enciclopédia Católica faz as seguintes declarações: "Não precisamos deixar de admitir que as velas, como o incenso e a água lustral, eram comumente empregadas no culto pagão e nos ritos pagos aos mortos. serviço, assim como ela adotou muitas outras coisas... como música, luzes, perfumes, abluções, decorações florais, toldos, leques, biombos, sinos, vestimentas, etc., que não se identificavam com nenhum culto idólatra em particular; eram comum a quase todos os cultos.”1 “A água, o óleo, a luz, o incenso, o canto, a procissão, a prostração, a decoração dos altares, as vestes dos sacerdotes, estão naturalmente ao serviço do instinto religioso universal... ”: certamente nossas procissões de 25 de abril são a Robigalia; os dias de Rogação podem substituir a Ambarualia; a data do dia de Natal pode ser devido ao mesmo instinto que colocou em 25 de dezembro o Natalis Invicti do culto solar.”

O uso de estátuas e costumes como se curvar diante de uma imagem são explicados na teologia católica como tendo se desenvolvido a partir do culto ao antigo imperador! "A etiqueta da corte bizantina gradualmente desenvolveu formas elaboradas de respeito, não apenas pela pessoa de César, mas também por suas estátuas e símbolos. Filostórgio... diz que no século IV os cidadãos romanos cristãos do Oriente ofereciam presentes, incenso , até orações (!) às estátuas do imperador. (Hist. ecl. II, 17). Seria natural que as pessoas que se curvassem, beijassem, enfurecessem as águias imperiais e imagens de César (sem suspeita de nada como idolatria)...deveria dar os mesmos sinais à cruz, às imagens de Cristo e ao altar... Os primeiros cristãos estavam acostumados a ver estátuas de imperadores, de deuses e heróis pagãos, bem como pinturas murais pagãs. Então eles fizeram pinturas de sua religião e, assim que puderam pagar, estátuas de seu Senhor e de seus heróis." Deve-se notar que nenhuma reivindicação por qualquer comando bíblico é sugerida para essas coisas. Afirma-se claramente que esses costumes se desenvolveram a partir do paganismo.

Às vezes, várias pinturas murais dos primeiros séculos, como as das catacumbas romanas, são mencionadas como se representassem as crenças dos cristãos originais. Não acreditamos que isso seja verdade, pois há evidências claras de uma mistura. Enquanto essas pinturas incluíam cenas de Cristo alimentando as multidões com pães e peixes, Jonas e a baleia, ou o sacrifício de Isaac, outras pinturas eram inconfundivelmente representações pagãs. Alguns acham que essa "mistura" foi um

disfarce usado para evitar a perseguição, mas, no entanto, não se pode negar que as raízes da mistura estavam presentes.

Diz The Catholic Encyclopedia: "O Bom Pastor carregando as ovelhas nos ombros ocorre com frequência, e essa preferência pode muito bem ser devido à sua semelhança com as figuras pagãs de Hermes Kriophorus ou Aristeu, que neste período estavam muito em voga ... a fábula de Orfeu foi emprestada pictoricamente e se referia a Cristo. Da mesma forma, a história de Eros e Psique foi revivida e cristianizada, servindo para lembrar o crente da ressurreição do corpo... O grupo dos Doze Apóstolos provavelmente atraiu menos atenção porque os doze Dii Majores também eram muitas vezes agrupados. Mais uma vez a figura de Orans (q. v.), a mulher com os braços erguidos em oração, era bastante familiar à antiguidade clássica... Da mesma forma o símbolo do peixe, representando Cristo, a âncora da esperança, a palma da vitória, eram todos suficientemente familiares como emblemas entre os pagãos para não despertar nenhuma atenção particular".

No Antigo Testamento, a apostasia em que os israelitas repetidamente caíram era a da mistura. Geralmente eles não rejeitavam totalmente a adoração do Deus verdadeiro, mas misturavam ritos pagãos com ela! Este foi o caso mesmo quando eles adoraram o bezerro de ouro (Êxodo 32). Todos nós percebemos que tal adoração era falsa, pagã e uma abominação aos olhos de Deus. No entanto - e este é o ponto que gostaríamos de fazer - foi alegado que esta era uma "festa ao Senhor" (versículo 5) - uma festa para Jeová (ou mais corretamente) Yahweh, o verdadeiro Deus! Sentaram-se para comer e beber e levantaram-se para brincar. Eles praticavam ritos nos quais se desnudavam (versículo 25), talvez semelhantes aos que eram realizados pelos sacerdotes babilônios nus.

Durante os quarenta anos no deserto, os israelitas carregaram o tabernáculo de Deus. No entanto, alguns deles não se contentaram com isso, então acrescentaram algo. Eles fizeram para si um tabernáculo babilônico que também foi carregado! "Mas vós levastes o tabernáculo de vosso Moloch e Chiun, vossas imagens" (Amós 5:26; Atos 7:42, 43). Estes eram apenas outros nomes para o deus-sol Baal e a deusa-mãe Astarte. Por causa dessa mistura, seus cânticos de adoração, sacrifícios e ofertas foram rejeitados por Deus.

Em outro período, os israelitas realizavam ritos secretos, construíam altos, usavam adivinhações, faziam seus filhos passarem pelo fogo e adoravam o sol, a lua e as estrelas (2 Reis 17:9-17). Como resultado, eles foram expulsos de suas terras. O rei da Assíria trouxe homens de várias nações, incluindo Babilônia, para habitar a terra de onde os israelitas haviam sido tirados. Estes também

praticavam rituais pagãos e Deus enviou leões entre eles. Reconhecendo tais como o julgamento de Deus, eles enviaram um homem de Deus para ensiná-los a temer ao Senhor. "Todas as nações fizeram seus próprios deuses" (versículos 29-31), tentando adorar esses deuses e também o Senhor - uma mistura. "Assim" - desta forma - "temeram ao Senhor, e dos mais humildes deles se constituíram sacerdotes... temeram ao Senhor e serviram aos seus próprios deuses" (versículo 32).

A mistura também era evidente nos dias dos juízes, quando um sacerdote levita que afirmava falar a palavra do Senhor servia em uma "casa dos deuses" e era chamado pelo título de "pai" (Juízes 17:3, 13; 18: 6). Na época de Ezequiel, um ídolo havia sido colocado bem na entrada do templo de Jerusalém. Os sacerdotes ofereciam incenso aos falsos deuses que eram retratados nas paredes. As mulheres choraram por Tamuz e os homens adoraram o sol ao amanhecer da área do templo (Ezequiel 8). Alguns até sacrificaram seus filhos e "quando eles mataram seus filhos aos seus ídolos", Deus disse, "então eles entraram no meu santuário no mesmo dia" (Ezequiel 23:38, 39). A mensagem de Jeremias foi dirigida a pessoas que alegavam "adorar o Senhor" (Jeremias 7:2), mas que se misturavam com ritos pagãos. "Eis", disse Deus, "vocês confiam em palavras mentirosas que não podem tirar proveito. Vocês... queimam incenso a Baal, e andam após outros deuses... fazem bolos para a rainha do céu... e venham e apresentem-se diante de mim. nesta casa" (versículos 8-18).

Considerando esses numerosos exemplos bíblicos, fica claro que Deus não se agrada com a adoração que é uma mistura. Como Samuel pregou: "Se vocês voltarem para o Senhor de todo o coração, então tirem do meio de vocês os deuses estranhos e Astaroth (o culto pagão à mãe), e preparem seus corações para o Senhor, e sirvam somente a ele: e ele vos livrará" (1 Samuel 7:3).

Devemos lembrar que Satanás não aparece como um monstro com chifres, cauda longa e forcado. Em vez disso, ele aparece como um anjo de luz (2 Coríntios 11:14). Como Jesus advertiu sobre "lobos em pele de cordeiro" (Mt 7:15), assim em vários casos o paganismo que estava disfarçado nas roupas exteriores do cristianismo tornou-se uma mistura que enganou milhões. Era como remover o rótulo de advertência de uma garrafa de veneno e substituí-lo por um rótulo de bala de hortelã-pimenta. O conteúdo é mortal da mesma forma. Não importa o quanto possamos vesti-lo do

lado de fora, o paganismo é mortal. A verdadeira adoração deve ser "em espírito e em verdade" (João 4:24) — não erro pagão.

Por causa das maneiras inteligentes que o paganismo foi misturado com o cristianismo, a influência babilônica tornou-se oculta - um mistério - o "mistério Babilônia". Mas, assim como um detetive reúne pistas e fatos para resolver um mistério, neste livro apresentamos muitas pistas bíblicas e históricas como evidência. Algumas dessas pistas podem parecer insignificantes à primeira vista ou quando tomadas sozinhas. Mas quando o quadro completo é visto, eles se encaixam e resolvem conclusivamente o mistério da Babilônia - antiga e moderna! Ao longo dos séculos, Deus chamou seu povo da escravidão da Babilônia. Ainda hoje sua voz está dizendo: "Saí dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados" (Ap 18:4).

É uma tarefa delicada escrever sobre assuntos religiosos sobre os quais pessoas muito boas e sinceras têm fortes diferenças. Alguém quer falar com franqueza suficiente para fazer um ponto, mas também para manter um equilíbrio adequado para que, ao discordar, ele não seja desnecessariamente desagradável. Como acontece com qualquer livro - certamente não excluindo a Bíblia - é inevitável que ocorra algum mal-entendido ou diferenças de opinião. Alguns podem sentir que foi dito demais, outros não o suficiente. No entanto, nas palavras de Pilatos: "O que escrevi, escrevi". Se a Igreja Católica Romana, que afirma nunca mudar, está gradualmente se afastando de práticas que alguns de nós consideram pagãs, podemos nos alegrar por qualquer progresso no caminho da verdade. Se este livro teve alguma participação nessa tendência, podemos nos alegrar.

Acreditamos que o verdadeiro objetivo cristão não é religião baseada na mistura, mas um retorno à fé original, simples, poderosa e espiritual que uma vez foi entregue aos santos. Não mais nos enredando em um labirinto de rituais ou tradições impotentes, podemos encontrar a "simplicidade que há em Cristo", regozijando-se na "liberdade com que Cristo nos libertou" da "escravidão" (2 Coríntios 11:3; Gal . 5:1).

A salvação não depende de um sacerdote humano, de Maria, dos santos ou do papa. Jesus disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). "E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). Olhemos para JESUS que é o autor e consumador da nossa fé, o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa profissão, o Cordeiro de Deus, o Capitão da nossa Salvação, o Pão do Céu, a Água da Vida, o Bom Pastor, o Príncipe da Paz, o Rei dos reis e Senhor dos senhores!

NOTES

CHAPTER ONE

1. Clarke, *Clarke's Commentary,* vol. 1, p. 86.
2. *The Jewish Encyclopedia,* vol. 9, p. 309.
3. Josephus, *Antiquities of the Jews,* Bk. 1, 4:2, 3.
4. Hislop, *The Two Babylons.*
5. Ibid., p. 12.
6. Bailey, *The Legacy of Rome,* p. 245.

CHAPTER TWO

1. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 398.
2. Gross, *The Heathen Religion,* p. 60.
3. Hislop, *The Two Babylons,* p. 20.
4. Ibid.
5. Bach, *Strange Sects and Curious Cults,* p. 12.
6. Frazer, *The Golden Bough,* vol. 1, p. 356.
7. *Encyclopedia Britannica,* vol. 14, p. 309.
8. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 15, p. 459, art. "Virgin Mary."
9. Ibid., p. 460.
10. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 484.
11. Hislop, *The Two Babylons,* p. 20.
12. *Harper's Bible Dictionary,* p. 47.
13. Smith, *Man and His Gods,* p. 216.
14. Kenrick, *Egypt,* vol. 1, p. 425. Blavatsky, *Isis Unveiled,* p. 49.
15. Weigall, *The Paganism in Our Christianity,* p. 129.

CHAPTER THREE

1. Boettner, *Roman Catholicism,* p. 147.
2. Hislop, *The Two Babylons,* p. 158.
3. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7, p. 674 art. "Immaculate conception."
4. Ibid., p. 675.
5. *Official Baltimore Catechism,* no. 2 (Lesson 11).
6. Doane, *Bible Myths,* p. 357.
7. *Encyclopedia Britannica,* Vol. 14, p. 999, art. "Mary."

8. Ibid., vol. 2, p. 632, art. "Assumption, Feast of."
9. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 13, p. 185, art. "Rosary."
10. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art,* p. 21.
11. *Encyclopedia of Religions,* vol. 3,pp. 203-205.
12. Hislop, *The Two Babylons,* pp. 187-188.
13. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7, p. 111, art. "Hail Mary."

CHAPTER FOUR

1. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 653, 655, art. "Prayers for the dead."
2. Ibid., vol, 8, p. 70, art. "Intercession."
3. Ibid.
4. Hays, *In the Beginnings,* p. 65.
5. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 78.
6. Williams, *The Historians' History of the World,* vol. 1, p. 518.
7. Dobbins, *Story of the World's Worship,* p. 621.
8. Durant, *The Story of Civilization: Caesar and Christ,* pp. 61-63.
9. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 173, art. "Communion of Saints,"
10. Ibid., vol, 9, pp. 130, 131, art. "Legends."
11. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days,* p.26.
12. *The Catholic Encyclopedia,* vol, 2, p. 44, art. "Athens."
13. *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics,* art. "Images and Idols."
14. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7, p. 636, art. "Idolatry."
15. Ibid., p. 620, art. "Iconoclasm."
16. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism,* p. 35.

CHAPTER FIVE

1. *Encyclopedia of Religions,* vol. 3, p. 264.
2. Ibid., vol. 3, p. 33; Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism,* p. 99.
3. *Scofield Reference Bible,* p. 847.
4. *Encyclopedia of Religions,* vol. 3, p. 33.

5. *Harper's Bible Dictionary,* p. 500.
6. Pignatorre, *Ancient Monuments of Rome,* p. 175.
7. Ibid., p. 177.
8. *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics,* art. "Phallicism."
9. Champdor, *Ancient Cities and Temples,* p. 22.
10. Hislop, *The Two Babylons,* p. 307.
11. Cirlot, *A Dictionary of Symbols,* p. 326.
12. Bury, *The Cambridge Ancient History–Egypt and Babylonia,* vol. 1, p. 533.
13. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 2, p. 185, art. "Babylonia."
14. Dobbins, *The Story of the World's Worship,* p. 14.
15. Brown, *Sex Worship and Symbolism of Primitive Races,* p. 38.
16. Eichler, *The Customs of Mankind,* p. 55.

CHAPTER SIX

1. *Harper's Book of Facts.*
2. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 145.
3. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art,* p. 157.
4. Vine, *An expository Dictionary of New Testament Words, p. 256.*
5. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art,* pp. 22, 26.
6. Ibid., p.13.
7. Ibid., pp. 10, 12.
8. Ibid., p. 9.
9. Prescott's *Conquest of Mexico,* vol. 1, p. 242 (quoted by Hislop, p. 199)
10. *The Catholic Encyclopedia.* vol. 10, p. 253, art. "Mexico."
11. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art,* pp. 22, 26.
12. Hislop, *The Two Babylons,* p. 198.
13. *Encyclopedia of Religions,* vol. 1, pp. 386, 494.
14. Hislop, *The two Babylons,* p. 198.
15. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 517, art. "Cross."
16. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art,* p. 64.
17. *The Pentateuch Examined,* vol, 6, p. 113.

18. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 518, art. "Cross."
19. *Encyclopedia of Religions,* vol. 1, p. 494.
20. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words,* p. 256.

CHAPTER SEVEN

1. Smith, *Man and His Gods,* p.220.
2. Durant, *The Story of Civilization: Caesar and Christ,* p. 66.
3. *The Catholic Encyclopedia.* vol. 4, p. 300, art. "Constantine."
4. Ibid.
5. Durant, *The Story of Civilization: Caesar and Christ* pp. 655, 656.
6. Ibid., p. 654.
7. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, pp. 299, 300, art. "Constantine", etc.
8. Ibid., vol. 4, p. 523, art. "Cross."
9. *Encyclopedia of Religions,* vol. 1, p. 494.
10. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 145.

CHAPTER EIGHT

1. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 524, art. "Cross."
2. *Calvin's Tracts,* vol. 1, pp. 296-304.
3. Wilder, *The Other Side of Rome,* p. 54.
4. Ibid., p. 53.
5. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 13, p. 454, art. "Santa Casa di Loreto."
6. Ibid., vol, 12, p. 734, art. "Relics."
7. Cotterill, *Medieval Italy,* p. 71.
8. Ibid., p. 391.
9. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 2, p. 661, art. "Boniface IV."
10. Ibid., vol.12, p. 737, art. "Relics."
11. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,* p. 339.
12. Hislop, *The Two Babylons,* p. 179.
13. *The Catholic Encyclopedia,* vol, 12, p. 734, art. "Relics."
14. Boettner, *Roman Catholicism,p.* 290.
15. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 12, p. 737, art. "Relics."
16. Ibid., p. 738.

CHAPTER NINE
1. Durant, *The Story of Civilization: The Age of Faith,* p. 753.
2. Ibid., p. 766.
3. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7, p. 783, art. "Indulgences."
4. Ibid., p. 784.
5. Ibid., pp. 786, 787.
6. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,* p. 23.
7. Ibid., p.735.
8. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 159.
9. Smith, *Man and His Gods,* p. 127.
10. *Encyclopedia Britannica,* vol. 22, p. 660.
11. Hislop, *The Two Babylons,* p. 167.
12. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 481.
13. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible,* No.8612.

CHAPTER ELEVEN
1. *Parkhurst's Hebrew Lexicon,* p. 602 (quoted by Hislop, p. 208).
2. Hislop, *The Two Babylons,* p. 210.
3. Ibid.,
4. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible,* no. 6363.
5. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7. p. 699, art. "Impostors."
6. Hislop, *The Two Babylons,* p. 207.
7. Smith, *Man and His Gods,* p. 129.
8. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 311, art. "Janus."
9. Ibid., p. 545.
10. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 10, p. 403, art. "Mithraism."
11. Durant, *The Story of Civilization: The Age of Faith,* p. 745.
12. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism,* pp. 63, 64.
13. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible,* no. 1709 and 1712.
14. *Encyclopedia of Religions,* vol. 1, p.502, art. "Dagon."
15. Inman, *Ancient Pagan andModern Christian Symbolism,* p. 21.

16. Layard, *Babylon and Nineveh,* p. 343.
17. Hislop, *The Two Babylons,* P. 216.
18. *The Catholic Encyclopedia,* Vol, 3, p. 554, art. "Chair of Peter."
19. Ibid., vol, 2, p. 185, art. "Babylonia."
20. *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics,* art, "Images and Idols."
21. Hislop, *The Two Babylons,* P. 214.
22. *Encyclopedia Britannica,* vol. 22, p. 81, art. "Pope."
23. Aradi, *The Popes–The History of How They are Chosen, Elected, and Crowned,* p. 108.

CHAPTER TWELVE

1. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the Confessional,* P. 138.
2. Cotterill, *Medieval Italy,* P. 331.
3. Halley, *Halley's Bible Handbook,* p. 774.
4. *The Catholic Encyclopedia,* Vol. 8, pp. 425, art. "John X, Pope."
5. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the Confessional,* p. 138.
6. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 8, p. 426, art. "John XI."
7. Ibid., p. 427, art. "John XII."
8. *Liber Pontificalis,* vol, 2, p. 246.
9. *The Catholic Encyclopedia,* Vol, 2, p. 661, 662, art. "Boniface VII."
10. Halley, *Halley's Bible Handbook,* P. 775.
11. Ibid.
12. *The Catholic Encyclopedia,* vol, 2, pp. 668, 668, art. "Boniface VIII."
13. Ibid., p. 670.
14. *History of the Church Councils,* Bk. 40, art. 697.
15. *The Catholic Encyclopedia.* vol. 4, p. 435, art. "Councils."
16. Halley, *Halley's Bible Handbook,* p. 778.
17. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the Confessional,* p. 139.
18. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,* p. 10.
19. *Sacrorum Conciliorium,* vol. 27, p. 663.
20. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,*

p. 10.
21. Halley, *Halley's Bible Handbook*, p. 779.
22. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 13.
23. Halley, *Halley's Bible Handbook*, p. 779.
24. Ibid.
25. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 8, p. 19, art. "Innocent VIII."
26. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 11.
27. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the Confessional*, p. 139.
28. *Diarium*, vol. 3, p. 167.
29. *Life* July 5, 1963.
30. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 9, pp. 162, 163, art. "Leo X."
31. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 344.
32. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 59.
33. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 8, p. 407, art. "Joan, Popess."
34. Ibid., p. 408.

CHAPTER THIRTEEN
1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 796, art. "Infallibility."
2. Ibid., vol. 14, p. 316, art. "Strossmayer."
3. Ibid., vol. 6, p. 141, art. "Formosus."
4. Ibid.

CHAPTER FOURTEEN
1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 8, p. 34.
2. Smith, *Man and His Gods*, p. 286.
3. *Ridpath's History of the World*, vol. 5, p. 304.
4. *Fox's Book of Martyrs*, p. 103.
5. *Ridpath's History of the World*, vol. 5, p. 297.

CHAPTER FIFTEEN
1. Ritter, *This is the Catholic Church*, booklet 50, p. 38.
2. Hislop, *The Two Babylons*, p. 210.
3. Ibid., p. 206.
4. *Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities*, p. 675.

5. Luther, *To the German Nobility,* p. 317.
6. Scofield, *Scofield Reference Bible,* p. 1332.
7. Cumont, *The Mysteries of Mithra,* p. 167.
8. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 10, p. 403, art. "Mithraism."
9. Ibid., p. 510, art. "Monsignor."

CHAPTER SIXTEEN
1. *Clarke's Commentary,* vol. 6, p. 601.
2. Hislop, *The Two Babylons,* p. 219.
3. Ibid., p. 220.
4. Ibid.
5. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,* p. 21.
6. D'Aubigne, *History of the Reformation,* p. 11.
7. Flick, *The Decline of the Medieval Church,* p. 295.
8. D'Aubigne, *History of the Reformation,* p. 11.
9. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 483, art. "Celibacy."
10. Ibid., pp. 483, 485.
11. Ibid., p. 481.
12. Ibid., p. 484.
13. Ibid., vol, 11, p. 625, art. "Penance."
14. Ibid.
15. Saggs, *The Greatness that was Babylon,* p. 268.
16. Hislop, *The Two Babylons,* pp. 9, 10.
17. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 291, art. "High places."
18. *Clarke's Commentary,* vol. 2, p. 562.
19. *The Catholic Encyclopedia,* vol, 14, p. 779, art. "Tonsure."
20. Ibid.
21. Hislop, *The Two Babylons,* p. 222.

CHAPTER SEVENTEEN
1. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 4, p. 277, art. "Consecration."
2. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation.* p. 749.
3. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 77.
4. *The Catholic Encyclopedia,* vol 14, p. 586, art. "Theology."
5. Ibid., vol. 10, p. 6, art. "Mass, Sacrifice of."

6. Ibid., p. 13.
7. Ibid., vol. 7, p. 346, art. "High Altar."
8. *The New Baltimore Catechism,* no. 3, question 931.
9. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 5, p. 581, art. "Eucharist."
10. Ibid., vol. 4, p. 176, art. "Communion under both kinds."
11. Ibid.
12. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation,* p. 741.
13. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 10, p. 404, art. "Mithraism."
14. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 76.
15. Prescott's *Conquest of Mexico,* vol. 3.
16. Hislop, *The Two Babylons,* p. 232.
17. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 7, p. 489, art. "Host."
18. Ibid., p. 492.
19. Ibid., p. 491.
20. Hislop, *The Two Babylons,* p. 163.
21. Wilkinson, *Egyptians,* vol. 5, p. 353 (quoted by Hislop, p. 160).
22. Blavatsky, *Isis Unveiled,* p. 351.
23. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism,* p. 34.
24. Dobbins, *Story of the World's Worship,* p. 383.
25. Hislop, *The Two Babylons,* p. 162.
26. Lethaby, *Architecture, Nature, and Magic,* p. 29.
27. Ibid.
28. Nichols, *The Growth of the Christian Church,* p. 23.
29. Hislop, *The Two Babylons,* p. 164.
30. Scott, *Romanism and the Gospel,* p. 93.
31. Boettner, *Roman Catholicism,* p. 170.

CHAPTER EIGHTEEN

1. *The Jewish Encyclopedia,* vol. 4, p. 475, art. "Day."
2. *Eternity,* June, 1958.
3. *The Catholic Encyclopedia,* Vol. 8, p. 378, art. "Jesus Christ."
4. Pettingill, *Bible Questions Answered,* p. 182.
5. *Dake's Annotated Reference Bible,* p. 13.
6. Torrey, *Difficulties and Alleged Errors and Contradictions in the Bible, pp. 104-109.*

CHAPTER NINETEEN
1. Cirlot, *A Dictionary of Symbols,* p. 29.
2. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 232.
3. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 120, art. "Friday."
4. Ibid., vol. 2, p. 105, art. "Fish."
5. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism,* p. 55.
6. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 105.
7. Hislop, *The Two Babylons,* p. 103.
8. Ibid., p. 109.
9. Ibid., p. 108.
10. *Encyclopedia of Religions,* vol. 2, p. 13.
11. Ibid., p. 12.
12. Bonwick, *Egyptian Belief,* p. 24.
13. *Encyclopedia Britannica,* art. "Easter."
14. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 5, p. 227, art. "Easter."
15. *Encyclopedia Britannica,* art. "Easter."
16. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 304.
17. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible,* no. 1242.
18. Dobbins, *The Story of the World's Worship,* p. 330.
19. Smith, *Man and His Gods,* p. 86.
20. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days,* p. 89.
21. *Encyclopedia Britannica,* vol. 7. p. 859, art. "Easter."
22. Hislop, *The Two Babylons,* pp. 104, 105.
23. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 484. art. "Celibacy."
24. Ibid., vol. 11, p. 390, art. "Paganism."

CHAPTER TWENTY
1. *Clark's Commentary,* vol. 5, p. 370, "Luke."
2. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 724, art. "Christmas."
3. Ibid., p. 725.
4. *The Encyclopedia Americana,* vol. 6, p. 623.
5. Frazer, *The Golden Bough,* p. 471.
6. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 727, art. "Christmas."
7. Ibid.
8. Walsh, *Curiosities of Popular Customs,* p. 242.
9. Bailey, *The Legacy of Rome,* p. 242.
10. Walsh, *Curiosities of Popular Customs,* p. 242.
11. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days,* p. 222.
12. Ibid., p. 238.

13. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 8, p. 491, art. "John the Baptist."
14. Toland's *Druids,* p. 107 (quoted by Hislop, p. 116).
15. Hislop, *The Two Babylons,* p. 114.
16. *Fausset's Bible Encyclopedia,* p. 510.
17. Durant, *The Story of Civilization: The Age of Faith,* p. 746.
18. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days,* pp. 27, 28.
19. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 246, art. "Candles."

CHAPTER TWENTY-ONE

1. *The Catholic Encyclopedia,* vol. 3, p. 246, art. "Candles."
2. Ibid., vol. 11, p. 90, art. "Paganism."
3. Ibid., vol. 7, pp. 666-668, art. "Images."
4. Ibid., vol. 14, p. 374, art. "Symbolism."
5. Saggs, *The Greatness that was Babylon,* pp. 182, 354.

BIBLIOGRAPHY

Araki, Zsolt. *The Popes–The History of How They are Chosen, Elected, and Crowned.* London: Macmillan, 1956.

Artz, Frederick B. *The Mind of the Middle Ages.* New York: Knopf, 1959.

Babylon the Great Has Fallen. Watchtower Bible and Tract Society. New York, 1963.

Bach, Marcus. *Strange Sects and Curious Cults.* New York: Dodd, Mead, 1961.

Bailey, Cyril (editor). *The Legacy of Rome.* Oxford: The Clarendon Press, 1923.

Benson, George Willard. *The Cross–Its History and Symbolism.* Hacker, 1934.

Blavatsky, H. P. *Isis Unveiled.* London: Theosophical Publishing Co., 1923.

Boettner, Loraine. *Roman Catholicism.* Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1962.

Bonwick, James. *Egyptian Belief and Modern Thought.*

Bower, Archibald. *History of the Popes.* Philadelphia: Griffith and Simon, 1845.

Broderick, Robert C. *Concise Catholic Dictionary.* Milwaukee: The Bruce Publishing Co., 1944.

Brown, Lewis. *This Believing World,* New York: The Macmillan Co., 1930.

Brown, Sanger. *Sex Worship and Symbolism of Primitive Races.* 1916.

Bullinger, Ethelbert William. *Number in Scripture.* Grand Rapids: Kregel, 1967.

Bury, J. B. (editor). *The Cambridge Ancient History–Egypt and Babylonia.* New York: The Macmillan Co. 1924.

Busenbark, Ernest. *Symbols, Sex, and the Stars in Popular Beliefs.* New York: The Truth Seeker Co., 1949.

Calvin, John. *Calvin's Tracts.*

Catholic Encyclopedia, The. New York, Robert Appleton Co., 1911.

Champdor, Albert. *Ancient Cities and Temples–Babylon.* New York: Putnam. 1958.

Chiniquy, Charles. *Fifty Years in the Church of Rome.* New York: Christ's Mission, 1953 (first printed in 1885).

–*The Priest, the Woman, and the Confessional.* Sea Cliff, New Jersey: Christ's Mission n.d.

Cirlot, J. E. *A Dictionary of Symbols,* New York: Philosophical Library, 1962.
Clarke, Adam. *Clarke's Commentary.* New York, Nashville: Abingdon Press. n.d.
Contenau, George. *Everyday Life in Babylon and Assyria.* London: E. Arnold, 1954.
Cotterill, H. B. *Medieval Italy.* New York: Frederick A. Stokes Co., 1915.
Cummings, Charles A. *History of Architecture in Italy.* Boston and New York: Houghton, Miffin and Co., 1901.
Cumont, Franz, *The Mysteries of Mithra.* New York: Dover Publications, 1956.
Dake, Finis Jennings. *Dake's Annotated Reference Bible.* Atlanta: Dake Bible Sales, 1963.
D'Aubigne, J . H. Merle. *History of the Reformation.* New York: Putnam. 1872.
Doane, T. W. *Bible Myths.* J. W. Bouton, 1928.
Dobbins, F. S. *Story of the World's Worship.*
Doeswyck, Peter J. *Ecumenicalism and Romanism.* Long Beach: Knights of Christ, 1961.
Durant, Will. *The Story of Civilization. Caesar and Christ* (vol. 3), *The Age of Faith* (vol. 4), *The Renaissance* (vol.5), *The Reformation* (vol. 6). New York: Simon and Schuster, 1944-1977.
Eichler, Lillian. *The Customs of Mankind.* Garden City 1924.
Encyclopedia Americana. Danbury, Connecticut: Grolier Inc.
Encyclopedia Britannica. New York: Henry G. Allen Co.
Fausset, A. R. *Fausset's Bible Encyclopedia.* Grand Rapids: Zondervan. n. d.
Flick, Alexander C. *The Decline of the Medieval Church.* New York: Knopf. 1930.
Forlong, J. G. R. *Encyclopedia of Religions.* New Hyde Park, New York: University Books, 1964.
Foxe, John. *Foxe's Book of Martyrs (sixteenth century).*
Frazer, James George. *The Golden Bough.* New York: Macmillan Co., 1935.
Gaster, Theodor H. *Myth, Legend, and Custom in the Old Testament.* New York: Harper and Row. 1969.
Goldberg, B. Z. *The Sacred Fire.* New York: Liveright. 1930.
Goldsmith, Elizabeth. *Ancient Pagan Symbols.* Gale, 1929.
Gross, J. B. *The Heathen Religion.*
Halley, Henry H. *Halley's Bible Handbook,* 24th edition,

copyright 1965 by Halley's Bible Handbook, Inc. and used by permission of Zondervan Publishing House.

Hastings, James. *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics.* New York: Chas. Scribner's Sons, 1928.

Hays, H. R. *In the Beginnings, Early Man and His Gods.* New York: Putnam, 1963.

Hefele, Karl Joseph. *A History of the Councils of the Church.* Edinburgh: T. T. Clark, 1883-96.

Hirn, Yrjo. *The Sacred Shrine.* London: Macmillan and Co., 1912.

Hislop, Alexander. *The Two Babylons.* New York: Loizeaux Brothers. 1959 (first published 1853).

Horan, Ellamay. *Official Revised Baltimore Catechism* (Number 2).

Inman, Thomas. *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism.* Bristol: 1874.

Ironside, H. A. *Revelation.* New York: Loizeaux, 1953.

Jewish Encyclopedia. New York: Funk and Wagnalls Co.

John, Eric (editor). *The Popes–A Concise Biographical History.* New York: Hawthorn Books, 1964.

Josephus, Flavius. *Antiquities of the Jews.* Philadelphia: John C. Winston Co., 1957 edition.

Layard, Austen Henry. *Nineveh and Its Remains.* New York: Putnam, 1849.

–*Nineveh and Babylon.* New York: Harper and Brothers, 1853.

Lea, Henry Charles. *History of Sacerdotal Celibacy.* New York. The Macmillan Co., 1907.

Lethaby, W. R. *Architecture, Natue, and Magic.* London: Duckworth, 1956.

Luther, Martin. *To the German Nobility.*

Masson, Georgina. *The Companion Guide to Rome.* New York: Harper and Row. 1965.

McLoughlin, Emmett. *Crime and Immorality in the Catholic Church.* New York: Lyle Stuart, 1962.

Miller, Madeleine S. *Harper's Bible Dictionary.* New York: Harper and Row, 1961.

Nichols, Robert Hastings. *The Growth of the Christian Church.* Philadelphia: The Westminster Press, 1941.

Peck, Harry Thursdon (editor). *Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities.* New York: Harper and Brothers. 1896.

Pettingill, W. L. *Bible Questions Answered.* Grand Rapids: Zondervan. n. d.

Pfeiffer, Harold A. *A Catholic Picture Dictionary.* Garden City, New York: Garden City Books, 1948.

Ridpath, John Clarke. *Ridpath's History of the World.* Cincinnati: Jones Publishing Co., 1912.

Pignatorre, Theodore. *Ancient Monuments of Rome.* London: Trefoil, 1932.

Prescott, William H. *History of the Conquest of Mexico.* London, 1843.

Robinson, James Harvey. *Earlier Ages.*

Saggs, H. W. F. *The Greatness that was Babylon.* Mentor Books, 1968 edition.

Sansom, William. *A Book of Christmas.* New York: McGraw-Hill. 1968.

Schaff, Philip. *History of the Christian Church.* Grand Rapids: Eerdmans, 1960-62.

Scofield, C. I. *Scofield Reference Bible.* New York: Oxford University press, 1917.

Scott, C. Anderson. *Romanism and the Gospel.* Philadelphia: Westminister, 1946.

Seldes, George. *The Vatican; Yesterday, Today, Tomorrow.* London: Harper and Brothers. 1934.

Seymour, William Wood. *The Cross in Tradition, History, and Art.* New York: G. P. Putnam's Sons, 1897.

Smith, Homer W. *Man and His Gods.* Boston: Little, Brown, and Co., 1953.

Strong, James. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible.* New York, Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1890.

Torrey, R. A. *Difficulties and Alleged Errors and Contradictions in the Bible.* 1909.

Tucker, Thomas G. *Life in the Roman World.* New York: Macmillan Co., 1911.

Urlin, Ethel L. *Festivals, Holy Days, and Saints' Days.* London, 1915.

Vine, William Edwyn. *An Expository Dictionary of New Testament Words.* Westwood, New Jersey: Revell, 1940.

Walsh, Mary E. *The Wine of Roman Babylon.* Nashville: Southern Publishing Association, 1945.

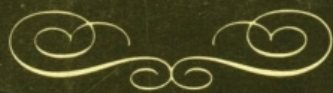
Walsh, William S. *Curiosities of Popular Customs.* Philadelphia: Lippincott Co., 1897.

Weigall, Arthur. *The Paganism in our Christianity.* New York:

Putnam's Son, 1928.

Wells, H. G. *The Outline of History*. Garden City, New York: Garden City Publishing Co., 1920.

Wilder, John P. *The Other Side of Rome*. Grand Rapids: Zondervan, 1959.

Williams, Henry Smith (editor). *The Historians' History of the World*. New York: The History Association, 1907.

BABYLON MYSTERY RELIGION is a detailed Biblical and historical account of how, when, why, and where ancient paganism was mixed with Christianity. From the early days of Babylon and the legends surrounding Nimrod, Semiramis, and Tammuz, certain rites and rituals are traced in their various developments, thus providing clues whereby the "mystery" is solved! The apostles had predicted there would come a "falling away" and the proof of their prediction is now evident in history. With such evidence in hand, all true believers should seek, as never before, the simplicity found in Christ himself and to earnestly contend for that original faith which was once delivered unto the saints.

0-916938-00-x